FON
FON
ANNO XXIII N.º 45
Rio, 9 de Novembro 1929
PRECO: 1$000
OROZIO
BELEM
RIO

"IMITAÇÕES . . . ?
—Não em minha casa!"

O uso de uma imitação ou de um substituto, em lugar da excellente CAFIASPIRINA, é uma imprudencia que póde ter más consequencias.

Por isso, em todo o lar cuidadoso taes productos são recusados em absoluto, e só se acceita a legitima

E' o unico remedio que se póde administrar a qualquer pessoa da familia sem receio, pois dá sempre rapido allivio e nunca affecta o coração nem os rins.

Ideal contra as *dôres de cabeça, dentes e ouvido; nevralgias, enxaquecas, cólicas menstruaes e rheumatismo; consequencias de tresnoitadas, excessos alcoolicos, etc.*

"esta e nenhuma outra"!

O conto brasileiro

VERÃO Paulista. "Terrasse" estylo colonial. Espreguiçadeiras de lona listada de verde. "Made in England". No ceu, a "Salomé cor de veneno" de Gay. Romantismo.

Elle — Louro, trinta annos, nervoso, magro e amargo.

Ella — Morena, dezenove annos, pequenina, modernissima.

Ella. — Conte-me uma historia.

— *Elle.* — Da carochinha ?

— Não de amor, de paixão.

— Os amores de Beethoven, por exemplo?...

— Você não quer comprehender. Quero uma historia que termine em beijos... Quero que o galan seja bonito assim como você. Beethoven era tão feio ! Só as boccas bonitas é que sabem beijar bem.

— Que disparate! Que sabe você, uma criança, a respeito do amor?

— Eu sou uma mulher.

— Physicamente. A sua alma porém continúa pueril, ignorante das emoções profundas.

— Você me faz mal aos nervos. Então não posso sentir o amor e definir o que o meu coração sente? Você é um mau amigo. Das duas uma. Ou você não sympathisa commigo, ou acha que sou muito feia.

— Não pense assim, Leonora. Você é linda. Todos lhe dizem isso mesmo. Gosto de você tanto como gostaria de minha irmã Giselda, si fosse viva. Ella teria a sua idade. Era loura e gostava de morangos...

— Você gosta dos cabellos louros?

— E do sol tambem.

— E dos cabellos escuros?

— São mysteriosos. Abomino-os.

— Bravos! Você é gentil.

— Gosto de vel-a zangada.

— O motivo?

— Nunca vi uma mulher ficar tão deliciosa assim enfurecida.

— Ainda bem. O elogio tardou mas sempre veio. E a historia?

— Não insista. Falta-me a veia de "conteur".

— Quer, então, escutar a que eu inventei? E' longa.

— Sou todo ouvidos.

— Era uma vez uma mulher, um homem louro...

— E um castello medieval.

— Errou. E uma "terrasse" emmoldurada de glycinias.

Psychologia

— Assim como esta?

— Tal qual.

— A mulher era morena ?

— Como eu.

— E o homem, louro?

— Como você.

— Deixa-me curioso.

— Ouça. Os meus personagens eram velhos amigos. Elle andava pelos doze annos quando ella nasceu. Acostumou-se a viver ao lado daquella alma que desabrochava. Adorava a Moreninha. Sentava-a nos joelhos, puxava-lhe as negras "boucles" dos cabellos, beijava-lhe as mãosinhas, o queixo, os olhos... Ensinou-a a ser boa e amavel. Quando a pequena principiou a frequentar o collegio, o rapaz, que era um ajuizado estudante de direito, ajudava-a nos estudos e imaginava-lhe brincadeiras. Assim ella chegou ao limiar da primavera. Quinze annos. O estudante era, então, um afamado advogado a quem os collegas prophetizavam um sobeerbo triumpho como orador. Era um sceptico e odiava as mulheres. Moreninha queria-o muito, mas, á proporção que ella crescia e se fazia bonita, elle a repellia tambem. Um dia, brigaram...

— Termine. Como foi isso?

— As familias de ambos emprehenderam um passeio campestre. Foi uma tarde de abril, cheia de sol e cantigas de cigarras... Aproveitando um momento em que o moço estava distrahido, Moreninha acercou-se, subtilmente, e tampou-lhe os olhos com as mãos... Fel-o curvar a cabeça para traz e beijou-o na bocca... Elle estremeceu, como se sentisse a alma açoitada... Seus olhos se abriram ante um grande peccado... Desde aquelle dia, Moreninha deixou de ser para elle a menina adorada.

Ella era uma mulher pueril... Elle odiava as mulheres...

— Depois?

— Nada mais. Acabou.

— Tão mal?

— Tristemente.

— Você não sabe fazer historias.

— Por que ?

— Não soube penetrar na alma do heróe... Psychologicamente você errou.

— Não, senhor! Desafio-o a me desmentir.

— Vamos devagar. Analysemos...

— Principie.

— Elle odiava as mulheres?

— Si as despresava...

— Está enganada. Elle odiava o amor.

— E' quasi a mesma cousa. Deixe-me perguntar agora: Por que ?

— Porque desconhecia essa paixão.

— Pode-se julgar um sentimento que a alma nunca sentiu?

— Sim, senhora. Principios, opiniões, exemplos, deducções, ambiente, natureza...

— Basta. Então o amigo de Moreninha era mais simples e mais sincero do que muitos amantes?

— Você o disse.

— Muito bem. Fui vencida pela sua logica. Terminemos a analyse. Que você pensa daquelle beijo ? Por que o moço fugiu ?

— Penso que elle foi então menos simples e menos sincero. Fugiu porque amava.

— Que pulo! Amava?

— Perdidamente.

— Oh! Agora posso terminar a minha historia. Si elle amava, ha de voltar.

— Você errou novamente. Elle voltará si for amado...

— Neste ponto não admitto a sua analyse psychologica. Moreninha ama-o muito, muito !

— Tenho a certeza de que serão felizes, Leonora !

— Felicissimos!

— *Elle — menos amargo.*

— *Ella — menos moderna.*

Beijam-se.

"A paixão é um movimento impetuoso da alma, exaltado pela imaginação."

Psychologia....

DULCE AMARA

O que nem todos sabem

As primeiras perucas não foram empregadas como mascara da calvicie, mas por motivos de limpesa. As leis do antigo Egypto, onde ellas nasceram, obrigavam todos os homens a raspar não só a barba, sinão tambem a cabeça. Isso determinou que elles, alli, então, usassem cabello artificial, e por essa razão, diversamente de outros povos orientaes, os egypcios não se serviam de turbantes, porque a peruca era sufficiente para preserval-os do calor do sol.

•

O grande poeta inglez Thomas Gray, tão conhecido pela melancolia de seus versos, necessitou de sete annos para escrever a sua immortal *Elegia*.

•

A maior parte dos animaes gosta de roubar, e o mais curioso é que todos elles pareçam comprehender que o roubo é um delicto, porque se mostram envergonhados quando são surprehendidos em flagrante. Os macacos, sobretudo, preferem roubar uma cousa, a recebel-a honradamente. Os elephantes tambem são verdadeiros cleptomanos. Em uma casa de féras, havia um que, deixado solto á noite, roubava quantas substancias comestiveis encontrava ao alcance de sua tromba.

E' tambem conhecido o caso de uma girafa que, passando o pescoço por cima das vergas de seu curral, se apropriava, á noite, do conteúdo de um posto de doces e refrescos existentes ao lado.

Em algumas collecções de féras, se observou que, si se deixam escovas ao alcance dos camellos, no dia seguinte não restam sinão os páos: a palha, durante a noite, passou para o estomago desses ruminantes.

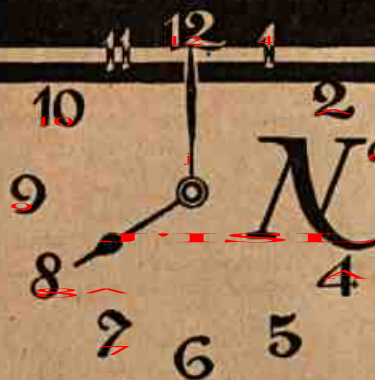
•

Ha peixes que resistem a frios extraordinarios. Um delles é o peixe negro dos rios do Alaska. Os indigenas daquelle paiz pescam muitos delles em buracos que abrem no gelo, e depois os deixam sobre a congelada superficie, até ficarem gelados, quebradiços e apparentemente mortos. Nessas condições são guardados em cestos e vão sendo comidos durante o inverno. Mas a vitalidade desses peixes é tão formidavel, que durante muitas semanas, gelados mesmo, continuam vivendo nos cestos. Uma vez, um cão engulio um desses peixes gelados, que, entrando em reacção com o calor do estomago, foi vomitado vivo.

•

As salas de autópsias, chamadas geralmente *Morgue*, devem seu nome a João Baptista Morgagni, nascido em Forli, em 1682, e fallecido em Padua, em 1771, onde ensinava a anatomia normal e a sciencia das lesões anatomicas, de que foi illustre fundador.

•

A famosa Ponte de Londres, a maior que existe sobre o Tamisa, já soffreu nada menos de seis incendios.

NOVO TRATAMENTO DO CABELLO

Restauração — Renascimento — Conservação

PELA Loção Brilhante

PATENTE N. 5739

Formula Scientifica do Grande Botanico Dr. Ground, cujo segredo foi comprado por 200 contos de réis.

Approvada e licenciada pelo Departamento Nacional da Saude Publica pelo Decreto n. 1218 de 6 de Fevereiro de 1928

Recommendada pelos principaes Institutos Sanitarios do Extrangeiro

A LOÇÃO BRILHANTE É O MELHOR ESPECIFICO INDICADO CONTRA:

Quéda dos cabellos — Canicie — Embranquecimento prematuro — Calvicie precóce — Caspas — Seborrhéa — Sycose e todas as doenças do couro cabelludo.

CABELLOS BRANCOS Segundo a opinião de muitos sabios, está hoje completamente provado que o embranquecimento dos cabellos não passa de uma molestia. O cabello cahe ou embranquece devido á debilidade da raiz.

A **Loção Brilhante**, pela sua poderosa acção tonica e antiseptica, agindo directamente sobre o bulbo, é, pois, um excellente renovador dos cabellos, barbas e bigodes brancos ou grisalhos, devolvendo-lhes a côr natural primiva, sem pintar, e emprestando-lhes maciez e brilho admiravel.

CASPAS — QUÉDAS DOS CABELLOS Multiplas e variadas são as molestias que atacam o couro cabelludo dando como resultado a quéda dos cabellos. Dastas, a mais commum são as caspas. A **Loção Brilhante** conserva os cabellos, cura as affecções parasitarias e destróe radicalmente as caspas, deixando a cabeça limpa e fresca.

A **Loção Brilhante** evita a quéda dos cabellos e os fortalece.

CALVICIE Nos casos de calvicie com tres ou quatro semanas de applicações consecutivas começa a parte calva a ficar coberta com o crescimento do cabello. A **Loção Brilhante** tem feito brotar cabellos após periodos de alopecia de mezes e até de annos.

Ella actua estimulando os folliculos pilosos e desde que haja elemento de vida os cabellos surgem novamente.

SEBORRHÉA E OUTRAS AFFECÇÕES Em todas as alopecias determinadas pela seborrhéa ou outras doenças do couro cabelludo os cabellos cahem, quer dizer, despegam-se das raizes. Em seu logar nasce uma penugem que segundo as circumstancias e cuidado que se lhe dá cresce ou degenera.

A **Loção Brilhante** extermina o germen da seborrhéa e outros microbios; supprime a sensação de prurido e tonifica as raizes do cabello, impedindo a sua quéda.

TRICHOPTILOSE Ha tambem uma doença, na qual o cabello, em vez de cahir, parte. Póde partir bem no meio do fio ou póde ser na extremidade, e apresenta um aspecto de espanador por causa da dissociação das fibrilhas. Além disso, o cabello torna-se baço, feio e sem vida. Essa doença tem o nome de trichoptilose, e é vulgarmente conhecida por cabellos espigados. A **Loção Brilhante**, pelo seu alto poder antiseptico e alimentador, cura-a facilmente, dá vitalidade aos cabellos, deixando-os macios, lustrosos e agradaveis á vista.

VANTAGENS DA LOÇÃO BRILHANTE

1.º — E' absolutamente inoffensiva, podendo, portanto, ser usada diariamente e por tempo indeterminado, porque a sua acção é sempre benefica.

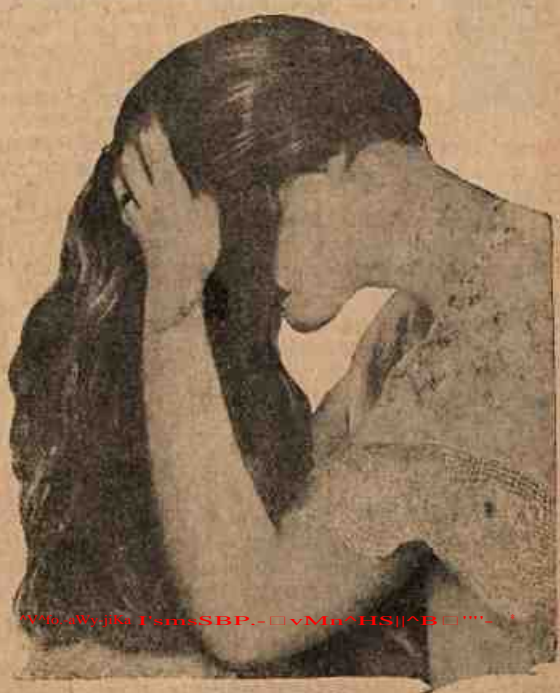
2.º — Não mancha a pelle nem queima os cabellos, como acontece com alguns remedios que contêm nitrato de prata e outros saes nocivos.

3.º — A sua acção vitalizante sobre os cabellos brancos, descorados ou grisalhos começa a manifestar-se 7 ou 8 dias depois, devolvendo a côr natural primitiva gradual e progressivamente.

4.º — O seu perfume é delicioso, e não contém oleo nem gordura de especie alguma que, como é sabido, prejudicam á saúde do cabello.

MODOS DE USAR

Antes de applicar a **Loção Brilhante** pela primeira vez é conveniente lavar a cabeça com agua e sabão e enxugar bem.

A **Loção Brilhante** póde ser usada em fricções como qualquer loção, porém é preferivel usar do modo seguinte: Deita-se meia colher de sopa, mais ou menos, em um pires, e com uma pequena escova embebida de **Loção Brilhante** fricciona-se o couro cabelludo bem junto á raiz capillar, deixando a cabeça descoberta até seccar.

PREVENÇÃO

Não acceitem nada que se diga ser a «mesma coisa» ou «tão bom» como a **Loção Brilhante**.

Póde-se ter graves prejuizos por causa dos substitutos.

PENSE V. S. em ter novamente o basto, lindo e lustroso cabello que teve ha annos passados.

PENSE V. S. em eliminar essas escamas horriveis que são as caspas.

PENSE V. S. em restituir a verdadeira côr primitiva ao seu cabello.

PENSE V. S. no ridiculo que é a calvicie ou outras molestias parasitarias do couro cabelludo.

Nada póde ser mais conveniente para V. S. do que experimentar o poder maravilhoso da **Loção Brilhante.**

Não se esqueça. Compre um frasco hoje mesmo. Desejamos convencer V. S. até á evidencia, sobre o valor benefico da **Loção Brilhante**. Comece a usal-a hoje mesmo. Não perca esta opportunidade.

A **Loção Brilhante** está á venda em todas as drogarias, pharmacias, barbeiros e casas de perfumarias. Si V. S. não encontrar **Loção Brilhante** no seu fornecedor, côrte o coupon abaixo e mande-o para nós, que immediatamente remetteremos, pelo correio, um frasco desse afamado especifico bacillar.

(Direitos reservados de reproducção total ou parcial)

Unicos cessionarios para a America do Sul:

ALVIM & FREITAS — Rua Wenceslau Braz nº. 22-sob. S. PAULO — C. Postal, 1379.

COUPON (F. - F.)

Srs. ALVIM & FREITAS — Caixa 1379 — S. Paulo

Junto lhes remetto um vale postal da quantia de réis 10$000, afim de que me seja enviado pelo correio um frasco de LOÇÃO BRILHANTE.

NOME ....

RUA ....

ESTADO ....

CIDADE ....

CONSULTA MEDICA

De JOSÉ M. BRAÑA

O dr. Pantaleão, o medico de maior clinica de Cascadura, estava em seu consultorio, esperando que déssem dezenove horas para dar por terminadas suas consultas daquelle dia e poder seguir, tranquillo, para sua casa, quando, de repente, surgiu em seu gabinete, como uma tromba, um individuo com o semblante descomposto, o olhar vidroso, o traje em desordem, e os cabellos em desalinho. Antes que o esculapio sahisse de seu assombro, o intruso o espetou com voz tremula e cheia de ansiedade:

— Antes de tudo, doutor, perdôe-me que me apresente ao senhor deste modo tão pouco correcto. Mas eu preciso, doutor, do auxilio de sua sciencia, porque me sinto morrer.

Dizendo isto, o homem se deixou cahir em uma cadeira e permaneceu um momento como que desacordado. O doutor Pantaleão procurou soccorrel-o. Quando o enfermo se reanimou, o medico lhe perguntou:

— O senhor dirá o que sente.

— Ah, doutor! Sinto cousas inexplicaveis, terriveis, enlouquecedoras.

— Perfeitamente. Diga-me, porém, onde sente essas cousas.

O enfermo desconcertado, não poude ou não sabia indicar onde as sentia. Mas, acabou fazendo-o.

— Aqui, doutor, nas costas. Do lado esquerdo.

Auscultou o medico a parte indicada. Fêl-o tossir, respirar forte, dizer *trinta e tres*, e, por fim, depois de fazer uma careta de desalento, disse:

— Ahi o senhor não tem absolutamente nada.

— Então será do lado direito.

— No lado direito tambem não tem nada — respondeu o medico, depois de praticado o exame. — E' preciso que o senhor diga claramente onde sente o mal estar.

— Sem duvida é no coração, porque o sinto numa agitação alarmante.

— Vejamos o coração.

O resultado foi igualmente negativo. Não radicava nessa viscera o mal de que se dizia victima o paciente.

— Será então no ventre, doutor, ou no appendice, ou...

Novas explorações do medico nas partes assignaladas, e novos fracassos.

— O senhor não tem absolutamente nada.

— E no estomago, doutor?

— Tambem não tem nada.

— Pois é estranho, doutor, porque me sinto mal, muito mal. Não terei, acaso, principios de alteração mental?

Novo exame do medico.

— O senhor está mais são da cabeça do que eu.

— Pois é estranho, doutor! Então, que será o que tenho?

— Para mim, o senhor não tem mais do que [...] voso, porque goza de uma saúde invejavel e de [...] constituição excellente. Mas, aclaremos: que foi [...] o senhor sentiu primeiro?

— Vae ver o senhor. Ha aproximadamente [...] hora me achava em uma reunião de amigos, qua[...] de repente, se recordou um amigo commum, [...] acabava de morrer, e um dos presentes disse:

" — Morreu sem o notar. Começou sentindo [...] dôr aqui nas costas e ficou na dôr."

" E eu comecei a sentir a mesma dôr. "

— E' o que lhe disse eu. Trata-se, apenas, [...] suggestão.

Então o outro disse:

" — Não foi nas costas, mas aqui, de um lado.

" E eu senti que minha dôr mudava tambem [...] logar. "

— Suggestão! Unicamente suggestão!

— Mas um terceiro contestou áquelles, dizendo [...] a dôr do extincto fôra na nuca.

— E a do senhor, então, passou para a nuca...

— Com effeito. Mas o ultimo dos presentes af[...] mou que o amigo morto sentira a dôr no coração.

— Bem, meu senhor. Póde ir tranquillo. O se[...] não tem absolutamente nada.

— Não sabe o senhor, doutor, que grande [...] tirou de cima de mim!

— Eu o imagino.

O cliente pagou a importancia da consul[...] quando ia sahindo por onde entrára, se voltou:

— Doutor, o senhor poderia ter a gentileza [...] deixar-me sahir por uma outra porta, para evita[...] a vergonha de passar assim deante das pessôas [...] estiverem na sala de espera?

— Com muito prazer. Póde sahir pela porta [...] serviço que dá para a travessa de Maria Santiss[...] Passe por aqui.

— Muito obrigado, doutor, e até outra vista.

Quando se havia ido aquelle ente tão aprehen[...] o doutor Pantaleão foi á sala de espera, afim de [...] si alguem aguardava sua vez, e se encontrou [...] dois policias, que conversavam com o porteiro. [...] dos policias, adeantando-se, disse:

— Estamos esperando, doutor, que o senhor [...] pache esse bom homem que tem em seu consul[...]

— Já o despachei.

— Como? Pois não o vimos sahir!

— Sahiu pela porta de serviço.

— Não diga! Santo Deus! Escapou-nos!... Val[...] de uma falsa consulta medica para nos engana[...]

— Mas...

— E' um ladrão perigoso, a quem vinhamos p[...] gindo por têl-o surprehendido quando roubava [...] infeliz.

Ouvindo estas palavras, o doutor Pantaleão [...] rapidamente a mão ao bolso, e exclamou, indig[...]

— Roubou-me a carteira!

URODONAL

Limpa o rim

Gotta
Sciatica
Rheumatismo
Arterio-esclerose
Obesidade

lava o figado e as articulações, dissolve o acido urico, activa a nutrição e oxyda as gorduras.

«Pode-se, nos casos agudos, empregar o Urodonal em altas doses, assás prolongadas sem receio de fatigar o systhema vascular ou o filtro renal do doente. Em outros termos, a zona do Urodonal tem uma grande extensão porque o mecanismo pelo qual provoca a diurese é um mecanismo physiologico.»

Prof. G. LÉGEROT,
ex-professor de physiologia geral e comparada da Escola superior de Sciencias de Argel.

Etablissements Chatelain
12 Grandes Premios
Fornecedores dos Hospitaes de Paris
7 et 9 bis, Rue de Valenciennes, em Paris
e em todas as Pharmacias.

Approvado pelo Departamento Nacional de Saúde Publica do Rio de Janeiro
N. 10 — 10 de Junho de 1910.

O URODONAL
faz uma verdadeira sangria urica
(Acido urico, uratos e oxalatos).

«Depositario exclusivo para o Brasil»: Antonio J. Ferreira & C. — Caixa Postal 624 — Rio de Janeiro. — Recusar todo o producto que não tiver a etiqueta AZUL assignada «FERREIRA» e cujos prospectos não sejam em PORTUGUEZ.

PERFUMARIAS
LOPES
RIO—S. PAULO

A VENDA EM TODO O BRASIL

Contra insectos — BORICAMPHOR

CONTAS DO MEU COLLAR...

"Meu querido. — Eu, hontem, sem querer, senti, desesperadamente, ciúmes do seu cigarro. Do seu cigarro, sim. Você póde salpicar de interrogações o seu olhar e ter para mim esse ar de incredulidade que põe, ás vezes, na sua physionomia mascula, um geito de ingenuidade, que a torna quasi infantil...

Póde mesmo não acreditar no que estou affirmando e traçar a sua duvida num riso franco — esse seu riso tão alvo e sadio, que faz de você um terrivel perigo, e que, na sua vida donjuanesca, tão farta e intensa, deve ter-lhes conquistado innumeras victorias.

Certo você não acreditará. No emtanto, hontem á noite, no aconchego da salista pequena, a minha alma de mulher que ama e é sensivel, se torceu, silenciosa, em dôr — dôr de ciume.

Na penumbra daquelle canto, onde, de preferencia, nos installamos, attrahidos pelo macio "mapple" acolhedor e pela escassez de luz diffusa do "abat-jour" discreto, você, naquelle seu gesto habitual de riscar o phosphoro, trazendo a chamma pequenina, abrigada por suas duas mãos, para junto do seu rosto, poz um clarão intenso no ambiente e sua cabeça, vivamente exposta a tanta luz, ficou em relevo, destacada no seu recorte perfeito, e um a um, os seus traços se accentuaram, mais lhes resaltando a harmonia, a firmeza e a belleza.

Quedei-me a contemplal-o. Nunca você se me afigurou tão bonito! E, estranha, eu senti um desejo louco de que ninguem, sinão eu, o visse assim, naquelle simples gesto de accender o cigarro, que, por um momento, tanto prestigio emprestara á sua belleza de ephebo.

E quando a chamma se extinguiu, e na meia obscuridade apenas restava a ponta luminosa do cigarro acceso, você ficou a seguir, distrahido da minha presença, a fumaça clara, que, em rolo, se poz a subir e a desfazer-se em nada...

Depois, displicente, sacudiu a cinza no bojo da guitarra de um pierrot, longo e pallido, que, desolado, fixa um olhar vazio sobre as cinzas desfeitas, que lhe lembram, talvez, seu sonho findo, e, puxando-me para junto, você me envolveu com o seu braço forte... A minha cabeça pendeu sobre o seu hombro. E ficámos os tres, silenciosos, desenrolando cada um o seu pensamento — o cigarro a pensar sobre sua vida ephemera de cigarro, você a pensar, talvez, no prazer ephemero de um cigarro e eu, que um cigarro, ás vezes, embora ephemero, é mais poderoso no fixar um pensamento do que um duradoiro amôr de mulher...

Elle — entre os seus dedos, eu — sob o seu braço. Entre nós pouca differença você punha, naquelle momento. E foi por isso, por um sentimento absurdo de ciume e revolta, que fugi, repentinamente, á caricia distrahida e guardei aquelle ar "esquivo" que você notou e nã o comprehendeu.

E quando, ao despedir-se, beijando-me as mãos demoradamente, com ternura que fez bater forte o meu coração, eu não quiz responder á sua nova inquisição sobre o meu "ar estranho e indifferente". Não quiz, porque, certo, se riria de mim, primeiro, e depois, fallando-me com aquella voz grave e terna que sabe ter, dissiparia logo os meus ciúmes.

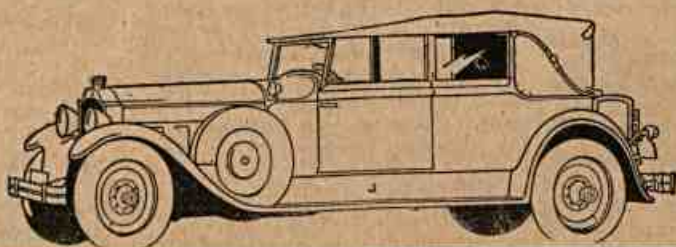
E eu não teria passado por essa deliciosa tortura que é ter ciúmes de você!"

Anna Lucia.

CONSULTE UM POSSUIDOR D'UM PACKARD

A palavra "estylo" quando se applica ao Packard significa sempre mais alguma cousa, além de belleza e elegancia.

Logicamente associado a esta palavra está o termo "duradouro" — um caracteristico que o Packard possue ha já um terço de seculo.

O estylo inimitavel do Packard desenvolveu-se de um modo tão correcto e natural — como o desabrochar de uma bella flor — que nunca foi prejudicado pelos caprichos da moda, que frequentemente tornam ridiculo amanhã o que hoje é considerado elegante.

P A C K A R D

Distribuidores

Companhia Commercial e Maritima

AUTO GERAL

Rua Benedictinos, 1 a 7

Rio de Janeiro

T. DE CARVALHO (Minas) — Aqui vae a sua carta. Ella é deliciosa: "Attenciosas saudações. Sr. Yves. Em primeiro logar desejo a paz e felicidades. Eu no desejo de estreitar os laços de amisade e sympathia entre as illustres, figuras de vossa conceituada revista que é o "FON-FON", venho por meio destas linhas vos offerecer cheio de affecto, o meu sincero coração.

Pois não o conheço v. ex. pessoalmente mas, como sou distincto, amigo do "FON-FON" já á quasi dois annos, bem sei o que é o vosso nome no coração de toda, á humanidade. E comparo-a o vosso nome que é tão, digno e amado por todos, como um cravo gravado no peito das melindrosas. Como v. ex. manda dizer que ahi está promto a responder toda e qualquer consulta, espero dignamente em ser attendido. Interrogo á v. ex. mais uma pergunta: Caso não occupando espaço de alguma predilecta. A' secção de "Saibam todos" aceita-se versos ou sonetos de qualquer um amigo de "FON-FON"? ou para isso e necessario que tenha a assignaturas deste na redacção. Com tudo para ao anno de 1930 terei o grande prazer de ser um assignante nessa revista. Pois queira descupar-me os erros pela primeira vez porque esta foi feita ás 10 horas noite.

E como bem sei que as douze horas do dia são poucas, para attender todos vossos leitores, aqui termino com os mais vivos, agradecimentos do amigo e admirador.

Peço-lhe se for distinguido por alguma, resposta maliciosa, queira occulta-me no pseudonimo de T. de Carvalho. Minas."

Meu caro poeta. O que se exige aqui para ser assignante do FON-FON é que o pretendente pague a assignatura — não nos passando o calote.

Agora, o que é necessario para publicar versos em nosso semanario, é que o poeta saiba ao menos escrever uma carta, que não mereça 0 (zero), como a sua...

Quanto ao mais a terra continuará a gyrar em torno ao sol — até que seprove o cantrario.

GILBERTO GONZAGA (S. Paulo) — O seu soneto *Depois de um anno* vae ser publicado.

EDUARDO MARTINELLI (Bahia) — A sua collectanea *Vida*, que me offerece, revela que o sr. é um habil *conteur* — senhor da technica necessaria a esse difficil genero literario. E' verdade que falta aos seus contos uma certa mobilidade — o que só se obtem com o dialogo, entre personagens que se movam com naturalidade.

Apesar dessa falha — sem a

qual os seus contos seriam perfeitos — o seu volume não dá para fatigar o leitor: os seus capitulos são laconicos e vibrantes.

Grato pela offerta do seu livro.

LOTI (S. Paulo) — Muito agradecido pelas palavras amaveis que me dirige.

ALBERTO RIBEIRO DA VINHA (Capital) — A emenda foi peor que o soneto. O verbo *originar* está mal empregado. *A dôr de que me origino* ou que me dá *origem* — eis a fórma que o sr. deve empregar. *Conselho* está forçado. Ha nelle decassyllabos intragaveis. Si o sr. os concertar, dando-lhes mais plasticidade, mais doçura e harmonia, terá certamente um formoso soneto. Salva-se *Luta*, que será publicado, apesar do 2º verso do 2º quarteto:

...como um sepulchro; — embora!
Avante. De aço.

DAISY (Capital) — Tenha paciencia: não sou graphologo.

A Empreza do *Fon-Fon* agradece os elogios que lhe dirige.

MARILDA (S. Paulo) — Hum! Não é nada agradavel o que me pede. Graphologia! Como isso é desconcertante! As damas não tem senão essa curiosidade: conhecer o proprio caracter. Os homens, na sua maioria, querem saber si são poetas.

Uns e outros se parecem: os poetas... d'agua doce me descompoem; as damas, cuja graphologia não vae seguida de elogios retumbantes, me pagam com identicas insolencias.

De sorte que essas missivas, cujo texto se referem a uma coisa e outra, em geral, me deixam desconcertados. Que fazer?

Escreve V. Ex.:

"Prezado Yves — Ha muito tempo venho ensaiando para lhe escrever, porque sinto uma grande curiosidade em saber o que revela a minha letra. Mas, as suas respostas, que sempre leio na secção "Saibam Todos" do "Fon-Fon", tiraram-me completamente o animo. Agora, que teve a gentileza de, tão promptamente attender a Alcymira, não resisti e resolvi arriscar.

Serei bem succedida? Attender-me-á? Creia que lhe serei muit[o] grata.

Fico, portanto, á espera do que de bom ou máo, trouxer um d[os] proximos numeros do "Fon-Fon". Marilda.

Sou sua admiradora desconhe[cida]".

Que fazer? pergunto eu.

Emfim, como a sua letra não é má — vá lá que seja.

Comecemos...

A sua graphia revela um tempe[ra]mento orgulhoso, altivo, prep[o]tente, autoritario — embora s[ob] uma fórma doce, de bom humor [e] alegria. E' vaidosa, um pouco p[e]dante, mesmo fatua. Egoista — n[o] bom sentido da palavra, — ind[i]cando o engrandecimento de [si] mesma. Raciocinio claro, facil, d[o]minio dos proprios sentimentos [e] impulsos. V. Ex. é dessas que não deixam levar por cantigas.

E' prodiga e possue muito bo[m] gosto. Gosta de chamar a atte[n]ção para sua pessoa e sendo g[e]nerosa, é violenta e voluntario[sa]. Alegre, zombeteira, desfructa um[a] saude de ferro. Pelo menos se te[m] alguma doença, essa não impe[de] que seja risonha e optimista.

E' um pouco indolente e sensu[al]. Na sua assignatura — si é ver[]dadeira — descubro uma creatur[a] combativa, que passa, facilmen[te] a atacar aquelle que a atacou. [E] ainda ahi está confirmado o se[u] espirito egoistico. Egoismo inte[r]essante — que arrecada mui[to] para si, no que se refere a coisa[s] materiaes, para distribuil-as, em seguida, si fôr necessario.

E agora, si V. Ex. não concor[]dar comigo, espero que terá a d[e]licadeza de convir em que fazer u[m] estudo graphologico, com um cert[o] criterio, é tarefa penosament[e] difficil.

Infelizmente o publico assi[m] não comprehende.

A. L. S. (?) — Si a sua car[ta] não representa a perfidia de al[]gum cavalheiro que escreve em se[u] nome, — com o intuito de mettel[-o] a ridiculo — estou inclinado a cr[er] que o sr. é um caso de sanatori[o] e não de literatura.

Vejamos a sua missiva. Ell[a] sem tirar nem pôr:

"Caro amigo Yves, Rio. — E[u] sou um constante leitor do *Fon-Fon* — e leio muito a sua secçã[o] "Saibam todos!..."

Eu actualmente sou estudant[e] porém tenho idéa, aliás, não é ma[is] idéa já é uma realidade; sou in[]ventor de machina que dará lu[z] para o universo inteiro, mas falt[a]-me o principal é o DINHEIRO. Q[ue] sabe Senhor poderia me arran[jar] alguns capitalistas desses que mo[]ram ahi nessa Capital — para m[e] emprestar 2.000.000:000$000 dois milhões de contos de réis que eu lhe mandarei meus plan[os]

BIBLIOTHECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL

Outro dia, minha namorada que chama-se X..., fez 14 (quatorze) annos, eu ia ao baile porém por força fortuita do destino não pude, eu não fui, porém fiz-lhe esse soneto que lhe offereci, que peço para o amigo publical-o:

QUATORZE ANNOS!

A' X...

Sua alma deve estar contente
Pela data que hoje fulgura
Sendo assim alma não sente
De animar nova ventura.

Os campos com suas mattas
Estão coberto de flores
Sendo todas brancas só
Quatorze de cores.

As flores tornaram-se em uva
E Deus para commemorar
A data mandou uma grande chuva.

Essa vida é cheia de enganos
Que a gente tem de passar...
— Hoje tens, querida, 14 annos!...

Mais, tarde, no outro correio, mandar-lhe-hei outras poesias para o Snr. publical-as "A MORTE DO GATO" — "O CASAMENTO" — "DESPEDIDA DUM AMIGO" — "URURU' REI" — "MORTE DA CRIANCINHA..." e muitas outras.

Os meus amigos gostam muito das minhas poesias, foram elles que animaram-me a publical-as... gostam tanto que chegam até rirem, como snr. sabe em todos meios tem "cretino", assim passa commigo eu tenho amigo que me disse assim:

— Antonio, não fazer besteira de mandar as tuas poesias para o *Fon-Fon*, o Yves não é brincadeira...

E com esse "cretino" já briguei com elle, não é mais meu amigo.

Seu admirador.""

Não, sr. poeta, o seu logar não é no "Saibam todos..." Procure o professor Juliano Moreira...

IRACEMA (S. Paulo) — Infelizmente não lhe posso dar informação segura sobre o livro que me pede. "Luzia Homem" é uma obra de these. O estudo de uma mulher, sob uma fórma um tanto realista. (Si esse livro convem a uma moça, é coisa que não posso responder. Tudo depende da sua educação, dos seus principios, da sua mentalidade. Ha jovens que lêem Zola com a mesma naturalidade e desembaraço com que leem as "Horas Mariannas" ou Delly, ou Ardel.

A moral é coisa relativa. Basta dizer que jovens que põem todo escrupulo na leitura de um romance e se exhibem semi-nuas nas praias de banho.

Ahi a sua moral é de um relativismo a toda prova. Moral para a alma e não para o corpo.

Ha outras que lêem Zola, Eça de Queiroz, Bourget, Balzac, Catulle Mendés — e não se exhibem semi-nuas nos balnearios.

Ahi a moral é relativa á alma e ao corpo.

Em materia de letras, penso com Oscar Wilde — para quem não havia livros immoraes e sim livros bem ou mal escriptos.

Na duvida, aconselho-a a ler a "Historia da Carochinha", que é divertida, innocente e convem a todas as mentalidades: — as de bitola estreita e larga.

JANE (S. Paulo) — Palavra de honra! Não entendi a sua carta. V. Ex. me dá a impressão dos ventriloquos, pessoas que falam "dentro de si". V. Ex. parece que escreve "dentro de si mesma".

Vejamos este trecho de sua missiva: "Sei que aprecia Didi Caillet e foi por ter notado uma leve semelhança em sua fantasia *Coração* com o meu conto que *animei-me* a endereçar-lho esperando obter de si uma critica favoravel".

Que horror! Como V. Ex. escreve mal! Que trapalhada.

I — Nunca escrevi fantasia com o titulo de *Coração;* II — V. Ex. emprega mal os pronomes; III — Lendo o seu *Conto de fada*, verifiquei que é muito pueril. Portanto não serve para o *Fon-Fon;* IV — Que tem a minha admiração por Didi Caillet com a sua ventriloquia... epistolar?

LYSE (S. Paulo) — Ah! Agora sim. V. Ex. parece que adivinhou o meu pensamento. Quando V. Ex. vier ao Rio encontrará o que deseja possuir. Está entendido?

E' verdade: mandou-me o cart... mas esqueceu de enviar a sua photographia. Seria a pressa do correio?

"Como pode você saber," etc. pergunta-me V. Ex. Não sei n... ao certo. Tenho um palpite.

Veja si está de accordo com sua equação. As letras devem... *d* ou *V.* — *C* acredito que n... Do contrario, V. Excia. não ... ria "que desejava possuir aq... le g..."

Espero que as *reticencias* se clareçam com a maxima brevidade...

Pode ser?

Como vê, falo numa lingua... charadistica, — conforme V. E... exigiu.

O resto não pode ser numa se... ção publica. E' logico, não é?

Faço votos pelo seu prompto re... tabelecimento, pois uma creatu... que possue o seu formoso espir... deve viver muitos annos. V. Ex... franceza?

Até breve.

CILAC (Capital) — Francame... te, não comprehendi as intenç... de sua missiva côr de cinza. Q... V. Ex. elogiar-me, fazendo ... amaveis referencias á minha a... gada personalidade literaria, ... pretende diminuir-me com aque... imagem da fabula de La Fontai... Porque não posso eu ser o cor... Julgar-me-á inferior á *raposa?*

Quererá ter a bondade de ex... car a sua phrase?

ZE' QUITOLES (S. Paulo) — ... sr. me elogia com enthusiasmo ... acaba por me pedir o estudo ... sua letra. Mas não me auxilia e... nada.

Primeiro porque atrapalha a ... nha acção, escrevendo em sent... perpendicular — ao contrario ... toda gente, que escreve em lin... horizontal; depois porque me ... um simples pseudonymo, em lo... da sua assignatura verdadeira.

Ora, essa tem uma grande im... portancia no estudo da grapho... gia.

E' facil fingir um nome qu... quer. Mas nesse caso o ludibri... será o consulente — que obterá ... resultado falso, sobre seu carac...

E' curioso que muitas dessas p... sôas — de uma intelligencia n... tiva, já se vê! — ainda me d... compõe porque o retrato não sa... fiel.

Eis porque, em geral, respon... a muitas dessas pessoas como ta... bem ao sr.: "Não sou grapholog..."

NATAN (Minas) — Dirija-se ... Livraria Alves, á rua do Ouvid... 166 e obterá os livros que des... adquirir.

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitam, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97 — Telephone Central 4136.

FON-FON — 9-11-1929

Nome do consultante ....

....

Data da consulta ....

O EXEMPLO

Suzi Mathis

PARADO deante da porta do cinema, Felippe Delmes sente que a impaciencia o invade. Felizmente, conhecendo o costume que tem Odila de chegar invariavelmente atrazada, teve a precaução de comprar antecipadamente as entradas.

De repente, percebe que ella vem apressadamente para o logar onde elle se encontra, atropelando tudo e todos os que se collocam á sua passagem.

Felippe, enlevado, contempla, admira mais uma vez o bello e querido rosto ruborizado pela agitação da pressa, e os cabellos doirados que emergiam de sob o pequeno chapéo que os cobria.

— Saúde, saúde, tres vezes saúde, adorado tormento! — exclama a joven, ao chegar perto de seu noivo. Pensavas que eu ia deixar de vir? Atrazei-me mas a culpa não foi minha. Primeiro foi a *trouxa* da minha tia, que agora anda *cheia de dedos* e não me quer deixar sahir. Depois foi o burro do bonde...

Visivelmente contrariado, Felippe a interrompeu:

— Faze-me o favor, Odila, de moderar tuas expressões, que já sabes me chocam, e fala como gente.

Odila ensaiou uma careta de desgosto.

— Continuas com tua mania de moralidade, e *estrilas*. Mas, bem sabes que faço tudo para falar bem, mas não posso corrigir-me assim, de repente. Pouco a pouco irei amoldando-me, e ha de chegar o dia em que não terás de corar deante da linguagem da tua futura mulherzinha. Mas, quando a velha se zanga, *é um buraco*...

Felippe toma-a pelo braço, entra com ella no cinema, e procura acalmal-a:

— Não dês importancia a isso, minha filha. Falta pouco para nos casarmos, e então te verás livre da impertinencia de tua tia.

— E' para a gente enlouquecer! Todo-o dia a velha *enguiça* commigo! E' um inferno!

Felippe, desalentado, se dav por vencido. Seus esforços para procurar que sua noiva moderasse suas expressões de gyria resultavam inuteis. Não conseguia descobrir algum meio para corrigil-a e ensinar-lhe a se expressar correctamente.

Odila trabalhava em um grande atelier de costura. Seis mezes antes havia atravessado um dedo com uma agulha, e teve que ser operada, no hospital. Felippe, que era interno do hospital, foi um dos auxiliares da operação. Dahi nasceu a mutua sympathia que depois se transformou em noivado.

O joven estudante ficára rendido á graça e franqueza que caracterizavam a alegre operariazinha, que, orphã de paes, morava com uma velha e impertinente parenta, a que chamava tia.

Depois as relações dos jovens se formalizaram, e ficou combinado que se casariam logo que Felippe obtivesse seu diploma de medico.

A' sahida do cinema, e emquando Odila conservava alegremente, Felippe permanecia triste. Reflectia que, diariamente, sua noiva parecia mais encantadora apesar de todos os seus defeitos. Sentia-se profundamente apaixonado. Só tinha um desgosto: ouvir os termos de gyria que enchiam a linguagem de Odila, que não eram dignos da esposa de um futuro facultativo. Como poderia corrigil-a e encaminhal-a para o bom dizer?

— Que tens que estás tão triste? — perguntou-lhe Odila.

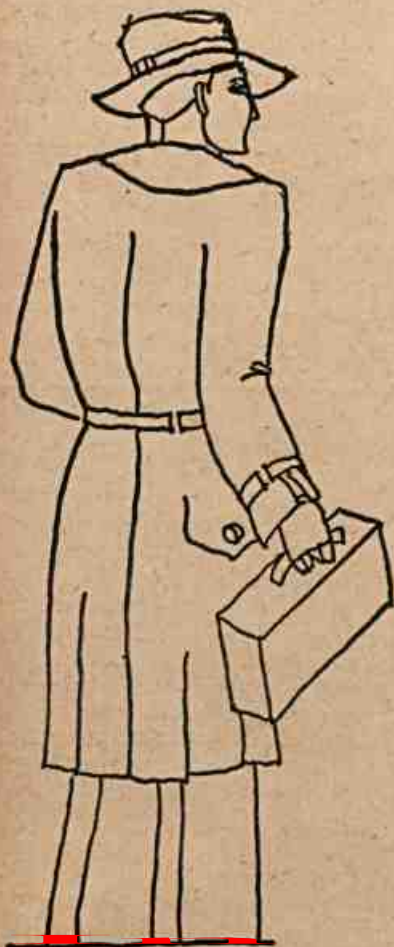
— Nada de grave, querida — respondeu Felippe. — Reflectia sobre nossa futura felicidade, pois já se aproxima o dia de nosso casamento.

— Faremos cada *farra!* Será uma belleza! Não é verdade?

Um forte accesso de tosse impediu-a de continuar.

— Desde quando estás resfriada? — perguntou, solicito e alarmado, Felippe.

— Ha alguns dias. A velha mandou-me fazer compras á noite, e como fazia muito frio, apanhei um catarro *cachorro!* Como é horrivel o frio! O calor é muito melhor!

Uma idéa luminosa atravessou nesse momento o cerebro de Felippe. Lá pelas serras fluminenses de Santa Maria Magdalena havia uma velha senhora que

queria como a um filho, apesar de ser apenas uma prima longinqua delle. Tratava-se de uma pessôa extremamente escrupulosa, sobretudo na linguagem, e que possuía uma bella casinha, rodeada de arvores e cheia de luz e sol. Sabia que ella não se negaria a attender ao pedido que elle lhe fizesse, de acceitar por alguns mezes sua futura prima. Esta, por sua vez, além de lucrar na saúde, perderia, certamente, com o trato da distincta senhora, o habito de servir-se de expressões baixas. Por que não tentar a aventura?

— Mas, que tens, Felippe, que andas rindo sózinho?

— E' que acabo de resolver um problema que me trazia preoccupado.

— *Desembucha!*

— Curiosa! Pois é isto: minha noivinha vae deixar o atelier muito antes do que pensava. Irá para Santa Maria Magdalena, onde, ao tempo que se curará de tosse tão incommoda, será tratada e mimada por uma velha senhora, a quem muito ha de querer.

— Deixa-te de prosa! — exclamou Odila, incredula.

— Digo-te a verdade. Vamos a tua casa, e falarei com tua tia.

Assim o fizeram. Posta ao corrente do projecto de Felippe, a velha não fez objecção. Odila, por sua vez, ficou contentissima. Deixar o atelier, ir para o campo, não soffrer as impertinencias da tia, que felicidade!

No dia seguinte, Felippe escreveu uma longa carta a sua parenta, explicando-lhe sua situação, e, ao receber a resposta affirmativa, providenciou para que Odila partisse, ébria de alegria, para a morada de sua nova educadora.

*

CHEGOU a primavéra. O sol inunda de luz as formosas serras de Santa Maria Magdalena. Pela janella do trem que o conduz, Felippe contempla as lindas paisagens que se lhe apresentam á vista. Sente-se plenamente feliz. Vae fazer quatro mezes que Odila se acha com sua parenta e, pelas cartas que recebeu della, poude notar a transformação que se deve ter operado em sua joven noiva. Devido á bôa influencia da velha senhora, o pardal carioca se transformou em uma joven reservada, culta, recatada. Suas missivas já não se acham illuminadas com suas expressões de gyria que tanto desolavam seu noivo. Com estylo sobrio e linguagem correcta, ella lhe conta todas as amabilidades que sua parenta lhe prodigaliza, e não cessa de ponderal-as e agradecel-as. Felippe, encantado, aproveita uns dias de férias para ir visital-a.

Chega a seu destino. Desce do trem, e momentos depois percebe a risonha casinha com seu jardim cheio de flôres e seu sitio cheio de fructas. Experimentando uma grande emoção, bate palmas.

— Felippe! Meu querido Felippe!

E Odila, sahindo apressadamente, corre a seu encontro.

— Não é verdade que isto aqui é delicioso? Si soubesses o bem que me fizeste mandando-me respirar estes ares!

Uma bola negra atravessa rapidamente a salinha.

— E' o "Negro", o gato da prima — explica Odila. — E' um animal terrivel, que, com suas *façanhas*, enlouquece a bôa senhora. Como dona Edwiges vae ficar alegre, quando te vir, Felippe! Ella gosta tanto de ti!

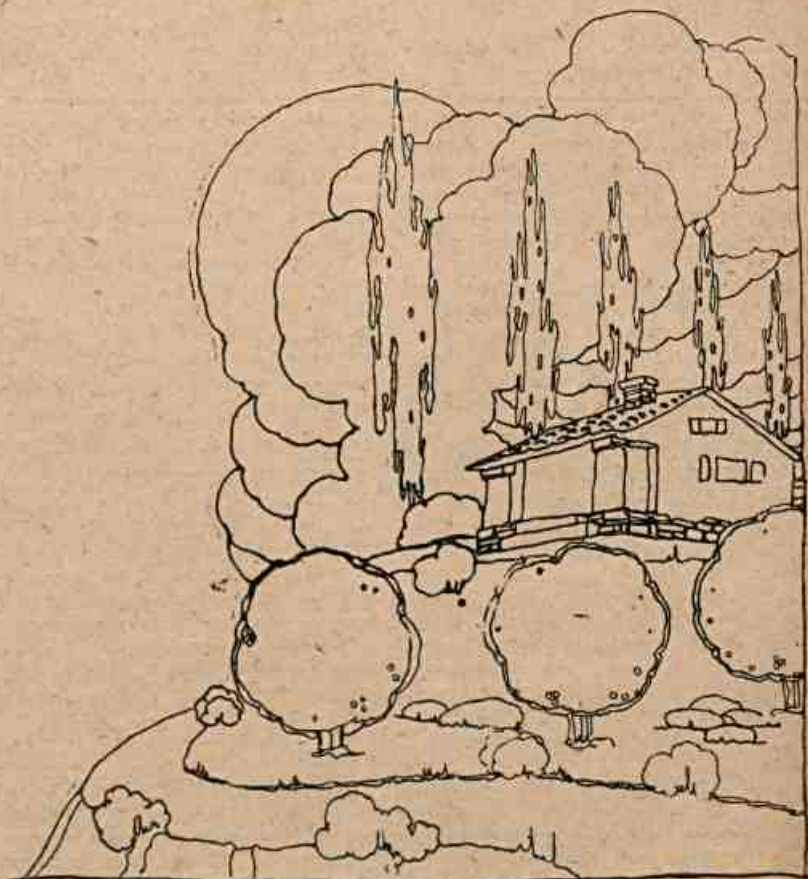
E a palestra, amena e terna, continúa.

De repente, o rapaz se levanta alegremente, vae correr para o compartimento immediato, mas se detém bruscamente.

— Ah, si te agarro, gato maldito! Indecente! Querias, então, comer o pobre do canario? Bandido! Sem vergonha! Indecente!

— Que horror! — exclama Felippe. — Quem se atreve a usar semelhante linguagem nesta casa?

— Não dês importancia, Felippe. E' tua prima, dona Edwiges, que se zangou com o gato. Nada mais!

(Illustrado por Marcelo Roberto)

INVEJA

De

PIERRE VALDAGNE

ENCONTREI o meu amigo Trucot no momento em que se dispunha a escrever. Parecia applicar uma grande attenção ao seu trabalho. Mas a crispação dos seus labios, os seus olhos fulgurantes e o gesto nervoso de sua mão esquerda, assanhando os cabellos grisalhos, indicavam que Trucot estava de máo humor.

—Peço-te perdão, disse elle. Escrevo a esse imbecil de Letournois.

—Eu não o conheço.

—Nada perdes com isso. Letournois é um imbecil. A sua mulher é outra.

Elles dois me aborrecem.

— Ha imbecis que são inoffensivos.

— Os Letournois, não têm, ao que sei, feito mal a pessoa alguma. Mas elles me fatigam. E' o bastante.

— Por que é que elles te fatigam ?

— Porque têm o desaforo de ir á Veneza.

— E isso, é motivo para que alguem se aborreça ?

— Quando se trata dos Letournois, sim. Elles não devem ir á Veneza. Nem têm o que fazer lá. Vou demonstrar-lhes que Veneza e elles não é coisa que se comprehenda. E espero desgostal-os durante essa viagem absurda.

Como fiquei um tanto perplexo, Trucot cada vez mais excitado, ajuntou:

— Letournois tem cincoenta e cinco annos e a esposa, cincoenta. Ganharam dinheiro no commercio de papel. Nunca sairam do seu bairro—Marais. Letournois se retira e concebe a idéa ridicula de ir á Veneza. Por que Veneza ?

E' a pergunta que me faço. Elles são bestas, são tapados, não têm nenhum senso da poesia, nem do bello. São beocios. Que veriam elles em Veneza ? Vamos ! Quero que m'o digas ?

Respondi a Trucot:

— Veriam o que tu já viste. Porque os teus amigos Letournois, que trabalhavam toda a sua existencia, não teriam desejo de fazer essa peregrinação, que se tornou classica ?

— Elles nada comprehenderiam dali.

— Quem sabe ?

— Eu. Para gosar um logar assim maravilhoso como Veneza, é mistér possuir uma natureza delicada, um espirito cultivado e a alma de um poeta. Eu fui a Veneza e senti-a. Comprehendi-a. Elles não ! Nada comprehenderão.

—Que vaes escrever a esse homem, que acho tão sympathico ?

Trucot voltou-se na sua cadeira. Fechou um olho e respondeu:

— Sou mau. Pensas que não vou escrever ? Direi isto: "Eu vos prohibo de ir a Veneza !" Tomo a tangente. De resto, podes ler.

Estendeu-me o papel. Li: "Ah, meu caro Letournois ! Veneza ! Que recordações o vosso projecto me traz ! Tinha eu vinte e cinco annos e ella vinte. Porque, é bem de vêr, Letournois, que levava commigo a mulher mais interessante do mundo. Ella se chamava Catharina. Era loura, fina, esbelta e as suas mãos transparentes tinham umas palmas delicadas e roseas como uma concha do mar".

Trucot, que seguia a minha leitura, suspirou:

—Mme. Letournoi tem mãos horriveis.

Continuei:

"Ella era pintora ! Podia comprehender — e ella me fazia comprehender — a *féerie* da luz sobre a laguna, os poentes sobre os palacios dos Doges ! E, Letournois, oh, Letournois ! não esqueçaes que eramos jovens. Deixae, meu amigo, que me recorde dessa embriaguez, que me dominava, quando, na gondola, sob a luz amiga da lua..."

—A tua carta prova a tua cultura, meu velho Tricot, mas é ridiculamente romantica.

— Quero-a assim mesmo. Lê ainda.

"... da lua, sentia, contra mim, a tepidez do corpo perfeito da minha Catharina, e quando ella voltava, para mim, os seus olhos grandes e profundos...

—Mme. Letournois é uma bola com olhos de conta e cabellos cheirando a pimenta do Rheno. Lê mais.

"...e quando dos seus labios se elevava a musica encantada de palavras consoladoras, carinhosas e ternas, e suaves como a atmosphera que nos envolvia."

Entreguei a carta a Trecot. Perguntei-lhe:

— E' verdade, tudo isso que escreveste aqui ?

— Sim. E' verdade. E' uma velha recordação. Mas uma das mais deliciosas da minha vida. Ah ! como eu adorava Catharina ! Que amor cheio de enthusiasmo ! de poesia e comprehensão ! Eramos feitos u para o outro, para que não nos se tissemos penetrados de tanta gra deza e esplendor ! Agora, pe Penso, meu amigo, na idéa d ronceiro commerciante do pa que nunca leu Musset, que não Wagner e que ignora, mesmo nome de Tipolo ! Penso, na mulher, curta de corpo e de esp to, para quem o lago de Engh deve ser a mais bella paisagem mundo !...

Pensa também em que esses personagens, quando estiverem Veneza, estragarão a minha re niscencia de amor ! Como desej que essas festas dos olhos, do rito e da alma fossem reservad sêres capazes de se approximar Os Letournois em São Marcos ! Letournois no Canal Grande ! Letournois sobre o caes.... Eng que queres tu ? E' superior ás nhas forças. Então, insinúo Veneza se fez para algumas cr turas previlegiadas. Verão — descripção que faço — que não encontram entre esses sêres pr legiados. E espero que percam enthusiasmo, e em vez de irem Veneza, vão escolher Vichy as suas férias ou a floresta de Fo tainebleau !

Deixei Trucot com esse pen mento. Elle tinha uma natureza exclusivista e invejosa.

Tres semanas depois elle cheg á minha casa, o rosto transfor do, os olhos scintillantes, e me tregou uma carta.

— Olha o que Letournois me creveu de Veneza.

A carta dizia assim:

"Caro Trucot.

A sua missiva, que recebei antes de partir, segue comnosco toda parte. Lemol-a e relemo Sim, encontramos aqui todas magnificas impressões que nos pinta. Você tem razão. Só sêres delicados, accessiveis a gra de poesia, podem comprehender ses espectaculos que nos rode E deixe-me confessar que esta muito bem. Alice e eu; installa um *ménage*, fazemos passeios gondolas, sob o luar, que nos nha de indizivel ternura.

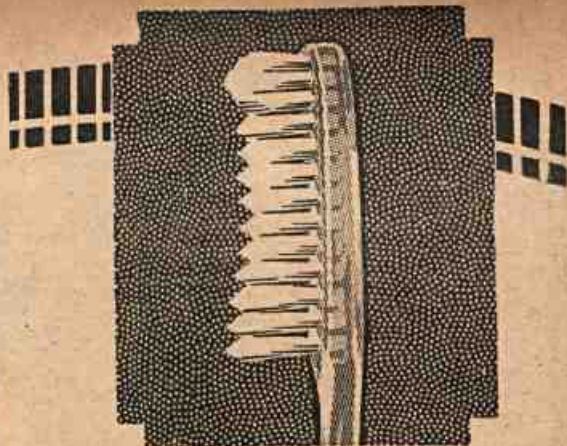
Não prosegui na leitura. Dis Trucot:

—Meu velho, falhaste desta Perdeste o teu latim e o teu tem

— Infelizmente ! — disse elle fiando, enraivecido, a carta de tournois na algibeira.

O Môlho de LEA & PERRINS'

DÁ O SABOR DA COMIDA CASEIRA Á DO HOTEL

F-4

A extremidade em tufo alcança os logares onde começa a carie!

A EXTREMIDADE em tufo da escova de dentes Pro-phy-lac-tic desaloja as mais tenues particulas do alimento. Attinge todos os pontos em redor e entre os dentes, por detraz dos queixaes, sob as gengivas. A sua superficie com as cerdas em forma de serra limpa todos os dentes e estimula as gengivas.

A escova Pro-phy-lac-tic com as cerdas em tufo faz parar a carie no sitio em que principia—nos pontos difficeis de attingir na bocca. É a escova mais scientifica e efficiente que se tem construido.

Para os arcos dentaes mais pequenos do que a media ha a escova Pro-phy-lac-tic Oval. Para as pessoas de gengivas descoloridas e sensiveis, necessitando massagem, ha a Pro-phy-lac-tic Masso.

Com grande variedade de cabos em lindas côres transparentes—tres feitios—tres tamanhos e tres differentes contexturas de cerdas, as escovas de dentes Pro-phy-lac-tic satisfazem todos os requisitos de uma escova de dentes para qualquer uso.

Insista-se sempre nas genuinas escovas de dentes Pro-phy-lac-tic.

Representantes: KRAMER & CO.
Rua Alfandega 97, Rio de Janeiro.

OVAL

MASSO

Escovas de dentes

Pro-phy-lac-tic

A original sempre na caixa amarella

O sonho que se esborôa

EMPURRANDO a porta de ferro da nossa grade, percebi, no jardim, sob o parasol crême e vermelho, Bertha trabalhando no seu *tricot*, que tanto a absorvia. Ella ouviu o ranger dos gonzos e, em logar habitual: "Ha oito dias que dei ordem para se lubrificar esse portão", ergueu os olhos para mim, e vi no seu rosto uma radiosidade que não tinha o habito de vêr. Mas não foi longe o meu espanto, porque Bertha me gritou:

— Vem para cá, Victor! Vem depressa. Tenho uma bôa noticia para te dar...

Ella devia ter pensado na minha chegada. Porque reservára para mim uma cadeira de vime, guarnecida de almofadas macias.

Era uma previdencia de muitos dias. Apenas acabára de me sentar, ella me disse:

— Victor estamos ricos...

Tive um sobresalto. De repente, cheguei a pensar que um dos numeros do *Credit National* nos havia conferido, num sorteio recente, um premio avantajado.

— O sr. Leuraiot, meu banqueiro, telegraphou ou telephonou?

— Não! disse ella, não insistas, porque não adivinharás nada. Estou doida de alegria. Pensa bem no imprevisto da nossa bôa sorte. Depois que fiz tal descoberta, não posso mais ficar socegada...

E' surprehendente como as pessôas que possuem um segredo retardam sempre, com circumloquios inuteis, o momento de revelal-o abertamente.

— Que descoberta foi a que fizeste, minha querida?

— Escuta bem Victor. Esta tarde, estava eu arrumando a terceira gaveta da commoda do meu quarto, aquella commoda Luis XVI, que me veio da tia Josée...

Tive um movimento de impaciencia, deante de phrase incidentes, cuja necessidade não me parecia urgente. Mas permaneci em silencio — certo que estava de que o melhor meio de fazer uma mulher retirar-se é exigir-lhe pressa. Bertha não viu o imperceptivel gesto do meu braço nervoso, e não interrompeu a ordem da sua phrase.

— ... me veio da tia Josée, encontrei sob uma pilha de colletes de flanella, aquelles que compraste ha dois mezes, no carnaval de Napoles, cinco notas de cem mil marcos cada um.

— Hein?

— Sim! E' o que te digo! Cem mil marcos e cinco notas. Estás admirado, como eu... Que iremos fazer de tanto dinheiro?

— Mas, minha querida...

DE PAUL-LOUIS HERVIER

Ainda não era hora de interromper o seu enthusiasmo. Ella me cortou a palavra:

— Sim. Já sei o que me vaes dizer. Queres me fazer lembrar aquillo de que me recordo tão bem. Queres dizer que essas notas nos foram dadas, na praça da Republica, por um camelot, que se servia dellas para embrulhar sabonetes... Mas, Victor, não ignoras que os marcos reconquistaram o seu valor. Todo mundo leu isso nos jornaes. Estamos ricos, portanto; e a questão, que se apresenta, é a seguinte: Como iremos nós gastar esse dinheiro?

— Mas raciocinemos um pouco...

— Não! Não quero raciocinar... Disse — gastar. Não quero que me fales dessas collocações de dinheiro com lucros hypotheticos: sei que não viverei muitos annos. Quero gosar a vida o mais que puder. Possuir bellos vestidos, um pequeno lulú Pomerania, um dia de recepção com dôces e flôres nos vasos de crystal. Quero tambem um automovel, com uma carrosserie baixa.

— Sim, tudo isso seria muito agradavel, si, porventura...

— Sempre o eterno "si porventura..." Por que isso, hein! Sim, por que? O facto é esse... Está explicado. Naturalmente é inadiavel. Não é possivel que a nossa existencia penosa continúe assim mais um dia...

— Nossa existencia penosa! Ingrata Bertha! Sem duvida, o nosso lar não rola em cima de um estendal de ouro; mas desejo a todos os meus contemporaneos que possuam o que possúo: mocidade, uma bella mulher, linda e geralmente razoavel e, no escriptorio, vencimentos que permittem lentas, mas seguras economias para poder comprar, mais tarde, a casa de velhos dias

— Comprehendes, Victor, que é sem demora, que vamos varrer as nossas inutilidades e mediocridades! Nós nos elevaremos de um só golpe, e verás as cabeças dos Bourri-Balbourd, dos Oroumitard e de Laure Gouvaire. Ah, meu querido!

Estou convencido de que Bertha me ama. Mas não me habituou a frequentes demonstrações de expansão vocal. Quando, por acaso, ella me diz uma palavra de ternura, qualquer coisa vacilla dentro de mim. A minha razão se desorienta.

Eil-a, pois, que me diz:

— Ah, meu querido! A deliciosa e reconfortante energia que tudo isso nos dará! E não creias que nos meus planos tu desappareças. Terás os teus paletots *étriqués*: serás um Victor elegante a distincto. Terás os teus pratos preferidos, os teus prazeres favoritos.

(Conclue na pag. 76)

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS:

No Rio e nos Estados
Anno ...... 41$000
Semestre .... 26$000
Venda avulsa em todo o Brasil 1$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON-FON
REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA
Director: SERGIO SILVA
Redactor-Chefe: Gustavo Barroso
Thesoureiro: Cyro Machado
Direcção, Redacção e Officinas:
82, Rua Republica do Perú, 89
(Antiga Assembléa)
Telephones: Director: C. 0377 Administração: C. 4136
Caixa Postal 97
RIO DE JANEIRO

Toda a correspondencia deve ser dirigida á EMPREZA FON-FON e SELECTA S. A.
Representante em São Paulo: Empresa Americana de Publicidade, Lta. Praça do Patriarcha, 8-sob. Caixa do correio 1431
Repr. na Europa: Davignon, Bourdet & C. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

CHRYSLER

MAIS VICTORIOSO QUE SEMPRE
COMO GUIA DO ATOMOBILISMO
APRESENTA OS NOVOS TYPOS
66 — 70 — 77

"66"

"70" COM MUDANÇA RAPIDA E SUAVE

"77" COM MUDANÇA RAPIDA E SUAVE

OS engenheiros de Chrysler conseguiram com os seus novos productos de sciencia e arte uma admiravel victoria que ultrapassou de tal maneira os padrões estabelecidos ha mais de um quarto de século no fabrico de automoveis, que os tornaram de todo antiquados.

Mais uma vez o Chrysler sobrepuja tudo quanto até hoje se conhecia em materia de força, marcha, commodidade e luxo no espaço disponivel com este seu novo producto que em belleza, funccionamento e qualidade é sem rival.

O Chrysler estabelece assim um novo padrão que o futuro ha de proclamar como a mais admiravel revolução jámais registrada na historia do automobilismo.

Qualquer agente está prompto a lhe demonstrar os mais perfeitos carros de Chysler. E nós, como todos os nossos representantes, temos a honra de convidal-o a uma visita e demonstração.

CHRYSLER

DISTRIBUIDORES:

AUTO MERCANTIL BRASILEIRA, S. A.

Avenida Rio Branco, 247 — Telep. Central 1744-2407

O Ladrão de Trens

Por Manoel LAZARO

— Contam-se innumeras historias de ladrões de trens — começou dizendo-me Hygino Tostoso. — Mas a maior parte, para não dizer todas ellas são historias de ladrões vulgares. E' sempre a mesma cousa: um cavalheiro que viaja no carro de primeira classe e que sente, de repente, ao tempo em que a luz se apaga em seu compartimento — sente uma voz que lhe diz uma destas cousas: *Mãos ao ar! A bolsa ou a vida!* Ou então: *Cavalheiro, tenha a amabilidade de entregar-me a carteira!* E o assaltado tenta fazer uso do signal de alarma e o ladrão lhe observa, com um sorriso, que não funcciona, nem nunca funccionou. Não lhe resta, pois, outro remedio sinão entregar sua carteira áquelle homem desconhecido — quasi sempre com a cabeça coberta por um gôrro de fazenda em xadrez — e que, uma vez cumprida sua missão, se atira de um salto á via.

— Com effeito — respondi-lhe, — conheço artigos, contos e mesmo successos que occorreram exactamente como o senhor diz. Por isso, si alguma vez viajo levando commigo mais de dez mil réis, vou sempre em segunda classe. E' muito difficil que um desses ladrões se apresente em um desses carros, resolvido a *limpar* seus occupantes, apesar de estar eu absolutamente convencido de que seus signaes de alarma funccionam tão mal como os de primeira classe.

— Inteiramente de accordo — disse-me Hygino Tostoso. — Mas, si puxei o assumpto de ladrões de trens, foi para contar-lhe um caso que se afasta do commum.

— Sou todo ouvidos. Fale.

— Não creio que ignore alguem que eu sou um homem viajado, extraordinariamente viajado. Em varias occasiões percorri a Republica, do Rio Grande ao Amazonas, ou seja o que se chama de cabo a rabo. E como si isto fosse pouco, durante a época da grande guerra fiz duas viagens ao interior do Ceará, e em trem mixto. Total: quinze ou dezeseis annos lutando com o carvão, com os atrazos de trens e com os empregados de estação. Pois bem. Só uma vez conheci o verdadeiro ladrão de trens. Os demais foram esses malfeitores sem importancia a que alludi antes.

Acabavamos de sahir da estação de Quixeramobim, quando notei que a marcha do comboio diminuia pouco a pouco. Nisto, ouvi gritos, e vi que os viajantes desciam precipitadamente.

Que occorrêra? E' que o machinista acabava de encontrar, collocado junto á via-ferrea, o seguinte aviso:

Attenção! Cuidado! Avisa-se aos viajantes que por estas paragens anda Lampeão, o famoso ladrão de trens. Passar com precaução e tende o cuidado de fechar vossos paletots.

Houve consulta acerca de si deviamos ou não proseguir a viagem, uma vez que o nome de Lampeão punha espanto em todos os corações. Alguns passageiros foram de opinião que retrocedesse o trem para a estação anterior, e outros, mais corajosos ou mais insensatos, acharam que devia continuar. Afinal, após muitas deliberações, concordamos em passar ali a noite, e, conforme as noticias que tivessemos no dia seguinte, vermos o que deviamos fazer.

Dito e feito. Deitámo-nos no meio do campo e dormimos ao relento. Mal amanheceu, dois policias e dois viajantes fizeram uma exploração pelos arredores. Como não encontrassem signaes de Lampeão, ficou resolvido que o trem proseguisse a viagem. Subimos aos carros e o trem se pôz em marcha. Todos os viajantes iamos preparados, olhando-nos uns aos outros, com a mão no bolso de traz das calças.

As duas primeiras horas transcorreram sem incidentes, uma vez que se não póde qualificar de tal o facto de, ao abrir-se de repente a portinhola de um carro e apparecer um homem na plataforma, recebesse elle cincoenta e dois disparos na nuca. Quando recolhemos o cadaver, verificamos que acabavamos de assassinar o guarda.

Enterramol-o e o trem proseguiu a viagem.

Não posso precisar como nem quando surgiu Lampeão. Sentimos de repente uma voz que nos gritava: "Mãos para o ar!", emquanto uma pistola nos apontava frente a frente. O ladrão de trens nos fez tirar todo o dinheiro que levavamos em nossos bolsos, e quando o teve na mão, contou-o. E nol-o devolveu. Entre todos os viajantes não levavamos mais de dois mil réis.

— E' muito pouco — desculpou-se Lampeão. — Não posso roubar tão pouca cousa... Verei si encontro algo mais valioso.

E, dizendo isso, desappareceu no mysterio da noite.

— Então não levou nada? — perguntei a Hygino Tostoso.

— Nosso, não. Mas da Estrada, sim. Quando chegámos á estação terminal, verificámos que a locomotiva — uma bella machina que valeria cerca de quatrocentos contos — havia desapparecido...

O que garante saude e alegria ás crianças é

"LACTOGENO"

O melhor leite em pó na opinião da Classe Medica

O que declara um dos especialistas de maior clinica do Rio:

A pedido da Companhia Nestlé, declaro que tenho usado na minha clinica o "Lactogeno", com excellentes resultados nos casos em que existe indicação, para certas modalidades de disturbios da nutrição das crianças de peito.

Rio de Janeiro, 21 de Junho de 1928.

Dr. Calazans Luz

COMPANHIA NESTLÉ

RUA SANTA LUZIA 242 — Caixa Postal 760

RIO DE JANEIRO

VIDA DOS CAMPOS

NOTICIAS DE TODA A PARTE

INFORMAÇÕES FORNECIDAS PELO DEPARTAMENTO DE PUBLICIDADE DA SOCIEDADE RURAL BRASILEIRA

Nós vamos falar, nesta pagina, de tudo que se refira a agricultura e pecuaria. Vamos mostrar que as nossas possibilidades são enormes e que o futuro do Brasil, mais do que nunca, está na terra.

A nossa missão, estamos certissimos disso, vae ser facil. Facil, porque escrever sobre alguma coisa no Brasil, ainda não deixou de ser funcção vulgar... Todos nós escrevemos por indole e educação. E, quanto a escrever sobre agricultura, o caso é menos complicado. Não ha brasileiro que desconheça a sua terra, a sua productividade extraordinaria, etc.

Vamos ter, portanto, innumeros collaboradores. O Fon-Fon vae revelar uma porção de economistas e technicos agro-pecuarios... A nossa paginasinha, dedicada aos assumptos agricolas, irá apresentar trabalhos interessantes e observações curiosas.

E isso é necessario. Os timidos devem saltar da casca de sua infundada obscuridade. Toda e qualquer informação nunca deixou de ser util e proveitosa. E', justamente, das observações do proximo que fazemos o nosso conceito.

A "Vida dos Campos", com o maior prazer, acolherá as communicações dos leitores do Fon-Fon. Outrosim, a Sociedade Rural Brasileira, que patrocina esta secção, pelos seus departamentos de consultas, confiados a technicos especializados da Secretaria da Agricultura e Escola Agricola Luiz de Queiroz, attenderá a todo e qualquer pedido de informações, bastando que lhe enviem o recorte abaixo. O seu endereço é: Rua Libero Badaró, 45 — São Paulo.

A LARANJA DA BAHIA RETOMARA' O SEU LUGAR?

Renasce, no Estado da Bahia, o enthusiasmo pelo cultivo de plantas fructiferas, e esse facto é auspiciosissimo para todo o Brasil, porquanto aquella unidade federativa tem o privilegio de varias especies irrivalisaveis, e póde, assim, constituir-se formidavel entreposto de mudas e de enxertos preciosos.

As laranjas e as mangas bahianas figuram, com effeito, entre as melhores que o nosso paiz produz, e note-se que ainda são raros lá os pomicultores cujas plantações obedecem aos preceitos agronomicos.

Parece, mesmo, que a despreoccupação com os magnificos methodos preconizados pela sciencia, nesse dominio da actividade rural, acabou determinando o abastardamento de typos das referidas fructas, outrora famosos no grande Estado nortista — aquelles a cujo numero pertenciam as excellentes laranjas que foram transportadas para a California, e representam o maravilhoso germen dos pomares, de que tão justamente se orgulha, hoje, o sudoeste norte-americano.

Uma franca reacção presentemente se esboça contra esse estado de coisas. Tratam os fructicultores bahianos de reconquistar a posição perdida.

—

O CÔCO BABASSÚ

Augmenta de anno em anno a sua exportação.

A exportação de côco babassú tem augmentado consideravelmente depois de 1919 para cá. Quasi todos os paizes importam grande quantidade desses fructos, notadamente a Allemanha, a Hollanda, a Dinamarca, a França, a Inglaterra, os Estados Unidos, a Belgica e a Noruega.

Até 1917 quasi nulla era a exportação. Mas já neste anno subiu a mais de 1.000:000$000. E a seguir, isto é, em 1918, 1919, 1920, 1921, 1922, 1923, 1924, 1926 e 1927 os algarismos foram: ... 4.000, 7.800, 4.500, 4.600, 15.900, 19.000, 10.000, 18.000, 24.000 e mais de 24.000 contos de réis respectivamente.

Falta ainda os dados relativos a 1928.

—

CONSELHOS PRATICOS

O bom fazendeiro deve ter sempre a sua lavoura bem adubada.

* * *

O melhor adubo é o animal.

* * *

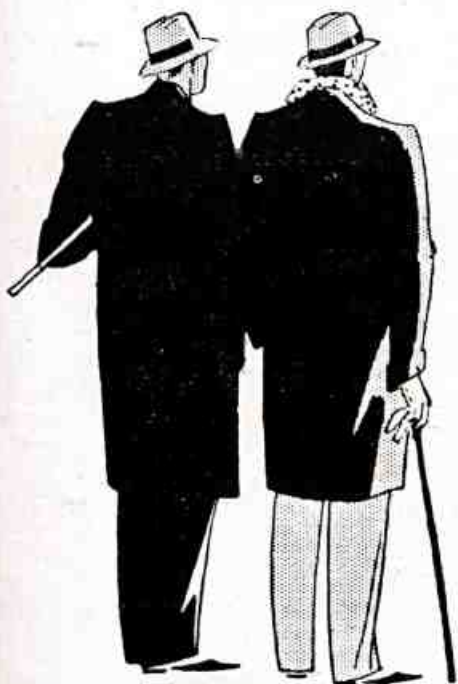
Portanto não deve o fazendeiro destruir os seus pastos. Um certo numero de cabeças de gado é indispensavel para producção de esterco.

* * *

Temos conhecido innumeros fazendeiros imprevidentes. Não adubam as suas lavouras, mesmo desprezam as possibilidades más. Resultado: soffrem as consequencias das crises com muito mais intensidade.

* * *

Todos devem ser previdentes. No emtanto, mais do que ninguem

Carregamento automatico de café no porto de Santos.

Belleza e Elegancia

são qualidades inherentes aos Saltos de Borracha

Feitos de borracha viva, — descançam o andar e conservam a saúde, porque evitam os choques violentos.

VIDA DOS CAMPOS

(Conclusão)

aquelles que trabalham na terra e vivem dos seus productos devem pensar que a lei do equilibrio na natureza é a mais palpavel.

—

A APOPLEXIA NAS AVES

Esta enfermidade ataca, em geral, as aves que se alimentam em excesso ou quando o alimento é muito estimulante, nos mezes do verão, por demais quentes.

Este caso é sempre, na maioria das vezes, fatal, e a ave fica ás vezes de tal maneira atacada, que não se adapta nem para cria nem tampouco a engorda. Os caracteristicos iniciaes da enfermidade se manifestam no andar vacillante que a ave adquire.

Logo que a crise se manifesta, o tratamento aconselhado consiste na sangria da veia localizada debaixo da aza, dando, logo em seguida, á ave, sulfato de magnesia, numa colher das de chá, dissolvido num copo de agua e conservando a ave em repouso durante alguns dias.

O CAFÉ BRASILEIRO

Sua propaganda na Europa.

Segundo informações recebidas da Austria, obteve grande exito a propaganda feita em prol do do café brasileiro na Feira realizada em Graz, capital da Styria, por occasião dos jogos olympicos.

No pavilhão do "Brasil Café Cecelischaft m. b. H.", contractante do serviço de propaganda do café brasileiro na Austria, além da degustação gratuita, foi feita larga distribuição das seguintes publicações, todas ellas contendo dados sobre o nosso principal producto:

"Brasilianischer Kurier" n. 6 edição especial; "Brasilien das Kafee Land", luxuosa revista do café; "Illustierte Ueberseeische Rundschau", numero especial dedicado ao Brasil; "Wirtschaftzahelm aus dem modernen Brasilien", brochura da lavra do nosso addido commercial, sr. Edgard de Mello; "Neue Wissenschaftliche Arbeite und aerztliche Urteile ueber den Kaeffee", contendo opiniões de medicos e scientistas eminentes favoraveis ao uso do café.

Inscrever-se na Radio Sociedade e no Radio Club do Brasil é um dever de patriotismo: é concorrer para o desenvolvimento da cultura brasileira.

TOSSE?
...
BROMIL

ANNO XXIII — FON-FON — NUMERO 45

SERGIO SILVA, Director.

Rio de Janeiro, 9 de Novembro de 1929

Saias Compridas...

MARIO POPPE

NAS corridas de Longchamps appareceram as primeiras saias compridas e os chapéos grandes, desabados.

E' um aviso triste para os adoradores das bellas pernas que agora são exhibidas muito além das ligas...

Paris irradia a Moda e, dentro em pouco, as nossas patricias terão as saias pelos tornozelos.

Caprichos dos grandes costureiros, aos quaes tem o mundo de submetter-se.

O facto, porém, não interessa apenas ás mulheres e aos negociantes de tecidos...

Elle prende tambem a attenção dos chronistas, que são os espectadores mais interessados pelo espectaculo da vida.

Não é bom imaginarem, os ingenuos, que a moda das saias compridas visa corrigir o peccado das pernas á mostra.

Os creadores da Moda não têm a preoccupação de exercer nenhuma funcção moralizadora nos costumes sociaes.

Cuidam tão sómente de renovar o figurino humano, dando-lhe fórmas bizarras, quebrando o *mesmismo*, que seria de monotonia enervante, si perpetuado através de gerações successivas.

A Moda e a Moral não se entendem em Paris, onde á ultima apparece, em publico, de camisa de seda, curtissima...

O parisiense só comprehende o espectaculo da vida quando animado de alegria.

Sorri e esquece.

O chronista tambem é assim...

Muita gente suppõe que o francez está absorvido pelo jogo da politica neste instante em que os jornaes discutem a quéda do gabinete Briand; mas, o Paris de hoje é o mesmo de hontem, — o Paris galante de todos os tempos.

E' ainda o Paris que Gomez Carrillo sentiu e soube estylizar pela sua penna de oiro...

.. ..

"Una fiebre, á la vez intensa y frivola, estremece el organismo social. Los acontecimientos menos importantes son los que mayor sensación causan. En los grandes procesos mundanos, los pretorios se convierten en salas de fiesta. Los austeros magistrados perfuman sus barbas blancas y ponen una gota de miel en su elocuencia para gustar á las damas. Los cortejos paganos de los bailes publicos, tienen mas devotos que nunca. La cortesana ocupa siempre su altar y ante ella el pueblo se arrodilla. Las modistas y los costureros forman la casta de los escogidos. La politica se hace en los salones y en los buduares, entre intrigas amorosas y galanterias mundanas. Elegancia y femenilidad, gracia y lujo, deseo y capricho, flores y risas, — tal es la vida de ahora, tal era la de antes."

.. ..

O parisiense tem a *finesse d'esprit*.

Si lançou as saias compridas escondendo as pernas das mulheres, certamente arranjou uma compensação para os que se vão sentir lesados pelo desapparecimento de um espectaculo tão grato aos olhos...

Si a Moda nenhuma relação tem com a Moral, ella, entretanto, não perde de vista o Amor.

Para existir o Amor, é necessario que haja belleza e alegria.

Quando o Amor deixar de ser alegre, a vida nenhum attractivo terá.

Os lançadores da Moda são tambem profissionaes do Amor.

Instituindo a moda das saias compridas, escondendo as pernas femininas, os costureiros parisienses occultaram, tambem, uma intenção maliciosa, brincando com a humanidade...

Sorrir é uma necessidade.

E o homem que não sabe sorrir é um sêr profundamente infeliz...

Em torno ao marmore das sepulturas floridas, as almas sensíveis e piedosas se reuniram no Dia dos Mortos para lhes render homenagem. «Les morts vont vite» dizem os francezes. Com essa philosophia triste, elles significam que só os vivos é que perduram em nossa imaginação e em nossa saudade. Mas não

VOAR...

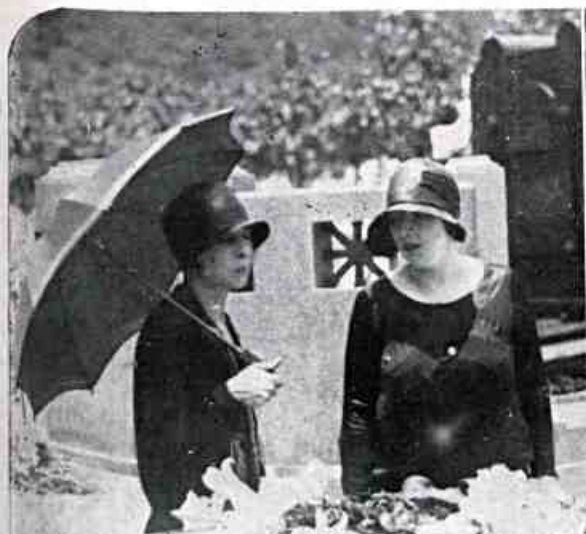
Que ansia de voar!

Voar, não nas azas metalicas dos aviões, não nas azas dos condores!

Voar, sim, mesmo sem azas, livre do carcere pesado da materia! Eis como eu desejo ardentemente voar!...

O espirito é o escravo do corpo, o prisioneiro muitas vezes voluntario.... porque elle sabe que é esse o unico meio capaz de o salvar, de o encaminhar á senda do Bem que incautamente abandonou...

Mas que ansia de liberdade! Como pesa a materia!

Ah! Quando eu puder volver ao Espaço Infinito!.... Como hei de voar!...

Ao menos um dia no anno — 2 de novembro — a Humanidade ainda póde dar o attestado eloquente de que não esquece os seus mortos queridos. Entre flores, lagrimas e preces, foi que decorreu, como todos os annos, em nossas necropoles, o triste e lutuoso dia daquelles que desappareceram na grande noite da Eternidade...

MINHA SAUDADE

Minha saudade, quando está tristonha,
Chama a esperança para a adormecer.
Minha saudade, ás vezes, tambem sonha,
Quando adormece para se esquecer.

Minha saudade, quando está contente,
Chama o passado, para recordar.
E, ouvindo historias do passado, sente
Uma vontade doida de chorar.

Minha saudade é, ás vezes, caprichosa:
Tem faceirices, faz ostentações.
Põe vestidos de sêda côr-de-rosa,
Para a visita das recordações...

(Do "Travo Amargo" — em preparo)

José Ventura Martins.

FRANJAS

Você me disse uma vez que os olhos não mentem nunca, porque são o espelho da alma.

Eu acredito em tudo quanto você diz. Menos nos seus olhos tra-vessos. Elles me falaram numa ternura que eu não encontrei depois na alma de você.

Quem mentiu? A alma? Os olhos?

Que importa que elles sejam mentirosos, si eu os adoro tanto, si é elles que illuminam a minha alma, si é nelles que móra a minha felicidade?...

Eu sei que a felicidade é a mais linda de todas as mentiras...

Mattos Al...

A ROMARIA DA SAUDADE

Flagrantes da grande romaria da saudade aos cemiterios da cidade, no ultimo sabbado. Apparecem ahi silhuetas piedosas adornando de flores e orvalhando de lagrimas os tumulos de pessoas queridas.

GOTTAS ESPIRITUAES

A virtude que se conserva em meio das pelejas e das intemperies da vida, deve ser mais estimada do que aquella que se retira do mundo por temor á luta.

Aquelle que quer attingir a verdadeira perfeição, deve esforçar-se por expulsar a inveja do seu coração.

E VANIDADE...

RUINAS

Ha duas especies de destroços que ficam sempre de um amor que se acaba: um é o que se compõe das cartas amorosas (que o digam as sorores Marianas!) as cartas, as flores que se trocam — quando ainda se trocam — os pequenos objectos, os talismans, as lembranças lyricas, o espolio sentimental que fica do extincto amor; a outra especie é representada pela ruina que fica dentro do coração: a amargura, a tristeza, o desespero, o vacuo produzido pela ausencia de tudo quanto constituia o affecto derrocado.

E é por isso que todos nós sentimos um instinctivo pavor pelas ruinas, pelos escombros, pelos destroços — por tudo que tenha a feição de um anniquilamento.

Admiramos muito mais os jardins de Versailles, do Alcazar e o Arco do Triumpho, na solidez da sua musculatura de pedra, do que as ruinas de Pompeia ou os escombros do Coliseu.

Deante de uma tela que nos mostra uma paizagem cheia de sol — uma aquarella fresca de Inness — ou uma decoração mural de Puvis de Chavannes, é certo vibrarmos com enthusiasmo, sentindo um agradavel bem estar. Mas emmudecemos, contemplativamente, num respeitoso silencio, em face da Victoria de Samothracia, ou de uma triste paisagem de Corot.

Pela mesma razão, é que nos alegramos ao som de uma tarantella e nos enternecemos ao ouvir um nocturno.

Um é a alegria, a luz, a vida, — uma palpitação de amor... (O amor "che muove il sole" etc.)...

O outro é a melancolia, a sombra, a imagem da morte — uma agonia do coração.

* * *

Ha casos em que podemos contemplar as ruinas objectivas do amor, com um sorriso de indifferença. E' quando elle passa sem produzir ruinas intimas, sem destroçar as edificações que se ergueram dentro da alma — as edificações, os castellos subjectivos.

Mas quando uma completa outra, ou a reflecte como o crystal de um espelho, — é claro que a nossa desventura é ainda mais sombria, é mais longa e mais dolorosa.

* * *

Conta-se que Chateaubriand, visitando as ruinas da Acropole, sentiu os olhos cheios de lagrimas, e teve a voz entre cortada de soluços. Mas, Renan, apezar da sua Prière sur l'Acropole, e Lamartine, do seu coração sensivel de poeta, permaneceram indifferentes, ao contemplar as ruinas dos bellos templos de Athenas.

* * *

O amor é como na vida.

Felizes são os que podem permanecer indifferentes, deante das ruinas de um coração, como Renan e Lamartine deante das ruinas da Acropole.

Esses soffrem menos, porque de certo podem esquecer mais depressa...

A pianista Maria do Carmo Campos Maia, que São Paulo nos mandou, para deliciar-nos, realizou o seu recital quarta-feira ultima, no theatro Municipal. A festejada artista brasileira, interpretando Beethoven, Chopin, Bach, Albeniz, Valence, Busoni e seu conterraneo Camargo Guarnieri, revelou-se uma grande virtuose, bem digna dos applausos com que a acolheu a platéa carioca.

Yolanda Peixoto, a joven violinista patricia, que brevemente realizará um recital. Quem a vê, creança ainda, não sabe, talvez, que foi ella uma das alumnas que concluiram o curso do Instituto Nacional de Musica com maior brilhantismo, em 1929, e em memoravel prelio alcançou o primeiro premio — Medalha de Ouro —, por unanimidade. A talentosa concertista é violino spala da Orchestra Symphonica do mesmo Instituto e alumna do grande mestre, prof. Humberto Milano.

CHARLA — Uma poetisa — talvez uma creatura bonita, da cidade dos arranha-céos vestidos de garôa, me disse, na face vermelha de uma carta vibrante, esta phrase que me fez meditar: "Você é um paradoxo, Y...."

Um paradoxo!

Todos nós homens, que escrevemos, somos um pouco paradoxaes. Não me perguntem porquê. Não gosto de explicar aquillo que escrevo. Explicar é difficil. Aliás ha tanta coisa que a gente vê, sabe que existe e não sabe explicar. As estrellas, por exemplo. Por que é que as estrellas são velhas como o *fiat*, e parecem novas todas as noites em que o céo é azul?

Por que é que as mulheres são fingidas? E por que é que as rosas perfumam como as mulheres finas?

Ha tanta coisa real que a nossa philosophia não explica...

Mas o caso do paradoxo e da poetisa é muito interessante.

Na verdade, eu sou um tanto paradoxal. Quando sinto que a vida me é mais embaraçosa — me é um bello tropeço — não pensem que me vou queixar, como um Jeremias chorão. Ao contrario, vejo tudo pela esmeralda de Nero. Porque, finalmente, a vida só é linda pelas suas fealdades; e só é feia porque nos apresenta bellezas deslumbradoras.

Bellezas deslumbradoras.... Um homem sonha uma bella mulher — uma belleza deslumbrante. Si elle a não alcança, está bem visto que a vida se lhe torna tragica e feia. A vida é linda.... E' linda, sim, — mas quando nos acena com a fealdade dos seus peccados de amor, dos feios crimes da carne e do coração. (Para um homem que se apodera de uma mulher, alheia mas encantadora, a vida é uma coisa linda — somente porque possúe essas fealdades maravilhosas.)

Pode ser que tudo isso esteja mal explicado. Mas o encanto das coisas não está em explical-as ou devassal-as — está em adivinhal-as...

Ah, si a poetisa da terra dos arranha-céos vestidos de garôa adivinhasse aquillo em que estou pensando!

OS HOMENS... AS MULHERES... — De Yves — Então, doutor, si o senhor gostasse de uma moça, digamos, si o senhor tivesse uma noiva, admittia que ella o enganasse, como Roberto me enganou?

— Depende, senhorita Yvonne...

— Depende?

— Sim. Depende...

— O senhor é exquisito... ou por outra, é demasiado condescendente... — fez ella ironicamente.

— Ora! Não faça ironia. No amor todas as fraquezas são perdoaveis!

— Que descalabro! Que impudencia!

Sorri para ella, e olhando, longe, os morros verdes da Tijuca, sentei-me ao lado de Yvonne, no terraço claro da sua bella chacara, cheia de arvores e flores. E respisei:

— No amor todas as fraquezas são dignas de perdão.

Yvonne mostrou-se mais escandalizada. A sua bocca abriu-se como uma cravina dos montes. Mas não lhe dei tempo a dizer uma palavra. Prosegui:

— Não esqueça que tudo é de esperar de uma mulher a quem amamos. Os gestos de nobreza se confundem com os de villania. A mulher é desordenada por indole. E como não sabe fazer selecção e não possue espirito de justiça, e não tem o senso da opportunidade, segue-se que, muitas vezes...

— Continue. Estou gostando de vêr a sua logica absurda.

— Logica absurda é a das mulheres — que é a logica feita para uso commum do sexo.

— Que desafôro!

— Que juizo justo!

— Mas vamos... Prosiga lá.... O senhor é incorrigivel...

— Mas como dizia mesmo?

— Dizia que nós não temos o senso da opportunidade...

— Ah, sim... Era isso... Acontece que, muitas vezes, em logar da mulher praticar um gesto nobre — como bem merecemos — illogicamente, absurdamente, ella nos presenteia com uma attitude vil, um acto pequenino, uma fraqueza...

— Digna de perdão — seja coherente...

— Vá lá! Uma fraqueza digna de perdão...

Houve um silencio. Foi Yvonne quem o interrompeu:

— Mas o caso de Roberto representa uma indignidade: elle enganou-me com uma das minhas melhores amigas.

— Então Roberto é tão responsavel por essa leviandade como a sua amiga do peito.

Yvonne ficou pensativa. Ajuntei:

— Bataille disse em uma de suas peças de theatro, creio eu, que as mulheres não se revoltam, inteiramente, contra aquillo que o amor produz de illicito, de abjecto, de censurável. O homem se limita a dizer: "Oh!" e a mulher exclama sempre: "Ah!"

ASTERISCOS — O senhor envelhece.

— E' um consolo.

— Credo! Envelhecer é um consolo?

— E' um conforto.

— Perdão, meu amigo! Mas não entendo a sua metaphora e, si quizer, o seu paradoxo. Então a velhice é um consolo?

— E', sim. Pelo menos para os que passaram a mocidade a desejar e não conseguiram nunca a realização dos seus desejos. Com a velhice, a gente se habitúa a não mais desejar. E nessa renuncia expontanea ha sempre uma consolação tardia, para o homem, mas, em todo caso — consolação.

Yvonne se deteve um instante, a meditar. Os olhos longe, num trecho de céo azul, onde o luar sorria um lindo sorriso branco, uma ruga na testa, a face grave, Yvonne permaneceu em silencio, emquanto a minha analyse lhe acompanhava os gestos e as attitudes. De repente, ella me diz:

— Mas não creio que se passe a vida a desejar, sem se conseguir, ao menos, uma vez, o que se deseja...

— Ora, mas si a gente deseja apenas uma coisa, que encheria a nossa vida, e não obtemos essa coisa?

— Dinheiro, por exemplo...

— Amor, em vez de dinheiro...

— Mas é possivel que um homem não consiga, durante toda a sua vida, o grande amor que deseja?

— E por que não? Primeiramente, "não ha grande nem pequeno amor"...

— Que ha, então?

— Egoismo a dois. Cada um de nós trata de si. O que deseja é ser amado ardentemente...

— Ora! Remy de Gourmont escreveu: "Sans egoisme, pas d'amour."

— Pois é isso. Confirma a these que sustento

E ella, caindo em si:

— Ah! é verdade! E' isso mesmo. E depois?

— Depois, o que acontece, é que é preciso saber amar. E só se aprende a amar em creança.

— Em creança?

— Sim. Em creança. Quem não se exercita cedo nas lutas de Cupido, não será nunca um vencedor. E quando envelhece, sabendo que nada conseguiu, o melhor é se resignar com a velhice, sentindo o doce prazer de renunciar...

Mlle. Maria Nazareth Vasconcellos é a joven pianista paraense que, na sua terra, tem recebido elogios dos criticos musicaes, que a consideram uma das figuras de relevo da nova geração paraense. Dentro em breve, segundo nos promette, a joven pianista terá occasião de revelar á sociedade carioca a sua personalidade de artista.

O dia das nossas illusões...

NESTE magoado 2 de novembro, de tantas evocações dolorosas e de tanta melancolia funérea, você me surgiu, paradoxalmente, de verde. Verde e luminosa com o seu lindo sorriso triste e com a sua esplendente seducção feminina. Você quiz, assim, neste claro dia de finados, atirar-me aos olhos desilludidos a illusão de uma esperança que já não existe porque morreu antes do nosso amor. Você quiz fazer ironia com a memoria dos nossos sonhos, que hoje podem apenas ser evocados e reverenciados como os nossos mortos queridos...

Dia de finados... Dia de magoa para os que ainda riem e ainda podem ver, na luz do sol, no azul do céo, na palpitação das arvores estremecendo ao contacto da brisa, no esplendor tropical da primavéra de novembro, restos de lembranças antigas, de venturas que já se foram, de alegrias que o passado já sepultou... Dia em que a gente só tem direito de recordar. Dia de melancolia e de dôr. Dia da saudade, que é a presença dos ausentes, como a classificou a emotividade de Bilac.

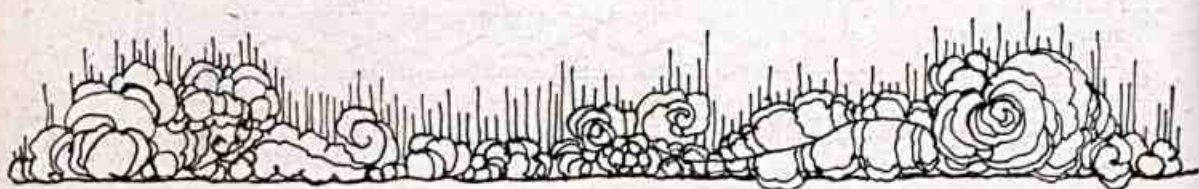
Dia da saudade... Da nossa saudade, querida, que é ainda a unica illusão que nos faz supportar a nossa amarga realidade. Ainda temos a saudade para nos consolar. Uma saudade timida, precária, nebulosa e inquieta. Saudade daquillo que nunca possuimos, mas que desejámos e esperámos um dia nos chegasse... Saudade de uma ventura que morreu no caminho. Saudade das nossas illusões de outr'ora. Saudade de tudo o que a nossa ingenuidade imaginou e a nossa esperança destruiu. Saudade de tanta cousa que sentiamos perto e que estava bem longe de nós...

Você não devia vestir-se de verde neste dia de luz e de sombra: luz da morte e sombra da vida. Luz da saudade e sombra do esquecimento.

De preto é que você devia surgir, hoje, deante dos meus olhos, e por elles penetrar até o cemiterio do meu coração, onde se acham sepultados aquelles sonhos bons dos primeiros dias do nosso amor. Surgindo-me de verde, emmoldurando a sua melancolia na côr da esperança, você me deu, neste magoado dois de novembro, a promessa longinqua, paradoxal e impossivel de uma felicidade que só existiu na aspiração das nossas almas feitas para destinos desiguaes.

Nós tivemos um romance de illusões. Illusões que já morreram, porque não resistiram ao entrechoque das realidades violentas.

Recordemol-as, pois, já que nunca podemos nem poderemos realizal-as.

O dia de hoje não é, assim, só o dia dos nossos mortos queridos, cuja lembrança nos acompanha na vida. E', tambem, o dia das nossas illusões, que nasceram e morreram vertiginosamente...

O Instituto Historico e Geographico Brasileiro prestou, a 30 de outubro ultimo, uma expressiva homenagem ao Bemaventurado Dom Bosco, realizando uma sessão solemne para commemorar a beatificação do fundador da Congregação Salesiana, elevado á honra dos altares por sua santidade o papa Pio XI, no dia 2 de junho do corrente. D. Francisco de Aquino Corrêa fez, por essa occasião, uma conferencia sobre Dom Bosco, a que chamou um grande apostolo dos tempos modernos.

A FASCINAÇÃO DO TEU OLHAR...

Por que me fascinaram teus olhos?

Talvez porque trazes no velludo em chammas das tuas pupillas o mysterio e a voluptuosa belleza das sombras e das penumbras.

Eu amo o mysterio dolente das sombras e a volupia mansa das penumbras.

Vejo sombras dolentes nas tuas pupillas e penumbras mansas nas tuas olheiras...

Por que me fascinaram teus olhos?

Porque... talvez porque derramam na minha alma estranho bem e dulçuroso mal...

Poema de luz, o teu olhar é um seductor infallivel!

Na mansa tristeza da sua luz

está a grande força que prende e arrebata.

Teu olhar é uma caricia divina!

Teu olhar é o mais doce veneno, o suave veneno que não fulmina, que mata mansamente, subtilmente, eternamente...

Dá-me o veneno suave do teu olhar! Prende-me! Arrebata-me! Mata-me, mas não me fujas mais!

Aquelles que vissem o olhar de Deus, nunca mais o esqueceriam!

E eu vi o teu olhar, ó tu, que és o deus do meu coração como o Senhor é o Deus da minha alma!...

Um flagrante da assistencia á solennidade do Instituto Historico em homenagem a Dom Bosco.

O jogo de foot-ball que se realizou domingo passado, no campo da rua Campos Salles, entre o Botafogo e o America, constituiu uma nota sensacional, pela grande differença de pontos entre o vencedor e o vencido, e levou áquelle «ground» verdadeira «enchente» de «torcedores» dos dois clubs.

♣

ARABESCOS

Eras, a principio, a minha melhor amiga.

Senti um dia, no emtanto, que essa amizade fraterna era bem pouco para a minh'alma sensivel. Tive medo. E quando os teus olhos banharam os meus da suavidade da tua meiguice, eu murmurei, quasi num soluço: "Queres evitar que eu te ame?...".

Respondeste com uma negativa. Na penumbra da tarde agonizante, os teus olhos scintillaram como dois sonhos de ouro e luz.

E eu te abri a minh'alma.

Tu a conheceste, então, sob uma nova face. E comprehendeste que eu seria capaz de amar-te perdidamente.

Teria sido por isso que tão cedo o teu desprezo e o teu abandono me tornaram mais infeliz do que nunca?

Duas phases empolgantes do match de domingo, entre o Botafogo e o America. Floriano, do America, cortando um ataque da linha botafoguense. Uma «pegada» de Germano, o «goal-keeper» do Botafogo.

GLYCINIAS

Voltou o verão. A cidade inteira sorri no deslumbramento carioca das manhãs e das tardes transbordantes de sol. Ha em tudo essa alegria feerica, luminosa, vibrante, que enche os mezes da canicula. Todo mundo está contente, apesar do calor. Todo mundo sorri com o grande sorriso doirado da natureza.

Só eu estou triste. Só eu não posso tomar parte na festa do verão. Só eu não sei sorrir deante da alegria estival.

Tu te foste com o inverno e ainda não voltaste, para illuminar o meu verão.

Ha tanto tempo que te espero...

O verão voltou. Trouxe todos os seus encantos annuaes. Mas não trouxe nada para mim, porque não te devolveu ao meu amor.

Por isso é que eu ainda sinto, no coração, a melancolia do inverno...

LANTERNAS DE PAPEL

Jardim do Pensamento

A minha vida, para quem a vê de fóra, é toda cheia de encantos. E' uma noite festiva, illuminada por myriades de lanternas de papel multicôr. Cruzam-se, recruzam-se os cordões de globos de papel franzido, collares de grandes contas de luz — doiradas, prateadas, verdes, azúes, rubras e lilazes. E todos esquecem a noite que os rodeia para somente observarem as luminarias que contém e que os fazem coloridos e alegres.

Mas, por Deus! que não sopre uma ventania forte. Porque os apagará ou destruirá e unicamente a noite ficará commigo...

* * *

Recebo uma carta com letra feminina a proposito da ultima chronica desta secção A chave de Theobaldo. Nella se contava dum aventureiro que, por meio duma chave mysteriosa, assassinára a moça que recusára desposal-o, o seu noivo e os seus paes. Entretanto, nada conseguio em seus propositos.

Alcibiades Delamare, o illustre escriptor catholico, acaba de enriquecer a litteratura nacional estes ultimos dias com dois excellentes volumes de prosa: «Martha de Bethania», historia de Santa Martha, irmã de Maria Magdalena, primoroso pelo assumpto e pelo estylo, e «Culminancias», estudos criticos de altas personalidades politicas e litterarias feitos com elevação, enthusiasmo e justiça.

A carta feminina é anonyma pergunta-me por que. A resposta não me parece muito difficil:

— Não é com chaves como a de Theobaldo que se abrem os corações das mulheres. Em materia de sentimento é forçoso confessar, ellas são, como affirmava Emerson, uma aristocracia.

* * *

Lá em baixo, é o mar a perder de vista, tão azul como o céo sob a luz do sol, semeado de ilhotas verdes, ourelado de praias côr de oiro e de prata, emmoldurado de montanhas cobertas de florestas e pintalgados de oitões brancos. Lá em cima, é um pico penhascoso e nú, que enche o céo com sua massa enorme, que domina a serrania e que esmaga a nossa vista...

Entre as suas paisagens, a montanha e o mar, eu estou só e silencioso. Mas, dentro de mim, si houvesse um raio X para as almas, como enxameía a triste população das recordações e dos desenganos...

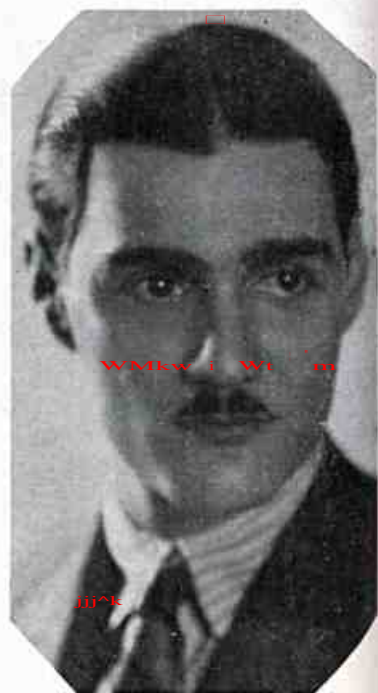
* * *

Um grande escriptor disse que o homem vive em segurança por toda a parte, menos nas grandes capitaes. Si se contassem, num mez, — accrescentou — as victimas dos bandidos nas regiões tidas como as mais perigosas com as dos assassinos e ladrões de Londres, Paris ou Nova York, no mesmo periodo, vêr-se-ia a differença... Espantosissima!

Fructos maravilhosos da civilização!...

* * *

Eu amo os claustros dos conventos. Ha nelles um bucolismo e uma frescura envolventes, a cujo encanto adormecedor o meu espirito não resiste. O grande autor de La vie errante fez esta observação admiravel: "Comment peut-on ne pas adorer les cloîtres, ces lieux tranquilles, fermés et

LETRAS MEDICAS

O dr. Murillo Fontes, conhecido medico e poeta, é o director de uma nova publicação scientifica intitulada «Medicina Brasileira», cujo apparecimento está annunciado para estes dias. O nome do dr. Murillo Fontes é uma garantia segura para o exito scientifico da futura revista.

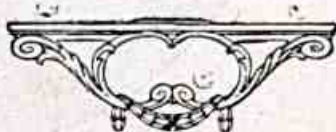
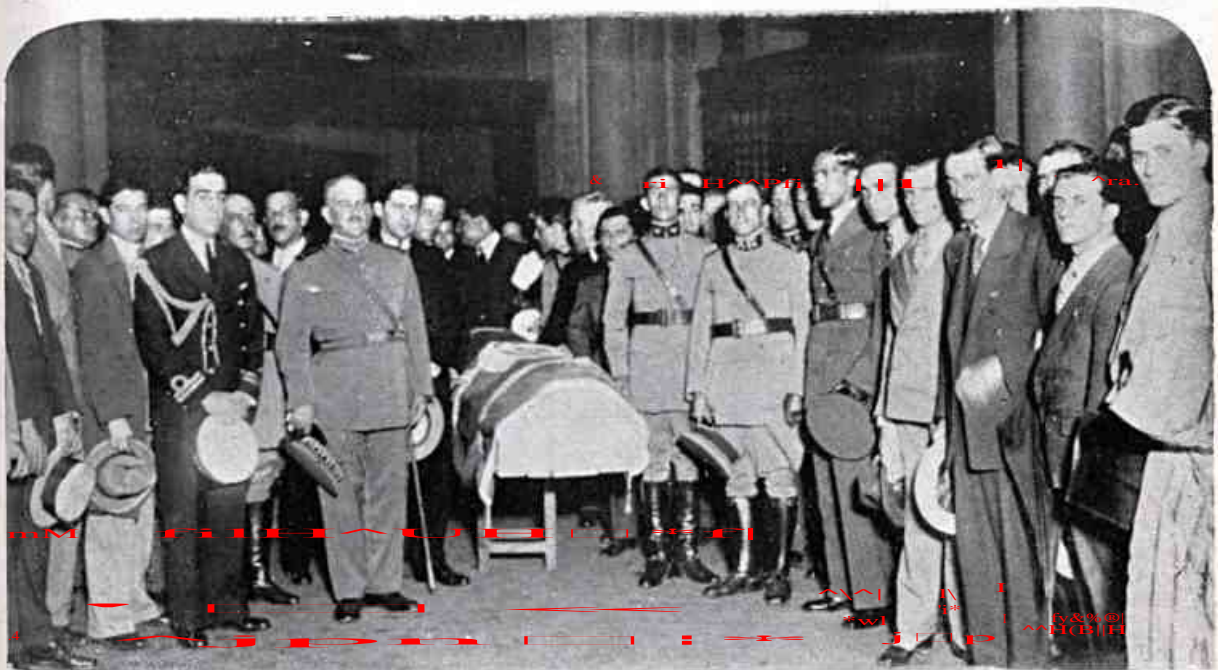
* *

frais, inventés, semble-t-il, pour faire naître la pensée qui coule des livres, profonde et claire, pendant qu'on va à pas lents sous les longues arcades mélancoliques?"

Eu amo os claustros...

Os edificios que a humanidade de hoje constróe arranham o céos, sem duvida; porém arranham ainda mais o eterno conceito da belleza. Paredões lisos de altura descommunal cortados de janellas, symetricamente, como um taboleiro de xadrez. Por ornamentação riscos, cornelluras ou goivaduras rectilineas e curvilineas. E sobre a sua face quadrada, vulgar e descommunal, nada daquillo que Victor Hugo encontrava nos templos da Grecia:

Quelque chose de beau comme un sourire humain.

CLAUDIO FRANÇA

Cerração. Uma «panne». Azas que perdem, subito, o rythmo de seu vôo no espaço, para descerem partidas sobre a terra, numa vertigem de ave ferida. Depois, a anciedade e a consternação, como ainda, a semana passada, aconteceu, no doloroso desastre occorrido com o «Breguet 19», da nossa Aviação Militar, nas alturas do Rio das Contas, no Estado do Rio, em que pereceu um dos seus tripulantes, o inditoso aviador, capitão Octavio Alves do Valle, sahindo illeso seu companheiro capitão Alberto Barcellos. As photographias que publicamos focalizam vários flagrantes das tocantes homenagens prestadas ao saudoso piloto patricio, cujo trágico desapparecimento tão profundamente abalou e commoveu a alma nacional.

TREPAÇÕES

ELLA sempre desejou se fazer passar por dama mysteriosa, encerrada no seu castello de marfim.

Parecia de facto que vivia no seu esplendido isolamento, longe dos rumores mundanos, sem um affecto, sem o carinho de uma companhia agradavel...

Fabio, o galante filhinho do dr. Povina Cavalcanti, nosso confrade de imprensa e illustre escriptor e advogado, e de sua exma. esposa, dona Araci Povina Cavalcanti, festejando ha dias, o seu anniversario natalicio, recebeu os amiguinhos e... amiguinhas que foram cumprimental-o por tão grato motivo, offerecendo-lhes, com o coração generoso e o sorriso alagoano, lauta mesa de finos doces, regada a chá, que é a champagne das crianças.... O intelligente Fabio apparece, na photographia acima, num instantaneo desse dia feliz.

De raro em raro apparecia em publico, maravilhosamente linda, vestida maravilhosamente pelos ultimos modelos importados dos costureiros de Paris.

Um *caso serio*, que merecia ser decifrado pela nossa bisbilhotice de jornalista.

E o acaso incumbiu-se de nos fornecer a chave preciosa do enigma.

A dama tem o seu mysterio, não ha duvida...

Porque, morada confortavel, automovel, creados, *toilettes* e outras coisas mais — só tendo hoje muito dinheiro.

A linda creatura não possue fortuna para manter o luxuoso trem de vida que exhibe aos olhos invejosos, mas.... o caso está perfeitamente explicado.

O sympathico medico é quem governa o barco, pagando para a musica...

Está certo.

E nós, como nas historias de fadas encantadas, podemos agora dizer: "Era uma vez uma dama mysteriosa..."

O *landaulet* guiado pelo moço atirado a aventuras amorosas, é, agora, infallivel todos os dias na pequena rua de Copacabana.

O *chauffeur* amador é dotado de um admiravel caradurismo, porque tem a paciencia de guiar o auto em marcha lenta, passando pela pequena rua uma centena de vezes, diariamente.

E, quando defronta uma determinada casa, a busina funcciona como solicitando a presença de certa dama, á janella....

Este brinquedo *innocente* despertou a attenção dos moradores da rua familiar e tranquilla, provocando, a principio, certo alarme, porque ainda ignoravam a victima visada pelo *gavião*.

Mas, agora, o mysterio está desvendado, pois a dama sequestada não se envergonha de attender ao appello da busina...

Como a dama e o moço do *landaulet* estão de accordo, seria conveniente que o motorista amador suspendesse a excursão automobilistica com o acompanhamento de busina, para o socego dos moradores da pequena rua e da pequenada que já não póde brincar despreoccupada nas calçadas.

Sim, porque o *chauffeur*, quando passa e torna a passar, tem o máu habito de voltar a cabeça deitando-a fóra do auto, e este habito póde acarretar uma distracção, provocando a perda da direcção...

Cuidado, seu *gavião*... malvado!...

A manicura vae realizar o seu grande sonho doirado.

Ella faz unhas, porém sonha com as *baratinhas* que dão uma

Rosa Maria, filhinha do sr. Julio Medeiros e de d. Regina Valladares Medeiros

. . .

enorme importancia ás mulheres que as possuem, segundo não se cansa de dizer ás collegas.

Acontece que a manicura conheceu um *coronel* pacato e cheio de milhos, e desde que teve a ventura de se fazer estimada do velho, tem procurado tirar todo partido da situação.

E, tanto chorou, que talvez a *baratinha* desta vez appareça...

Pelo menos está escolhida e promettida para o sapato de Papae Noel...

Mas, até lá...

ADÃO & EVA

Quando o homem deseja...

Elle — Bom dia.... Como vae a senhora? Já conheceu minha voz, pois não?

Ella — Naturalmente.... Ella é inconfundivel.

Elle (*derretido*) — Oh! por quem é, não me faça elogios assim; não os merece minha voz. A sua sim, é....

Ella, (*interrompendo-o, sarcastica*) — Perdão! Está equivocado. Não lhe fiz elogio algum. Nem tudo que é inconfundivel é bom ou bonito.

Elle (*queimado*) — Bem estava espantado. Agora não... (*pausa*). Diga...

Ella — Que?

Elle — Por que é assim agressiva, irônica, má para commigo, que tanto a admiro?

Ella — Justamente por que me admira ou faz como si me admirasse.

Trate-me com naturalidade e serei natural tambem.

Elle — Mas como poderei ser natural em sua presença, si....?

Ella — O senhor não está em minha presença.

Elle — Ou na presença de sua voz. E' quasi o mesmo. Ha mulheres que um homem vê, com as quaes falla, brinca sem o menor constrangimento. São creaturas incolores. São como o branco: recebem qualquer tonalidade. Ellas é que acceitam, se impressionam com a personalidade do homem que se lhes dirige e ao mesmo se adaptam.

Porem a senhora tem uma individualidade tão extraordinaria, que basta a presença de sua voz para me desnortear.

Ella (*irônica*) — Mas que voz terrivel ha de ser a minha! Vou ver si a modifico para suster-lhe a acção maléfica...

Elle — Não poderá modifical-a. Faz parte de sua personalidade. O que assim me intimida, tira-me a naturalidade, perturba-me, não é o som de sua voz, embora elle seja adoravel, é...

Ella — Alô..., alô... Minha senhora, a senhora cortou a communicação!

Elle — Alô...

Ella — Promptо....

Elle — Emfim. Peço-lhe perdão em nome da telephonista. Dizia-lhe eu...

Ella — Não, não me dizia nada. Por uma vez a telephonista fez uma interrupção que não foi inteiramente absurda. Seja sincero commigo. Por que me elogia tanto si me conhece tão pouco?

Elle (*esquecendo um instante seu papel*) — Talvez justamente por isso.

Ella (*rindo gostosamente*) — Agora sim foi natural. Elogia-me porque não me conhece bem. E' bom que eu o saiba...

Elle (*concertando*) — Deixe-me terminar.... Elogio-a sem conhecel-a bem, como diz, porque, si a conhecesse melhor, provavelmente, minha admiração seria tão intensa que já nem mais expressão teria.

Ella (*rindo ainda mais*) — Sim senhor!.... E' habilidoso!

Elle — Pelo amor de Deus, não me falle assim... Si soubesse o receio que tenho de magoal-a, si adivinhasse como peso minhas palavras para não offendel-a, não me trataria com uma ironia que não mereço.

Ella — Eu não sou irônica. Minhas respostas são a consequencia necessaria das suas palavras. Oiça: uma mulher elogiada só tem tres attitudes: a offendida, a credula, a sceptica.

Para offender-me não tenho motivo, e não sou nenhuma roceira que tome sem razão ares de magestade desacatada. Para acreditar no que me diz, precisaria que fosse pretenciosa ou julgando-me um ente excepcional ou admittindo gratuitamente que está apaixonado por mim, quando só faz repetir-me que sua admiração é toda espiritual, sem nenhuma segunda intenção. Sim, porque só um homem apaixonado, e mui-

(*Continúa na pag. 62*)

Quando a mulher ama...

Ella — Es tu, querido?

Elle — Sou eu. Bom dia. Como estás?

Ella — Bom dia, amorsinho... Por que dizes assim: "como estás?" e não "como estás, querida?", ou "como estás, bemsinho?..."

Elle — Ora porque! E' facil comprehender. Vocês mulheres não entendem nada nunca, ou fingem que não entendem.

Ella — Não me falles assim... Que é que eu devo comprehender?... Que já não gostas de mim, não é?

Elle — Ora por Deus. Já vem á eterna queixa! Escuta aqui. Sabes onde eu estou, não?

Ella — Sei; no teu escriptorio.

Elle — E então?...

Ella — Tem gente ahi?

Elle — Naturalmente.

Ella — Quem?

Elle — E essa!

Ella — Alguma mulher... já sei... Dize: quem é?

Elle — Francamente, julgava-te mais intelligente!

Ella — E'... Noutros tempos eu tinha até um talento adoravel... Agora sou estúpida, com certeza.

Elle — Por favor, não disse isso. Apenas que, ás vezes, não pareces.

Ella — E'... Não pareço porque enxergo certas coisa...

Elle — Escuta aqui: vamos ao positivo. Que é que tu querias?

Ella — Nada... Falar comtigo, saber se estás bem, ouvir tua voz... E me recebes assim!

Elle — Assim como? Tu te pões a discutir sem razão e depois dizes que sou eu. Como estás?...

Ella — Eu, bem... com saudadesinha.

Elle — Tambem eu. (*Silencio*). Olha: logo mais te telephono, ouviste?

Ella — Logo mais... depois é como hontem. Não telephonas mas é nada.

Elle — Foi inteiramente impossivel. Mas hoje é certo.

Ella — Sei disso... logo... amanhã. E' só o que dizes.

Ella (*malcreada*). Logo não quero, ouviste? (*Des-*

Ella (*malcreada*). Logo não quero, ouviste? (*Desliga bruscamente*).

Ella (*dez minutos depois*) — Allô, allô... E's tu? A telephonista desligou.

Elle (*irritado*). — Telephonista nada... Olha... tu precisavas eu sei de que...

Ella (*humilde*) — De que? Do teu carinho. Perdôa, querido... Amo-te tanto... tanto...

Elle — Mas eu tambem, tolinha...

Ella (*com vivacidade*) — Ah! Já estás só? Quem é que estava ahi?

Elle (*displicente*) — Um amigo.

Ella (*raivosa*) — Amigo nada! Era uma mulher.

Elle — Mas, por quem és, não me persigas! Si soubesses como toda mulher se torna intoleravel quando dá para ciumenta! Gosto de ti, mas assim vaes conseguir que não goste mais.

Ella — Estás procurando desculpas. Já não és o mesmo. Falas-me com uma indifferença...

Elle — Sou o mesmo, sim, amorsinho, bemsinho, querida, adorada, flor, anjo, deusa... Estás satisfeita?

Ella (*cmiiada*). — Assim não! Até parece caçoada...

Elle — Que queres então?... Olha... eu sei Mas assim de longe não é possivel.

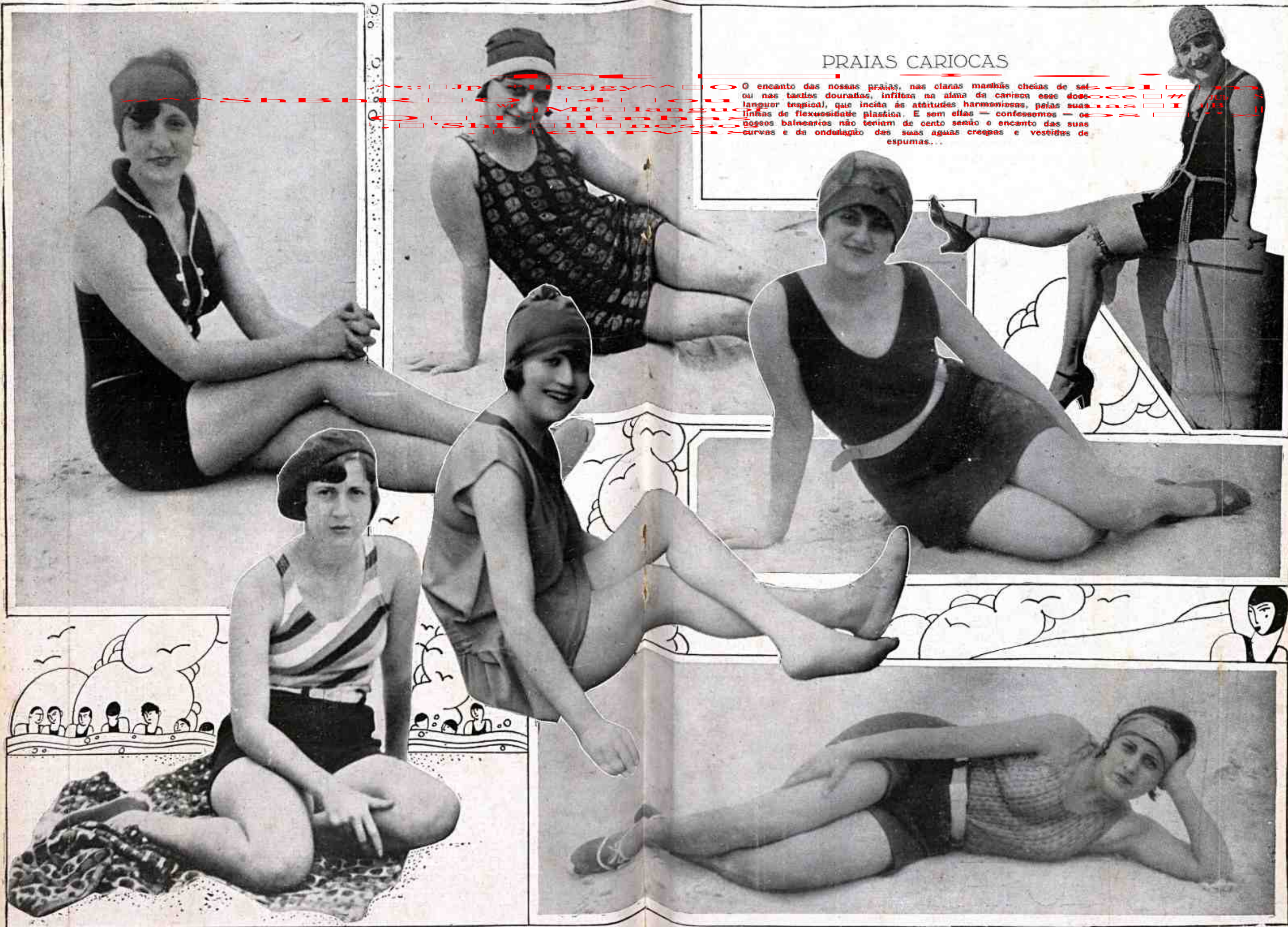
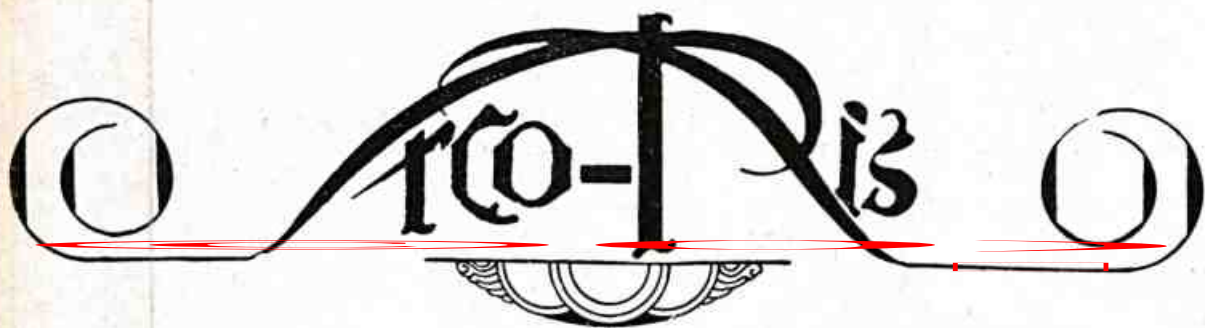
Ella (*raivosa*) — Não quero nada! Vocês homens são todos os mesmos! Não sabem comprehender um gesto de meiguice... pensam que nós somos materiaes como vocês...

Elle (*rindo*) — Bem. Vamos admittir que me enganei. Não queres nada. Nem eu tão pouco. E visto isso vamos-nos dizer adeus.

Ella — De novo? Escuta, querido, não sejas máu

(*Continúa na pag. 62*)

PRAIAS CARIOCAS

O encanto das nossas praias, nas claras manhãs cheias de sol ou nas tardes douradas, infiltra na alma da carioca esse doce languor tropical, que incita ás attitudes harmoniosas, pelas suas linhas de flexuosidade plastica. E sem ellas — confessemos — os nossos balnearios não teriam de certo senão o encanto das suas curvas e da ondulação das suas aguas crespas e vestidas de espumas...

GRAÇAS E RYTHMOS

Agora, em nosso tempo, as senhoritas,
sinão todas, ao menos as bonitas,
interpretam ao piano, ou dizem versos...
Mas ha sempre excepções.
Alguns temperamentos são diversos,
mesmo nas... diversões.
E, por isso, nem todas dizem versos
nos salões.

E, assim, as senhoritas,
em regra, as mais gentis e mais bonitas,
cantam e tocam, sim. Mas outras dançam.
Interpretam com grácil harmonia
a alta choreographia
e triumphos esplendidos alcançam.

Cada qual, no seu ramo. Ou a violeta
que aromatiza alfombras, ou a accacia
que abre risos, nos tópes.
E, como as flores (deixem que intrometta
a velha imagem) são as senhoritas
mais bonitas.
Por exemplo. Ahi está Carmen de Souza Lopes.
Si ella é rosa ou violeta,
si é chrysanthemo ou accacia,
o que importa, é que, quando Carmen dança
— Viva la gracia! —
tão fragil e harmoniosa,
muito mais harmoniosa do que fragil,
guiando o corpo esvelto e agil,
os pésinhos de petala de rosa,
vão e vêm, vêm e vão
com os rythmos da dança,
e, com ella, o salão
acompanha a mudança
do passo ou do compasso,
e a poesia de cada airosa dança
sóbe dos pés ao coração.

Pois, terça-feira, no Municipal,
em beneficio (e, havendo religião,
cabem no caso plúmmulas e hissópes)
haverá um distincto festival.
Carmen de Souza Lopes
tem sempre em tudo nota — distincção.
Vendo-a dançar, os pés tão ageis, a cabeça
tão gentil,
a gente pensa como Vilaespesa:
— Sevilla en el Brasil! —

Bazar de Bonecas

Feira de Vaidade e de Elegancias

BALCÃO FLORIDO

Foi ainda como uma miragem crepuscular, uma miragem cheia de doçura e de saudade, esfumada, ao longe, nas sombras da tarde que se recolhe, para o silencio, para a paz e para o mysterio das coisas, que você, mais uma vez, minha amiguinha desconhecida e distante, veio para mim, a difundir no ambiente que me envolve o suave e exquisito perfume de sua alma de mulher.

E você, minha "selvagem" sensitiva, — toda sua alma, todo o seu ser palpitante, e inquieto, de avesinha cançada e só, que buscasse a copa acolhedora de uma arvore para tambem se recolher — desceu, com um lusco-fusco de tristezas, sobre a quietude verde da planura illuminada da esmeralda de meus olhos.

"Olhos verdes? que traiçoeira falsidade encerrará a sua alma?" — pergunta-me você.

E eu lhe digo: apenas: a falsidade, a fallaz e feitiça illusão de muitas "miragens" como você, — que, ao se desfazerem, a deixavam cada vez mais triste, mais só, mais abandonada e desilludida...

Como aquelle druida de uma pagina de Keats, que dizia não ser feito dos sonhos que sonhara, e sim de suas proprias desillusões, tambem a mim me fizeram mais os desencantos do que os encantos que fazem, momentaneamente apenas, a festa, a alegria e o deslumbramento da vida.

Veja como lhe estou sendo sincero, eu que, apezar de tudo, sempre que quero, sei encontrar ainda os meus olhos deslumbrados de creança, para, com elles, ver, sentir, amar e comprehender a vida através das... miragens que a varinha de condão de meu coração de vez em vez faz surgir pelos caminhos que palmilho. Mesmo aquellas que se esbatem, ao longe, e cahem sobre minha alma como as garôas de sua tenda...

do no pequeno-immenso "mundo interior" de meu coração.

E não, foi como quem dá uma esmola de consolação que respondi á primeira carta de minha desencantada amiguinha. Desencantada porque o quer, porque vê floridos os jardins suspensos da alma da gente — a agua sagrada e prodigiosa que, como aquella "das mil maravilhas", contos de fadas, vae carreando, sempre a cantar, pelo rio immenso da vida, o amor, a bondade, a esperança e a fé, a alegria e o enthusiasmo...

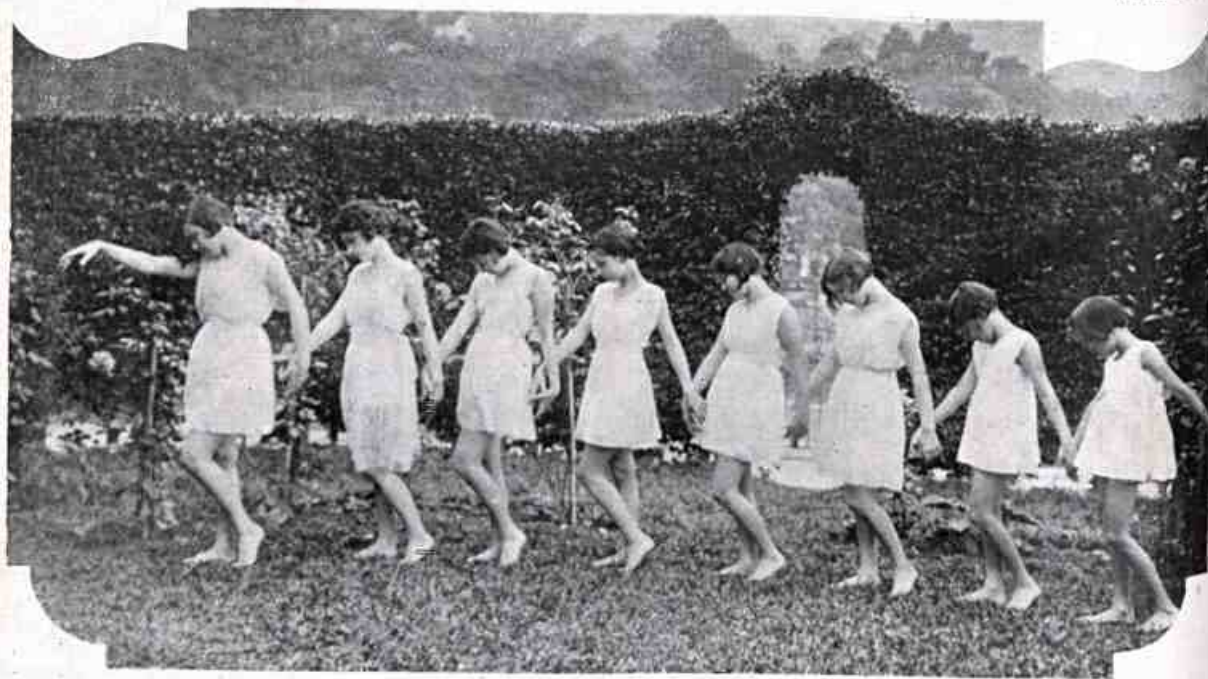
Esmola, a você?...

Por que, se é tão rica, se tem dentro de si thesouros inexgotaveis que desconhece, ou que, guarde, talvez, zelosa e avaramente, á espera do... ladrão de seu coração, daquelle que, um dia, pronunciando as palavras magicas do *Abre-te Sesamo* de seu sonho de amor, fará, deslumbrado, a descoberta das gemmas preciosas, das pedrarias maravilhosas de seu "mundo interior"?

Escute: você me diz que parece que eu já vivi um pouco na sua vida ou "numa vida que vivemos no passado". E' possivel isso. Creio, porém, que mais acertado é admittir a hypothese de que no presente, neste instante que vivemos distantes um do outro, sem sequer nos conhecermos, os rythmos da sua e da minha vida cruzaram-se por um momento, no espaço, vibrando em unisono, harmoniosamente, as cordas de sua alma, de sua emotividade. Pois não é? Os rythmos, que cantam por ahi afóra a eterna canção da vida profunda e do amor infinito, teem tambem as suas affinidades...

Porque não crê que meus olhos verdes, num momento como esse, minha pobre desencantada, tenham sorrido meigamente para você, a lhe dizerem depois que olhasse para dentro de seu coração? Fallei-lhe sinceramente, porque a projecção da sombra de me-

A senhorita Iracema Fonseca, filha do coronel Benjamin Fonseca, commandante da 7.ª Brigada, com séde em Juiz de Fóra, é uma galante figura da élite daquella cidade mineira.

Para essas, suave "Miragem" de melancolia, para essas, como para as claras e illuminadas miragens verdes, tontas de luz e de perfume, carinhosas como uma manhã fresca de primavera, tambem ha logar e gazalhacorrer a seus pés o fio de oiro da eterna e bemfaseja Illusão e sequer não faz o gesto de se curvar para colher na concha de suas mãos a agua pura e fresca que realiza o milagre de trazer sempre virentes e

Patrocinada pelo Fluminense Foot-Ball Club, realiza-se hoje, no Theatro Municipal, a vesperal de arte choreographica, em beneficio do Natal das Creanças Pobres. Nesse festival tomarão parte as alumnas dos professores Pierre Michailowsky e Véra Grabinska.

lancolia com que a luz de sua alma veio até mim, eu a recebi como quem recebe uma amiguinha desconsolada e tiritante de frio, que, fugindo aos rigores de uma tarde de geada na sua terra, tivesse vindo bater á porta da cabana humilde de meu coração, engalanada de flores, para aquecer-se ao pé da lareira onde arde o fogo sagrado da minha idealidade, da minha phantasia.

Repito-lhe, minha distante e desconhecida amiga — abra de par em par as portas, ou, ao menos, as janelas verdes de seu coração, e reconhecerá, então, você propria, deslumbrada, como tinha os olhos cerrados para a vida, para o amor, para a luz, para a felicidade, que só elle sabe adivinhar e sentir, sem comprehender o que está revelando, antes os olhos pasmos e attonitos da gente.

Porque não quiz comprehender o final de minha ultima carta quando, depois de lhe falar na rosa vermelha de... seus labios, que, certo, não estaria reservada para o meu beijo, referi-me a "alguém" que estava aqui bem perto de mim"

E' por isso que diz que tudo passa — "agonias e felicidades" — tudo?...

Perdõe-me si sou um tanto malicioso, mas ainda assim é suave e bom, amigo e sincero o sorriso que brinca nos meus labios e tambem nos meus olhos verdes.

Noto, porém, que escrevi muito para nada lhe dizer.

E por isso mesmo é que vou illuminar e perfumar o meu balcão florido com o final de sua carta, suave "Miragem" desconsolada e triste, agora, mas que, um dia, ainda virá para mim, alegre e festiva, a dizer-me que é feliz porque encontrou no seu coração a expressão e o sentido de sua vida.

"... a rosa vermelha de meus labios?... Você deve saber que, um dia, um poeta perguntou: — "por que será que as feiticeiras são assim tão fascinantes, mais fascinantes que as princezas? — e obteve esta resposta: — porque as feiticeiras beijam muito antes de pensarem em "sentir", e as princezas, essas... "sentem" muito antes de pensarem em beijar..."

E diga, então, agora, isso que não direi a ninguem: — qual vale mais — a rosa feiticeira que se depõe nos labios ou a princezinha aprisionada — que se entrega ao coração?"

Ahi está uma coisa difficil de se responder, especialmente no meu e no seu caso, minha amiga, porque você é... miragem e como toda miragem tambem... feiticeira.

Em tal conjectura, não seria bem melhor o beijo da feiticeira juntamente com o coração da princezinha aprisionada?

Quem, porém, Miragem, colherá a rosa vermelha de seus labios — que nunca será minha — desencantando, então, a princezinha aprisionada — *la belle au bois dormant* — desse distante recanto da terra paulista?...

SORRINDO

Cerrei, hoje, a porta do meu "Bazar" a sorrir, a sorrir para dentro de mim, para a minha silenciosa e resignada tristeza, sempre tão calma, tão serena e conformada, e que, neste momento, sinto tão agitada e inquieta.

E ella tem razão, a pobrezinha, porque, ao cerrar hoje a porta do meu "Bazar", alguem que era a sua alegria e a sua festa, alguem, que tanto a enganava e distrahia, ficou do lado de fóra, para nunca mais, nunca mais voltar...

Minha Illusão, minha doce e consoladora illusão de uma tarde azul de novembro, por que te foste, deixando-nos tão sós, abandonando-nos para sempre, a mim e á minha pobre e inconsolavel tristeza?...

ESTRELLAS CADENTES

Tenho os olhos perdidos na cinza diffusa do crepusculo. E os tenho tambem cheios de melancolia, em mais esta tarde que desce sobre a terra, sobre as coisas e sobre minha alma como um adeus, um adeus de quem vae para nunca mais voltar...

Recordo. Evoco. Teu vulto amigo e bom, nunca esquecido, surge-me agora, em meio do velario-cinza da tarde que morre, em todo o esplendor da casta e meiga belleza de teus quatorze annos. Faz tanto tempo já! Eras tão linda e tão meiga e tão boa!

Mas, queridinha, tambem tu estás triste, como eu, como esta tarde ungida de religiosidade e

que parece, ajoelhada e supplice, a alma infinita e mysteriosa das coisas a rezar em surdina, cheia de sinos e de fremitos de azas que se recolhem, a Ave-Maria da saudade, da immensa e indescriptivel saudade que eleva agora, para os céos, meu coração.

Teus olhos verdes, a se metterem pelos meus, illuminam-se, cariciosos; e nimba-se de luz teu corpo moreno de meiga flor sylvestre da nossa terra.

Vejo-te, como te via, ha mais de vinte annos. Teus cabellos castanhos, annellados, estão soltos ao vento. E tu, mettida no teu vestidinho domingueiro, sahias commigo, despreoccupada e feliz.

Eras tão, minha amiga, e tão boa, tão solicita, tão dedicada e carinhosa que nunca mais encontrei, na vida, quem me quizesse como tu me quizeste.

Enchias de milagres, de bondade e dedicação os que te amavamos, naquella grande casa tranquilla e feliz em que vivemos.

Eras tão boa e tão pura, que Deus te roubou ao nosso amor, minha irmã, tirando-te da terra para santificar-te no céo.

Tua sombra amiga e querida sinto, porém, nunca me abandonou e sempre que estou triste e afflicto tu baixas do céo azul e infinito para acariciar, com teus dedos de fada e de santa, a cabeça soffredora de teu irmão.

Porque, irmãzinha, morta, tu continuaste a viver no recanto mais puro do céo, de meu coração, sempre enfeitado de azul e engalanado de flores para acolher tua saudade.... tua alma de santa.

PETIT BLEU

Adeus...

Desta vez te digo — adeus, porque nunca mais nunca mais meu beijo supplice e inquieto desfolhará sobre os teus labios mentirosos, num rythmo suave de petalas de rosas, os anseios da minha caricia...

Desta vez te digo — adeus, porque nunca mais, nunca mais meus olhos, tão leaes e tão confiantes, *se perdant parmi les yeux aimés*, descerão sobre os teus a esmeralda illuminada e cheia de carinho e de bondade das minhas pupillas verdes, que só viam a ti na terra...

Desta vez te digo — adeus, porque a miragem com que me illudiste, até hontem ainda, se desfez e, ante meus olhos tomados de tristeza e de desillusão, descerrados para a tua plena revelação, surgiste-me tal qual és — volúvel, falsa, leviana, sem alma e sem coração capazes de corresponderem ao grande e infeliz amor que te consagrei, amor feito de dedicação e de sacrificio...

Adeus...

SEARA ALHEIA

CRUCERO DEL SUD

SANTOS CHOCANO

Cuando las carabelas voladoras
al fin trazaron sobre el mar sus huellas,
fueron rasgando por delante dellas
la inmensidad con sus tremantes proras.

Entonces Dios, en las nocturnas horas,
tras el misterio de las tardes bellas,
una cruz debujó con cuatro estrellas
en el lienzo en que pinta sus auroras.

Quedó la cruz como argentado broche
que en la punta de un velo resplandece,
dejando ver radiantes simbolismos;

y hoy, sobre el terciopelo de la noche,
en la profunda obscuridad, parece
la condecoración de los abismos...

SOCIEDADE

Elegancias — O chá-dançante que o Automovel Club offereceu quinta-feira ultima a seus dignos socios e exmas. familias constituiu um acontecimento mundano de grande distincção.

Durante essa reunião elegante, que decorreu num ambiente de fina cordialidade, reinou sempre a maior animação, deixando a encantadora festa a melhor impressão no espirito de quantos a ella compareceram.

A ultima festa de arte que se realizou no Atlantico Club, organizada pela escriptora Mercêdes Dantas, teve, como sempre, o esplendor mundano das anteriores. Nella tomaram parte elementos de prestigio nas letras e em nossos circulos musicaes.

A MULHER CHIC
A' espera do calor...

Sacudindo a saia leve de verão...

FEZ trez annos, ha dias, que o sr. Estacio Coimbra governa o Estado de Pernambuco. Um acontecimento aliás communissimo este, se não fôra a qualidade excepcional de merito do governante, e a obra indiscutivel do seu governo.

No Brasil os homens politicos recebem sempre os applausos incondicionaes dos seus asseclas. E os governadores dos Estados, quasi sempre, sahem da politica regional, sem outros relevos que a amizade dos chefes dos seus partidos e uma cega confiança na sua dedicação.

O sr. Estacio Coimbra é um typo á parte, nesses casos previstos.

A sua vida publica, gravada em significação invulgar, merece um elogio largo, sem reservas.

O governador de Pernambuco é um politico de criterio seguro, com uma grande confiança na serenidade dos seus actos. Por isso mesmo, tendo atravessado as mais angustiosas situações na sua carreira, conseguiu sempre vencer com a bravura de um eximio batalhador.

A sua seducção pessoal, o poder da sua austeridade, do seu caracter, tudo se harmoniza para o fastigio dos seus triumphos. Os que conhecem pessoalmente o sr. Estacio Coimbra e já tiveram a graça de possuir um pouco a sua amizade, comprehendem as caracteristicas luminosas desse elegante mental, desse refinado homem de politica, de sensibilidade profunda.

O seu governo em Pernambuco integraliza o seu valor. Chamado a administrar o seu Estado depois de ter exercido as mais altas posições, o ex-ministro da Agricultura, o ex-vice presidente da Republica chegou a Pernambuco com o proposito unico de fazer bem á sua terra.

Ahi estão os fructos do seu trabalho.

A capacidade de um governo que attende a todos os problemas grandiosos na medida das cifras orçamentarias.

A obra de renascimento que se ostenta com o producto de uma administração consciente.

As reformas, o desenvolvimento de todas as forças do Estado. A grande reorganização no Departamento do Ensino, as escolas profissionaes são beneficios que o sr. Estacio Coimbra deixará em Pernambuco com a alegria forte de quem executou um programma magistral.

As realizações e mcimento arnado e jardins em symetria são raras no governo de Pernambuco. O sr. Estacio Coimbra reflecte os maximos emprehendimentos civilizadores.

A educação do povo, a construcção de casas para operarios, o auxilio poderoso a todas as grandes instituições sociaes, foram estes os pontos que o governador de Pernambuco feriu de frente, para sentir, depois, a realidade bem definida do seu dever.

E vae desenvolvendo a sua acção quasi milagrosa, com uma displicencia olympica. Não se sente nelle a menor palpitação de vaidade. Alli, na cadeira governamental do palacio do Campo das Princezas, está o gentil-homem, o habitual de todas as victorias e de todas as humanas bellezas.

A mais notavel das qualidades do sr. Estacio Coimbra é o aprumo de sua personalidade.

Geralmente, uma aptidão se desenvolve e fortifica com o aniquilamento de varias outras aptidões. O sr. Estacio Coimbra resulta, porém, harmonia de todas as suas virtudes de intelligencia e caracter.

Alguem que tenha um dia se approximado de alguns presidentes e governadores de Estados, do Brasil, em chegando ao Recife, para fallar ao sr. Estacio Coimbra, se desnorteia e se deslumbra na impressão de que haja desapparecido a craveira chata dos politicos provincianos. E nós, os literatos, os artistas, os que temos peregrinado pela terra brasileira, e cansamos de ouvir aos seus dirigentes as mesmas lamurias financeiras, nos sentimos encantados diante do governador polido e sabio que anima e protege, governa e se consagra com superioridade inimitavel.

Os povos têm os governos que merecem, disse um velho politico europeu.

E sempre se vem repetindo este conceito quando ha occasião de enquadral-o bem.

Pernambuco tem no sr. Estacio Coimbra o representante legitimo do seu povo.

A terra valorosa, grande por seus feitos, immensa por sua belleza, intrepida por sua historia inteira, está sendo servida por um pernambucano que assignala, nobremente o orgulho da nossa raça.

HUMBERTO, DE SAVOIA

O attentado de que foi victima o principe Humberto de Savoia, e do qual escapou illeso, é de natureza a merecer a mais viva repulsa, de todos os corações bem formados.

As circumstancias que envolveram o facto são, de todo o ponto de vista, reprovaveis.

O principe italiano achava-se em Bruxellas, para officializar o seu noivado com a princeza Maria José, filha dos heroicos reis belgas, — um noivado com raizes de puro affecto, — quando tentaram abatel-o a tiros.

Humberto, porém, soube guardar absoluta serenidade, mantendo-se como um verdadeiro principe.

Ante o perigo, sorriu, e pensou, naturalmente, que a noiva o aguardava, ansiosa.

E, na verdade, foi um instante de rara emoção, quando a princeza Maria José, muito pallida, tomou nos braços o seu noivo, beijando-o apaixonadamente, patenteando aos olhos do mundo, com esse doce transporte d'alma, que os principes tambem sabem amar, como qualquer de nós, miseros plebeus...

Mas, o essencial é que Humberto viva, e que Bruxellas em breve glorifique, na pessoa de Maria José, a formosa futura Rainha da Italia.

O fallecimento, em Lisboa, do eminente estadista portuguez, dr. Antonio José d'Almeida, emocionou, por egual, as duas Patrias: Brasil e Portugal. Nesse politico, o que mais realçava era o caracter. Espirito sinceramente democratico, cada gesto da sua vida publica ou privada se norteava pelo seu idealismo puro. Foi tambem, com a sinceridade de sempre, um grande amigo do Brasil, enaltecedor das suas glorias e das suas grandezas.

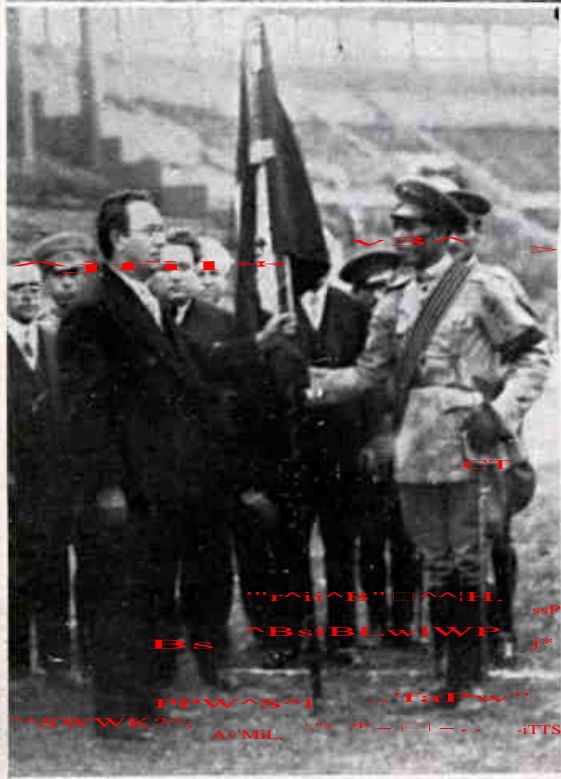
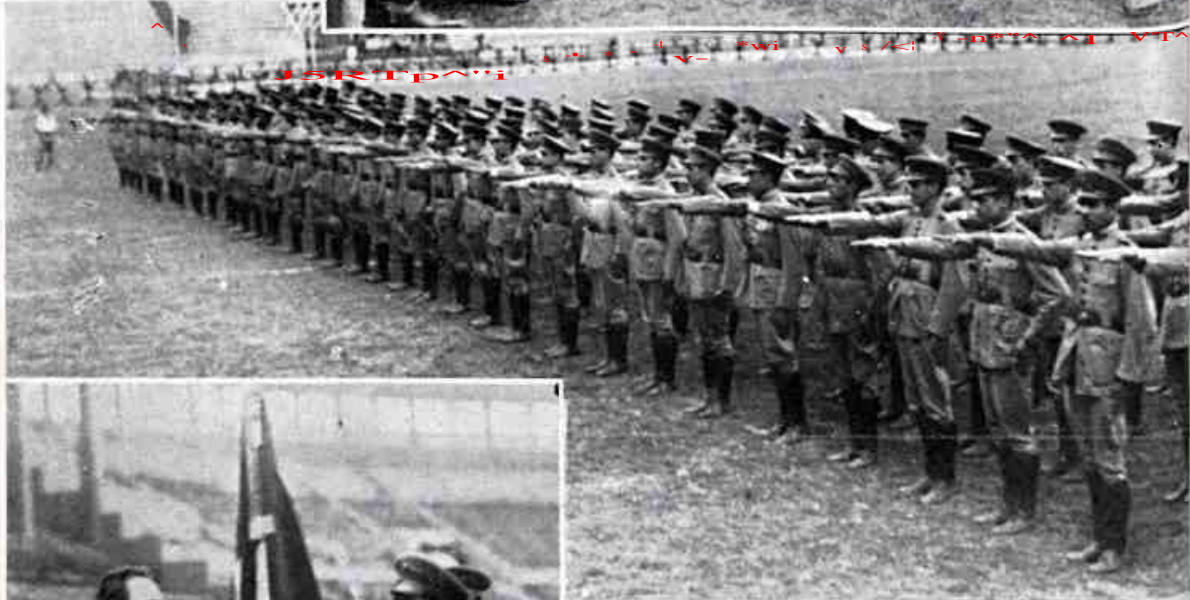
* * *

FILIGRANAS

Escrever para o publico é uma gloria fallaz e enganadora. Insaciavel Moloch, elle exige todos os dias novos assumptos e novas formas. Emquanto o jornalista ou escriptor lhe agrada, diz-se ou mostra-se encantado com elle. No momento em que o sente dessorado, decadente, fraco, vira-lhe as costas como uma mulher ingrata. E nada lhe commove a piedade.

Servir ao publico pela sua penna é a peor das escravidões Porque se serve ao mais impiedoso dos senhores.

Em acção de graças por ter sua alteza o principe Humberto sahido illeso do attentado de Bruxellas, a embaixada da Italia mandou celebrar um solemne Te-Deum, que se realizou na matriz da Candelaria, sendo officiante monsenhor Egydio Lari, encarregado de negocios da Santa Sé.

O «Dia do Empregado no Commercio» foi commemorado nesta capital com varias e expressivas solennidades promovidas pelas associações que representam a numerosa e conceituada classe. Entre essas solennidades sobresahiu o festival sportivo que, sob os auspicios da União dos Empregados do Commercio, se realizou no stadium do Club de Regatas Vasco da Gama, onde juraram bandeira os novos reservistas da União.

AMARGURA

Quando a vida é tão aspera e tão dura
Que vae matando as nossas illusões...
Desfazendo-as com mão rude e segura,
Sem deixar-nos siquer recordações...

Quando a vida não traz uma ventura,
Por fugace que seja, entre afflicções,
Fazendo-nos viver nesta amargura.
A maldizermos nossos corações...

Quando a vida é uma noite sem luar,
Que só nos punge e só nos faz chorar,
Sem um momento de prazer ou calma...

Quando a vida é tão triste e ingrata assim
Somos vivos, ansiando por um fim,
Porque a morte já temos dentro d'alma.

Paulo Gustavo.

A Associação dos Empregados no Commercio tambem festejou o dia consagrado ao empregado do commercio, offerecendo um baile aos seus socios e promovendo outras commemorações, que se revestiram de grande brilho.

Mais dois aspectos das commemorações do «Dia do Empregado no Commercio». Os escoteiros e exploradores que formaram por occasião da ceremonia do hasteamento do pavilhão da União dos Empregados no Commercio na fachada principal da séde social daquella sociedade. Grupo tomado nos salões do Club Gymnastico Portuguez durante a grande festa que alli fez realizar a União, na noite do dia 30.

:: Painel de Azulejos ::

SACO DE BOMBONS

O CORCOVADO

Ha certas coisas que de tal modo nos aborrecem e nos entediam que, de subito, nos invade a poderosa vontade de ficar só durante algum tempo, ou, pelo menos, de vêr coisas novas.

Maupassant dava como pretexto de suas viagens a visão enjoativa da Torre Eiffel. Quando não a supportava mais, nem em seu aspecto verdadeiro dominando os horizontes da cidade, nem copiada em todas as materias possiveis, desde o metal precioso do berloque ao papel da photographia, elle deixava Paris.

O mesmo se dá commigo no Rio. E' o Corcovado que me afflige. Não ha duvida que é original e bello. Entretanto, cança. Ninguem comprehende a cidade sem elle. E' como um brazão natural. E de quasi toda a parte a gente o avista, espetando as nuvens, mais derreado ou mais empinado, conforme a posição do observador. Que horror!

Ás vezes — palavra de honra — tenho vontade de deixar o Rio de Janeiro somente por causa do Corcovado...

A ARCHITECTURA

Le plus incompris et le plus oublié des arts en est peut-être aussi le plus esthetique, le plus mystérieux et le plus nourri d'idées!

Il a eu ce privilège à travers les siècles de symboliser pour ainsi dire chaque époque, de resumer, par un très petit nombre de monuments typiques, la manière de penser, de sentir et de rêver d'une race et d'une civilisation.

GUY DE MAUPASSANT

SOLIDÃO

A calma eterna do espaço desce com a noite e se espalha sobre o mar quasi immovel na escuridão. O silencio adormece. E o sôpro da brisa como que parou com receio de perturbar a tranquillidade das coisas.

O ligeiro frescor nocturno humedece os meus cabellos. Sentado na praia deserta, eu mergulho dentro de mim mesmo, desço aos mais profundos abysmos da minha alma e remonto á superficie admirado, espantado, assombrado...

Admirado, espantado, assombrado da minha solidão...

SAUDADE

A musica lenta evaporava-se na noite. Seus ultimos sons fugiam como barcos que se perdem nas brumas. E aos meus olhos vieram algumas lagrimas...

Eu me lembrei de certo crepusculo numa estrada tranquilla... Uma cabeça cheia de amargas lembranças cahira sobre meu hombro. Uns labios soluçantes confessaram-me suas tristes decepções. Dentre arvores, duma casa proxima, vinha o som dum violino. Eu consolei a dona da cabeça e dos labios, abrindo-lhe, escancarando-lhe o meu coração. E aquelle momento foi como uma elegia de Samain...

Hoje, ella está tão longe, tão longe. O tempo e a dor quasi mudaram tudo. Talvez ella mesma nem se recorde mais...

PERFUME

Cantou um de nossos grandes poetas o cheiro duma espadua; Cantaram outros, em varias linguas, o odor di femmina tão celebrado. E, mesmo os que não contam, soffrem a voluptuosa tentação dos perfumes femininos.

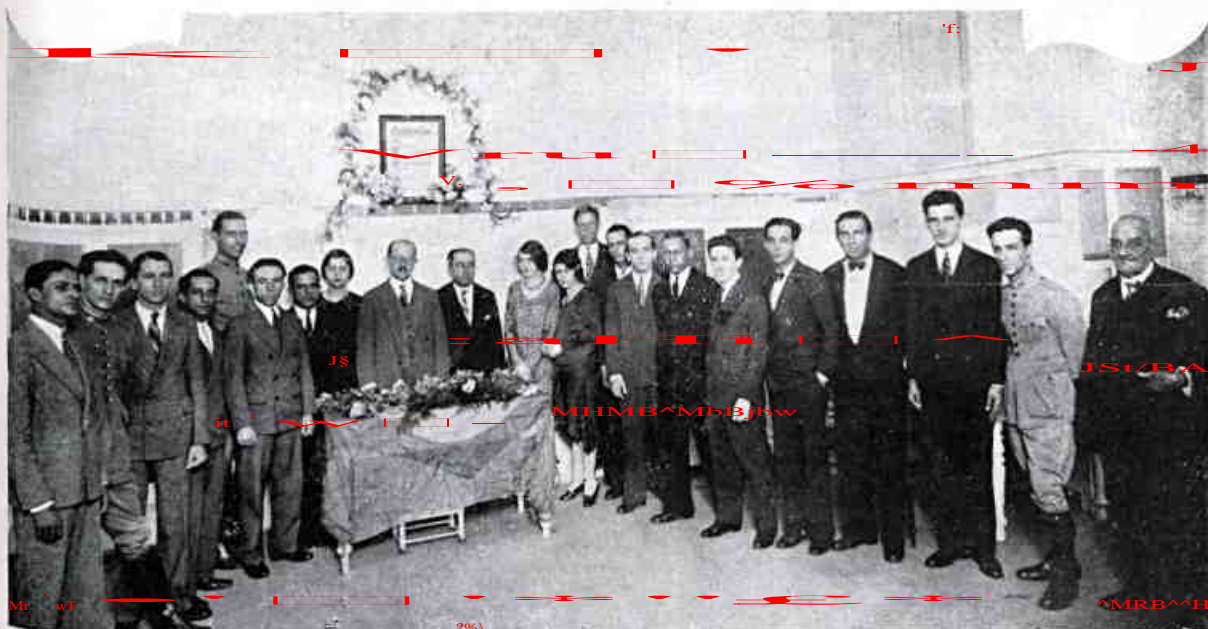
O perfume é a mais terrivel das armas da mulher quando ella sabe empregal-o, escolhel-o e dosal-o. Ha mulheres cujo perfume a gente nunca mais esquece. Os annos não têm effeito sobre elle. Sente-se elle hoje como ha dez annos.

Já Baudelaire dizia que em muitos perfumes existia a "expansão das coisas infinitas".

Onde quer que estejas, creatura que amei um dia, digo-te que consegui esquecer o teu amor, mas não consegui esquecer o teu cheiro...

D. JAYME

Joaquim Ribeiro é o joven escriptor patricio cuja cultura e formoso talento se veem affirmando, de modo brilhante, nos circulos intellectuaes desta capital e do paiz. Dedicando-se aos estudos de investigação e pesquiza nos dominios do folk-lore, nesse ramo da literatura comparada, que conhece a fundo, estreou elle, agora, dando á publicidade um trabalho de alto valor «A tradição e as Lendas», a que a Academia Brasileira de Letras já havia conferido menção honrosa.

«Os fundamentos da poesia brasileira e os processos de sua evolução» — é o titulo da these magnifica que Sylvio Julio, o conhecido professor, jornalista e publicista patricio, acaba de apresentar á Escola Normal do Rio de Janeiro, como um dos candidatos á cathedra de Historia e Critica da Literatura Vernacula, posta em concurso, naquelle instituto de ensino. As 136 paginas do novo e precioso trabalho do illustre autor de «Idéas e Combates» e tantos outros livros de valor, são mais uma brilhante affirmação da sua admiravel mentalidade e vasta e solida cultura. Um trabalho de mestre, cuja leitura se impõe e recommenda a quantos interessem os assumptos relativos á historia da nossa literatura.

Os estudantes de odontologia de Buenos Aires, que acabam de nos visitar, prestaram significativa homenagem aos seus collegas cariocas, offerecendo-lhes um pergaminho, commemorativo dessa visita de cordialidade, e que foi inaugurado solennemente no salão de chimica odontologica da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro. E' um aspecto desse acto o que fixa a photographia acima, na qual apparecem alumnos da Escola de Odontologia de Buenos Aires e professores e alumnos da nossa Faculdade.

♣ ♣

CONCURSO NA FACULDADE DE DIREITO DE NICTHEROY

Realizaram-se, na semana que findou, perante a congregação da Faculdade de Direito de Nictheroy, as provas do concurso para provimento da livre-docencia da cadeira de Direito Penal. O facto constituiu acontecimento de grande repercussão em todos os meios intellectuaes fluminenses, tendo sido aprovados com distincção os drs. Telles Barbosa e Paulino Lemgruber Monnerat. Publicamos aqui a photographia do dr. Telles Barbosa, conhecido advogado e actual 2.º delegado auxiliar da Policia do Estado do Rio, e um aspecto tomado no momento em que, perante a congregação daquella Faculdade, esse candidato defendia, com brilho e calor, a sua these sobre «Unificação do Direito Penal na America Latina». Esse trabalho recebeu de todos os professores os maiores elogios.

— I —

ABANDONO

A terra era fertil e feliz. O rio, magestoso, immenso, quasi sempre calmo, corria entre as pedras cobertas de musgo, murmurando uma canção muito lenta que meus ouvidos guardaram por toda a eternidade. Nas margens, onde as aguas se estendiam ao fluxo voluptuoso da correnteza, havia um tapete macio de relva e arvores que se curvavam, espelhando-se na lympha, como si quizessem beijar o bom amigo que as gerára e lhes dava alento para viver.

Pela manhã, o sol descia a semear refulgencia nas aguas, a aquecer a relva, a dourar as folhas, pondo em tudo tanta vida, tanta belleza, tanta festividade, que eu tinha a impressão, vendo aquillo, de que em cada manhã fosse mais nova a vida para o sol, para o rio e para as plantas. E de noite, quando havia luar, era tão grande o recolhimento de todas as coisas, tão doce a beatitude da natureza, tão meigo e tão medroso o murmurio das aguas prateadas, que a minha pobre alma, vezes sem conta, se foi ajoelhar na terra fria da margem, julgando que a natureza estivesse em prece e confundindo com a luz dos cirios a luz pallida da lua.

Via-se bem que a terra amava o rio e que o rio idolatrava a terra onde corria, embora um nada dissesse ao outro do seu amor...

Um dia — lembro-me tanto! — appareceram lá na villa uns homens estranhos, que se foram agrupar na margem do rio, olhando, discutindo e tomando notas. Dias depois, chegavam carros e mais carros de material, levas e mais levas de operarios, machinas e feragens, — uma porção de coisas e de gente que nós jamais haviamos visto e cuja utilidade não podiamos comprehender. Passada uma semana, toda aquella gente se havia fixado junto ás aguas, mettendo estacas na terra e cravando ferros na pedra, estendendo fios e cabos, num trabalho desesperado e arduo que me fez ficar mais de uma vez boquiaberto, olhando aquellas coisas que eram novas para mim.

Afinal, disseram-me a verdade: "Iam desviar o rio, levando-o mais para cima, no valle, entre as collinas". Nesse dia, quasi chorei. E embora me contassem que aquillo ia "dar progresso á villa, ia trazer a luz electrica, ia fazer do logarejo uma cidade grande", cheguei a desejar que as aguas subissem, como haviam subido annos antes, e que arrastassem comsigo aquelles homens e aquellas machinas.

Depois, que tristeza! Prenderam as aguas lá em cima, entre as collinas, atrás de paredes de cimento que se abriam um pouco de quando em quando, não para deixar o rio correr no seu antigo leito, mas para empurral-o na garganta estreita e pedregosa que ladeia o leito da estrada. A caudal continuou a correr indifferente á mudança, porque é agua e deve correr para o mar, mas as margens de outro tempo morreram. A terra fez-se dura; a relva reduziu-se a cinza e até as proprias arvores, que eram mais fortes, fizeram-se esqualidas e quasi sem folhas. O sol dardeja como um verdugo mão e a lua, quando apparece, dir-se-ia que surge apenas para clarear, com a sua luz de cirio, a triste solidão de cemiterio que anda agora por ahi...

Assim aconteceu entre nós dois. Na adolescencia que vae longe agora, andamos ligados como o rio á terra, ingenuós e bons, com as almas floridas por um mundo de esperanças que não definiamos mas que nos faziam alegres, com essa alegria que nasce do nada, que é futil e é completa, que doura os alvoreceres e povôa as noites de sonhos. Juntos corremos pelas margens daquelle mesmo rio desgraçado; juntos mergulhamos os pés mais de uma vez nas aguas frias e juntos ficamos horas a fio sentados na terra humida da margem, olhando o céo, olhando a correnteza, olhando o campo...

Eu acreditava que tu pertencesses á minha vida; tu confiavas teu corpo frágil á minha robustez orgulhosa de adolescente; nós vivemos uma vida que ninguém jamais viveu.

Mas, um dia, os homens máos e estranhos vieram levantar entre nós dois as barreiras do preconceito e das convenções. Roubaram-te aos meus olhos, aos meus cuidados, como roubaram o rio á terra feliz. Annos depois, deram-te a um homem, que nunca te acalentou, tal como deram o rio a novo leito. Tu te acostumaste aos braços estranhos, porque és mulher e deves seguir, apesar de tudo, o teu curso para o mar do futuro, mas eu, como a terra desprotegida e desamparada, vivo com a alma calcinada ao sol da saudade, vendo que a relva miúda das illusões vae morrendo a pouco e pouco, sem mesmo a esmola do rocio de um sorriso. E até as arvores das esperanças, que eram mais resistentes e mais fortes, começam agora a fenecer...

A Exposição de Horticultura e Lacticinios, installada no Palacio das Festas, á Avenida das Nações, recebeu a visita de numerosos estabelecimentos de ensino da nossa capital. A photographia acima é um flagrante da visita que fez, incorporado, áquelle certame, o «Gymnasio Piedade», — o acreditado instituto que breve inaugurará importante succursal na Tijuca, tendo sido convidado para dirigil-a o conhecido escriptor e jornalista, dr. Martins Capistrano, director-secretario de FON-FON, e um dos inspectores de exames annualmente designados pelo Departamento Nacional do Ensino.

FILIGRANAS

Hora de movimento no Café. Lufa-lufa. Gente que entra e sáe. Mesas todas occupadas. Tinir violento de louças. Nickels que batem nos marmores mãos apressadas. O uivo dos criados:

— Dobra, primeira á direita!

— Sáe, quarta á esquerda!

— Média, pão quente, segunda ao centro!

De repente, um freguês pede uma caixa de phosphoros e o *garçon* brada para o charuteiro:

— Marca Ôlho dos pequenos!...

Eu cahi na gargalhada...

DUVIDA

Meu caro Lucio de Moraes — Você deve ser feliz, porque ama. E, principalmente, porque pode communicar-se com o seu amor. Eu já não me considero assim. Amo, sei que fui amado, mas já não posso affirmar que ainda o seja, — pela simples razão de que não tenho meios de falar áquella que amo! Parece impossivel, meu amigo...

E agora, faça uma idéa do sobresalto, em que vivo, no mais triste abandono, esperando inutilmente que o meu amor se anuncie e que me tranquilize sobre as suas juras e a promessa de que nunca viria a esquecer-me...

Meu amor tem um rosto de Madona: é puro e lindo, como o rosto de uma santa. A's vezes, eu quero crer na impossibilidade da sua ingratidão. Mas, ao mesmo tempo, fico a pensar que o coração humano é insondavel e que ha sentimentos sinceros, mas ephemeros. Calcule, pois, o meu soffrimento, a angustia desta espera infinita, que eu não devo chamar de duvida. Duvidar do meu amor? Não.

Ainda que o tenha perdido, ou venha a perdêl-o, e usarei para sempre digno da felicidade que elle um dia me proporcionou, unindo as nossas boccas num beijo, que deafia a eternidade. Adeus, meu amigo.

Console e seu fraterno, — *Anacreonte*.

Em São Lourenço. Os primeiros aquaticos deste verão.

SOMBRAS CHINEZAS

Photo-film da Cidade

O commandante Ernesto Rolim, do «Cap Arcona», é um velho lobo do mar, que acaba de completar cincoenta annos de serviços á marinha mercante de seu paiz — a Allemanha. Por esse motivo, o commandante Rolim, ao transitar pelo nosso porto aquelle transatlantico, na sua ultima viagem, foi alvo de carinhosa homenagem por parte dos innumeros amigos que tem nesta capital.

DESDE o dia em que Melindre tentou suicidar-se bebendo umas gottas de iodo com agua de colonia, que vivo preoccupadissimo. O homem é sempre um grande imbecil e um perfeito cretino quando ama. Fiado na minha longa experiencia e trato com as mulheres que constituem a minha "especialidade" — as geromelindre — quiz applicar a tal minha theoria da "prova dos nove" para saber até que ponto uma melindrosa pode amar, de verdade, a um homem, e o resultado foi que, tirados fóra todos os nove, fiquei tambem fóra de mim, ameaçado com a prova real mais desengraçada da vida — a do casamento.

E' horrivel, horrivel e doloroso isso! Um cidadão passa, calma e despreoccupadamente, pelas ruas, e, logo adeante, uma sprigantá qualquer, sarapintada, camouflée, com olhos traçados a bistre, em amendoa, abre-se-lhe na cara com o sorriso mais convidativo e promissor deste mundo.

O pobre diabo, que é de carne e osso, e, por isso, fraco e tentavel, segue-lhe no encalço, tira-lhe o chapéo, faz-lhe um aceno, ella pára, os dois conversam, fazem-se conhecidos, vão ao cinema, depois de enchel-a elle de bombons.

No cinema, as mãos, e só as mãos, começam, inquietas, a se apertarem, a dizerem um sem numero de deliciosas besteiras na sua linguagem muda, silenciosa. A dizerem e a fazerem, ás vezes.

Foi o que se deu commigo e Melindre.

Esaúsinho do meu coração! — foi-me dizendo a suffocar-me entre seus braços.

Aquelle cheiro, o cheiro daquelle corpinho!

Perdi a cabeça, como acontece sempre que a tenho a meu lado.

— Melindre, Melindresinha! Mi cielo! Mi amor! Mi tesoro! Mi corazón! Toda essa hespanholada amorosa em plena tarde, com o sol a entrar pelo corpo e pela alma, da gente, cahindo....

A cada exaltada exclamação correspondeu um beijo não menos exaltado, dado, em cheio, na boquinha de Melindre, no meio da gente pasma e cheia de inveja que ia passando.

— Esaúsinho, que loucura! E a prova real, meu amor, aquella que ficaste de dar, será quando?

— Quando tu quizeres; por amor de ti sou capaz de todas as loucuras até mesmo de me casar comtigo, Melindre!

— Querido, vem queridinho, como tu és bomzinho, tão bomzinho, e tão sincero!

Vejam só!...

MELINDROSA, quer, porem, casar, eu não quero. Ella gosta de mim só para casar; eu, della, exclusivamente por amor e o casamento é a morte do amor.

Matar o meu amor? Não; é preciso arranjar uma tangente capaz de conciliar o absurdo do ponto de vista em que ella está a fazer finca-pé com o bom senso do meu modo de comprehender a nossa situação de excellentes camaradinhas. Porque, hoje, a mulher, antes de tudo, deve ser "camarada" do homem e poupar ao pobre do desgraçado os estupidos preconceitos e exigencias de outros tempos, em cujo numero, como um resíduo tetrico, ainda existe o casamento.

Na tarde azul e linda, illuminada e clara, que fazia, ia eu, a conversar commigo mesmo, nessa ordem de considerações, disposto a não tentar a prova real do amor de Melindrosa, quando — oh, Deus de Israel! — alguem surgiu á minha frente, deslumbrando-me, fascinando-me.

Era Melindrosa em pessoa, mettida em um vestido azul, um azul tão diaphano, tão claro, como se a propria tarde illuminada nelle se tivesse envolvido, maliciosamente... Que linda estava, assim toda azulzinha, pintadinha, a sorrir com aquelle sorriso tão chiquemente brejeiro, que lhe forma duas covinhas na face!

ESAÚ & JACOB

O sr. Nicolas Lombardi, director da conhecida fabrica de perfumes «Myrurgia», de Barcelona, ao desembarcar nesta capital, onde chegou a bordo do «Gelria».

CONFEITARIA TURISMO

Estabelecimento de confeitaria, café, bar, restaurante, charutaria, fructas, conservas, etc. — Installado no amplo armazem do edificio da «A NOITE», á praça Mauá, 1 e 3. Proprietarios: Castro, Vieira & Cia. — Chefe da firma: Simão Fernandes de Castro, capitalista e velho negociante na praça. — Socios: Guaracy Castro, Albino Vieira, Manoel Godinho, João Barbosa Taveira e Mario Ferreira da Costa e Sousa. — Installações da casa a cargo do constructor civil J. Ferreira, com escriptorio e officinas á rua General Caldwell, 314/316, que se incumbiu do projecto e execução da magnifica e luxuosa montagem do estabelecimento. — Os serviços de marmorista foram executados pela firma A. Dias Ramos & Cia., com officinas á rua da America, n. 222. — As decorações e pinturas, foram executadas pelo Sr. Bravo Filho. — As installações da Confeitaria Turismo são as mais modernas e aperfeiçoadas, e obedeceram aos mais rigorosos preceitos da hygiene. — Apparelhamento para fabricação dos mais finos artigos de confeitaria, torrefacção de café, etc.

O NAUFRAGIO

DE LEON LAMBRY

NTES de assumir o seu posto de director de hydro-aviões de Biarritz, o commandante Maloin tinha uma missão a cumprir. Era preciso levar de Brest á La Rochelle, onde o seu filho Pedro o esperava — um rapazola de quinze annos — o velho cruzador *Pétrel*, julgado fóra do serviço e vendido a um armador.

Estando em mau estado o *Pétrel*, devia ser conduzido com tempo calmo, navegando ao longo da costa, afim de evitar qualquer perigo.

Justificase, por isso, o receio de Pedro, quando, menos de vinte e quatro horas após a partida de seu pae, o céo, que até então estivera de uma pureza notavel, começou o se cobrir de grossas nuvens, emquanto o vento soprava tempestuosamente.

O *Pétrel* havia partido?

Apezar da confiança que o commandante inspirava, não se podia dissimular o perigo.

Durante a noite, a violencia do vento augmentou e, aos primeiros clarões do dia, Pedro se dirigiu para o caes.

Varios marinheiros já se encontravam alli, — discutindo com animação. Longe, ouvia-se o som lugubre de uma siréne.

— Meu pae! — exclamou Pedro, torturado por um amargo presentimento. E' meu pae, certamente! Salvem-n'o!

— Eh! — fez Vatard, o piloto — esse rapaz póde estar com a razão. O *Pétrel* era esperado hoje de manhã. Elle deve ter-se chocado em algum rochedo, á saida do Pertuis. Vão pedir soccorro.

— Mas eu creio que não vale a pena! — disse um marinheiro, estendendo o braço para o mar. Alli vem um barco.... Parece que vem carregado! Si não me engano são naufragos que elle traz.... Rude gente... E' possivel que se tenham salvo por si mesmos.

Houve um movimento na multidão. Todos se agitaram para ver, chamaram os marinheiros.

Desgraçadamente, alguns instantes mais tarde, a verdade foi conhecida; a equipagem estava salva, o commandante não viera com ella.

Interrogaram os sobreviventes, e o timoneiro Vicente, os olhos cheios de lagrimas, contou:

— A barca não cabia senão dezeseis homens, e nós somos dezenove. Um a mais, e a embarcação iria a pique.... O capitão foi sacrificado! Elle promettera levar o *Pétrel*, e não quiz abandonal-o.

— Salvem-n'o! — implorou Pedro.

Votard olhou o mar e teve um gesto desolado.

— E' muito tarde! — disse elle. A prôa está submersa.

E, soltando um suspiro, afastou-se.

Pedro ficou fisgado, no mesmo logar, sem uma lagrima, preso de um louco desespero. As suas temporas pareciam contrahidas por tenazes de ferro. Elle disse, entre dentes: "Irei eu...." e desceu em direcção ao porto.

Não havia ninguem lá. Apenas o pae Mordrec, um incorrigivel ébrio, saia, cambaleando, de uma tasca visinha.

Pedro, levado por uma vaga esperança, saltou para elle.

— Dou-te cincoenta francos, si me levares ao *Pétrel*.

O pescador hesitou. Cincoenta francos era a possibilidade de conseguir um numero respeitavel de garrafas. Mas do outro lado, o mar estava perigoso... Que fazer?

Foi a séde de beber que o empolgou. As suas idéas não eram muito claras. Elle tomou a bolsa e declarou:

— Vá lá! Acceito a offerta! Embarco!

E ambos partiram.

A maré alta offerecia perigo. Era uma loucura. Mas, felizmente, as aguas baixaram, e a barca atingiu os destroços, sobre o qual Pedro conseguiu subir.

Elle a percorreu em todos os sentidos e não viu ninguem.

Desceu ás partes baixas, até onde foi possivel descer, e não descobriu nenhum traço do seu pae. Era preciso curvar-se á evidencia.

O mar havia tragado, ou elle havia conseguido ganhar a costa a nado. Em ambos os casos, uma demora maior a bordo seria uma tentativa inutil.

Pedro subiu para a ponte e chamou Mordrec. Com grande surpreza, elle o viu de pé, gesticulando na sua barca, que se afastava. Um arrepio de medo sacudiu o rapaz.

O NAUFRAGIO

(Concluido)

O veleiro podia ter sido levado pela corrente, e o cerebro do velho Mordrac se achava obscurecido pelos vapores do vinho. A verdade é que a embarcação regressava sem o seu passageiro. A situação era critica; em menos de uma hora, o mar cobriria os escombros do *Pétrel*, e Pedro, sem poder salvar seu pae, estaria perdido .

Emquanto se passavam esses factos, o commandante Malvin, munido de um salva-vidas, abordava, não sem grande luta, um ponto da praia, perto da residencia do tenente aviador Naudin.

Foi lá que, enxuto e restaurado nas suas forças, elle se apromptava para tomar café, estendido sobre uma *chaise longue*, quando Naudin, que olhava o mar, soltou um grito de espanto:

— Ha alguem sobre o seu barco — disse elle.

— Impossivel! — respondeu o commandante. Assisti ao embarque de todos os meus homens... Fui o ultimo a partir.

— Contudo! Ha lá uma pessôa! Olhe. O mais impressionante em tudo isso é que o mar está crescendo... Dentro de meia hora o casco do navio estará coberto.

Malvin tomou o binoculo que lhe offereciam e, tendo-o levado aos olhos, foi presa de um sobresalto enorme. Havia um rapaz no *Pétrel*. Elle agitava o seu lenço, pedindo soccorro, e a agua já lhe subia aos joelhos .

— Misericordia! — gritou o commandante. E' meu filho! Como póde elle estar no meio de tão grande perigo? E' para enlouquecer. Em todo caso, não ha tempo a perder. Não podemos escolher meios! Nenhuma embarcação chegaria a tempo. Dê-me o seu avião!

— Mas... commandante, o vento...

— Não ha que temer o vento. A vida de meu filho está em jogo. Dê-me o avião. Eu mesmo o conduzirei.

Naudin não insistiu. Fez mais, ainda: seguiu o seu amigo, que correu para o hangar, e ajudou-o a tirar o hydro-avião e partiu com elle.

Inseparaveis no perigo, esses dois homens, que espreitavam a morte, iam affrontar a tempestade.

* * *

Como chegaram elles ao casco do *Pétrel*? Por que milagre os fluctuadores pousaram sobre as vagas, sem que as asas fossem inundadas? Como foi possivel Pedro, num abrir e fechar de olhos, encontrar-se ao lado de seu pae?

Eis o que é impossivel de contar.

Tudo isso se havia passado rapidamente. Havia sido tal a emoção que não fôra trocada uma palavra entre elles.

Foi Pedro quem primeiramente rompeu o silencio:

— Pae! — disse elle, — eu te explicarei o que foi que se passou... Mas, vês agora? Estou muito contente... Porque, sem essa aventura, tu não permittirias que eu tripulasse um avião!

O commandante estava profundamente commovido para responder. Enxugou uma lagrima. E, conquistado pela coragem do seu filho não teve forças para censural-o.

A D Ã O — (conclusão)

to, crê sinceramente, incomparavel sua amada. Ora...

Elle — E a senhora então julga-me insincero, não é?

Ella — Não. Acredito apenas que me elogia, por um habito de galanteria, uma gentileza um tanto sediça e passadista. E é contra o que se insurge minha intelligencia de mulher moderna, clarividente... e sorri porque comprehende. Bem, vou dizer-lhe adeus... Já occupei demais o seu tempo.

Elle — Não creia. Seria capaz de ficar conversando com a senhora um dia inteiro.

Ella — E seus affazeres?

Elle — Desprezal-os-ia todos de bôa vontade.

Ella — Quanto exagero!... Mas..., não quero encetar outra discussão. Adeus!

Elle — Vejo que a senhora é quem está com pressa... e se desculpa com o meu trabalho. Eterna Eva... Adeus. Não me queira mal.

Ella — Não... Póde ter segurança da minha amizade... eterna. (Ri) Adeus!

Elle — Sempre másinha. Até amanhã...

E V A (conclusão)

para mim... Si soubesses como te quero, a falta que me fazes... E's minha vida. Só por ti existo... Não acreditas?...

Elle — Acredito, sim. Mas sabes ha quanto tempo estamos fallando, sem contar a interrupção? Ha vinte minutos. Sê razoavel. Já sabes que segunda e terça são dois dias máos para mim... Deixa-me ir, sim? Amanhã, telephono-te cedinho.

Ella (*secca*) — Está bem. Não quero mais tomar teu tempo.

Elle — Adeus. (*Vae desligar*).

Ella — Olha... Não nos separemos zangados...

Elle — Mas eu não estou zangado, querida...

Ella — Nem eu, bemsinho. Não me mandas um beijo?

Elle — Um, não. Mando-te tres... Daquelles...

Ella — Meu amor... até amanhã.

Elle — Até amanhã.

Ella — Olha...

Elle — Que é?

Ella — Juizinho... sim?...

Elle — Não sejas enjoada...

Ella — E'... eu sei... Até amanhã.

Elle — Até amanhã (*Desliga... Suspira, alliviado*).

Supplicio de Tantalo

O leitor gosta de sardinha?
Para mim não ha peor peixe no mar.

A' minha mulher eu já tive occasião de dizer:

"Hontem me destes sardinha,
Hoje, sardinha me dáes;
Se não varia a cozinha
Eu aqui não janto mais."

E não jantava mesmo!

Não sei si a cara metade gostou da reclamação feita em verso; o caso é que desde então a sardinha não entra em nossa casa.

Mas o compadre Manoel Sardinha e toda a sua gente gostam muito de sardinha.

Serão influenciados pelo nome de familia?

E' possivel que sim, pois, segundo me consta, nunca provaram outro peixe.

Minha familia foi hoje cêdo para Petropolis e, como sempre que se encontrava commigo, o compadre Manoel insistiu para que eu fizesse uma refeição em sua casa, resignei-me a almoçar com elle.

Reunidos á mesa na ampla sala de jantar, eu, o compadre e sua familia, foi servido ao mesmo tempo sardinha frita, ensopada e em salada.

— O senhor gosta de sardinha? — perguntou-me, amavel, a comadre Manoela, mulher do compadre Manoel Sardinha, servindo o peixe á familia.

— Gosto muito, d. Manoela, mas infelizmente já almocei.

— A sardinha é o prato que eu mais aprecio, — ajuntou, risonha, minha interlocutora, reservando para si ração dobrada do maldito peixe.

Respondi affirmativamente por que imaginava estar o almoço todo na mesa; veio, porém, ap... mayonése de camarão, gallinha assada e de môlho pardo, prato que muito aprecio.

Supplicio de Tantalo!

Com um appetite devorador, sem de nada me servir, tive assistir ao final do almoço, amaldiçoando a lebrança de haver servido em primeiro logar a sardinha...

LEOPOLDO D. AMARAL

ASA
MARCA
UNES
REGISTRADA
HORS CONCOURS NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE 1922
65 - RUA DA CARIOCA - 67 - RIO -
MOBILIAS DE ESTYLOS LUIZ XV E XVI
E OUTROS ESTYLOS MODERNOS
DE OURO DE LEI OU LAQUÉ
VISITE AS GRANDES EXPOSIÇÕES NOS ANDARES SUPERIORES DOS NOSSOS ARMAZENS
PREÇOS VANTAJOSOS

Em todas as idades
FORÇA
ENERGIA
SAUDE
COM O USO DO
HORMOCALCIO
"GRANADO"
PODEROSO RECALCIFICANTE
TUBERCULOSE · CONSOLIDAÇÃO DE FRACTURAS · RACHITISMO
LYMPHATISMO
ETC.

VARINHA DE CONDÃO

MOVEIS MODERNOS — Confesso alegremente meu encanto pelo moderno gosto do mobiliario. Ia dizer moderna arte: porém con tive-me a tempo. Affirmam que não é arte. Que é frio, desgracioso, rigido. Arte com A maiusculo, como diz um poeta que Petite Source conhece, (eu não) e cita na sua secção de discos da *A SELECTA*, e coisa mais fina ao que parece. No mobiliario devem ser os productos archaicos de tempos passados.

Mas, por que esse partidarismo? Por que não aceitar como arte a expressão nova, de um seculo novo? E' differente, não ha duvida. Porém é mais conforme com nossos ideaes, nossas aspirações. Notem que não falo na utilidade, no lado pratico. São questões secundarias sob esse ponto de vista. Só de má fé pode-se affirmar que os moveis actuaes não têm um caracter proprio, definido, não são apenas mais commodos que os antigos, porém reflectem positivamente um estado de alma. São lisos, nitidos, sobrios, falam de coragem, rectidão, sinceridade. Estão longe do hypocrita, atravessado rebuscamento, ou da macissa solidez dos seus antepassados.

(Fig. 1)

E sinão vejam essa gravura da nossa pagina de hoje. Não é encantadora? Representa um quarto para mocinha. Nelle, um unico movel preenche todos os fins, bem aproveitado. Sob o leito as gavetas para a roupa branca, os pequenos accessorios da toilette. Ao lado do armario baixo, servindo a parte de cima como prateleira para um jarro de flôres e alguns livros. Do outro lado da parede, não visivel na gravura, apenas a pia de agua corrente, um banquinho, uma bôa cadeira. Nenhum espaço é perdido e tudo é harmonioso. E nada mais de tampos de armarios altos, accumuladores de poeira, nem de pés de camas obtendo cantos escusos para as baratas e coton. Nem se diga que é desgracioso. Um babado pregado com lacinhos faceiros enfeita a colcha, e combinando com ella as costas da cadeira têm uma bonita flôr applicada. As cortinas da janella de cassa leve, e do leito, accentuam ainda mais o aspecto delicado, bem feminino desse quarto. Ambiente de virgindade, sim, mas de virgindade esclarecida e consciente... e não amedrontada e romantica.

ROUPINHA PARA O BOY — O verão está proximo, não ha duvida, mas por todo este mez, e

(Fig. 2)

provavelmente ainda em dias do principio de dezembro teremos a inconstancia da temperatura, as chuvas trazendo uma humidade perigosa após momentos de calor já bem regular. As crianças resfriam-se com facilidade.

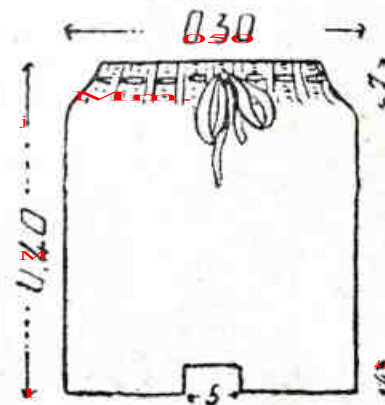
Eis porque não deixa de ser util ainda uma roupinha de jersey, para esses dias mais frescos. Pensando assim, não me contive de falar hoje ás minhas gentis leitoras mamãs, de uma novidade que pode bem ser apenas o ressuscitar de uma velharia, mas que pelo menos como tal apparece nas mais recentes revistas de trabalhos femininos. São as roupinhas para crianças, de jersey ou crochet, bordadas a mão depois de terminadas. Essa da gravura é de lã azul rei bordada de pontos de x com linha grossa azul marinho.

(Fig. 3)

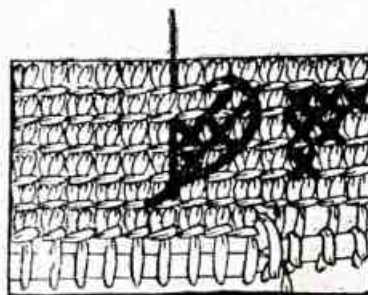
(Fig. 4)

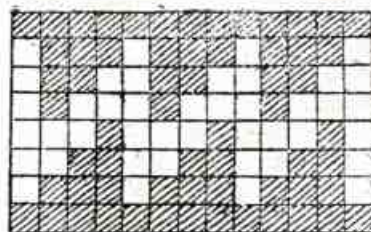
(Fig. 5)

O molde da calcinha é dado na fig. 3. Começar pelo alto da cintura. Fazer 80 malhas para uma metade de calça a de deante, por exemplo. Trabalhar sete centimetros, com ponto de relevo, dois e dois (fig. 4), depois 29 com ponto de jersey (fig. 5). Dahi em deante, contar no centro da figura 5 cm. de malhas e só trabalhar sobre 12 cm., mais ou menos 30 a 32 malhas. Fazer uma altura de 4 cm sobre essas 32 malhas e feixal-as. Recomeçar o trabalho no logar abandonado, prendendo a lã na primeira malha. Fechar para os 5 cm. do centro, mais ou menos 16 malhas. Ficarão 32 malhas sobre as quaes deve ser feito o mesmo trabalho que na primeira parte.

As duas pernas estão promptas. Faz-se outro pedaço semelhante

(Fig. 6)

para as costas da calça. Juntam-se essas duas partes por uma costura dos lados, passa-se uma fita ou um elastico na cintura.

Para a bluzinha, o molde é o da fig. 6. Começa-se pela parte de baixo das costas, sobre 80 malhas mais ou menos. Continua-se sempre igualmente até aos hombros, onde se divide o trabalho em tres

(Fig. 7)

partes iguaes, a primeira para o hombro direito, a segunda para fechar as malhas e fazer o decóte a terceira para o hombro esquerdo. Trabalhar o hombro esquerdo sobre 5 ou 6 cm. para o pescoço mais 10 ou 12 para a maneira que é na frente; deixar provisoriamente o segundo hombro tricotado até á altura necessaria Depois accrescentar-se-ão as malhas indispensaveis para alcançar as outras, fechadas para o decote. Deve-se trabalhar em linha recta sobre todas as malhas até attingir a altura total da maneira do lado esquerdo. Reunem-se em seguida todas as malhas sobre uma

(Fig. 8)

agulha só, e termina-se o vestido até em baixo. As mangas são feitas separadamente e cosidas nas cavas. O modelo do bordado está na fig. 7 e o modo de fazel-o na fig. 8.

ETIQUETAS SOCIAES — Uma questão sobre a qual ha duvida hoje em dia em relação á etiqueta das visitas é si estas devem ou não ser avisadas.

Antigamente as pessôas visitadas raras vezes podiam ter aviso prévio. A distancia, a difficuldade das communicações o impediam. Porém hoje, com o telephone, nada mais facil. Vem então a pergunta: "E' mais correcto advertir a pessôa que se pretende visitar, ou não o fazer?"

Eu não hesito em affirmar que se deve avisar sempre que possivel. Os antigos codigos de civilidade não cogitam dessa questão porque em geral elles são de epocas em que o telephone existia como excepção. As etiquetas sociaes têm de forçosamente evoluir com os costumes. Apenas suas leis fundamentaes, basicas, não mudam.

Entre essas regras capitaes a mais importante é a que nos preconiza agirmos sempre de fórma a não importunar os outros. Ora é evidente que é muito mais agradavel receber alguem uma visita de cuja chegada está avisado, cuja presença espera, do que obrigal-o a attender de sopetão áquillo com que não contava. Nem se diga que avisar é obrigar a receber. Mais facil e suave será para a dona da casa desculpar-se de longe com uma hora no medico ou no dentista ou um anniversario de uma pessôa intima, quando sabe que aquella que a procura ainda nenhum sacrificio fez, do que fechar a porta dizendo que sahiu depois que a conhecida alli está vinda de longe talvez.

Por mim, confesso que as visitas inesperadas, a não ser, é claro, de pessôas intimas que frequentemente nos procuram, me dão a impressão de que executam um rito obrigatorio, com a esperança secreta talvez de que terão a sorte de não encontrar a dona da casa e de cumprir assim um dever massante, gastando pouco tempo

O Homem Mysterioso

De JOSÉ C. BELBEY

ERA, indubitavelmente, um sujeito raro, o novo pensionista.

O sr. Lucas, o professor jubilado, dizia, á sobremesa, que o tal russo (para elle eram russos todos os estrangeiros cujo idioma não conhecia) devia ser um enviado bolchevista, encarregado de preparar um movimento na Argentina. A sua fertil imaginação não descançava na tarefa de alinhavar e desalinhavar conjecturas de toda ordem.

Mlle. Myriam, a loura cançonetista do Cosmopolita, suspirava ante a galharda figura do heroe da casa — mau grado a sua illustre pessoa.

E' que a figura de Brodinsky era para enthusiasmar não só Mlle Myriam e a patrôa, que o defendiam com calor, de todas as accusações que lhe faziam, mas tambem a honesta e philantropica Miss Kety que, a olhos vistos, lutava, cada dia, com menos ardor, pela causa feminista.

De onde viria o sr. Brodinsky? Mysterio.

Porque sempre estava triste o sr. Brodinsky?

Outro mysterio.

De que vivia o sr. Brodinsky?

Ainda um outro mysterio.

Brodinsky era um triplice mysterio.

Poucas vezes era visto. Saía depois da ceia. Dava uma pequena volta e regressava ás onze horas da noite.

Desde, então, até a hora de almoçar, permanecia encerrado, como uma toupeira na sua toca.

Terminado o almoço, erguia-se d amesa, e deixava a tertulia ruidosa, para tornar a encerrar-se.

Mas Brodinsky tinha uma preoccupação. Vinte vezes ao dia, elle perguntava si não havia chegado uma carta para elle.

E a sua figura alta, o seu bello rosto rapado, os olhos tristes, as palpebras cançadas, o cabello castanho eternamente emmaranhado, ia, pouco a pouco, definhando.

Mlle. Myrian, Miss Kety e a patrôa suspeitavam uma novella de amor. Isso as tranquillisava, mas perturbava os seus affazeres: "Que interessante elle era assim, dolorosamente bello, como lord Byron" — dizia a ingleza. — Uma aureola de romantismo a envolvia.

E Brodinsky, indifferente a tudo, sempre silencioso, sempre sereno, perguntava, todos os dias, pelo menos vinte vezes, si não haviam trazido uma carta para elle.

* * *

— E o sr. Brodinsky não festeja o anno novo? — perguntou-lhe Myriam entornando supeitamente, os olhos bellos, sobre os delle, tres dias antes da festa.

— Não sei, senhorita. Não sei — respondeu-lhe com uma doce voz de tenor. — Depende de uma certa cousa que espero.

— Uma carta?

— Sim, talvez de mulher...

— De mulher?

— Sim, talvez de mulehr...

Myriam fechou-se no seu quarto e despedaçou com os dentes o seu lencinho de linho.

* * *

Tambem vou festejar a entrada do anno — disse na mesa, Brodinsky: — o 31, ás doze. A patrôa contou, em segredo, ao snr. Lucas, que pela manhã o correio trouxera uma carta para Brodinsky.

Todos ficaram assombrados. O mysterioso havia rasgado o seu mutismo. Estava alegre. Ria, ria, sem cessar, pela coisa mais simples deste mundo.

Distribuiu bebidas com todas as pessôas da pensão, e correspondeu aos olhares das suas tres admiradoras. Foi ao cinema com Myriam.

— Não se espantem — havia prevenido — si faço um pouco de bulha. E' assim que se usa aqui se despedir do anno. Correm-n'o com balburdia, como a um cão leproso. Tenho uma surpresa. Vão vel-a...

Foi memoravel a reunião de 31, á noite, na pensão da sra. Garcia. Corria o "porto", corria a "champagne". Havia doces, bolos finos etc. Quanta comida saborosa! E os *bonbons*? e os *morangos glacés*?

O russo estava mais que espiritual. Falou por oito, gritou por vinte. Contou anecdotas picantes. Dançou um tango com a patrôa ao compasso da vitrola.

A alegria fervilhava ali como a espuma branca do "champagne".

— São doze, menos cinco — disse Martins, o empregado da casa.

Da rua chegava o ruido cada vez mais intenso do povo numa satisfação trepidante: tiros, sons de buzinas, salvas, repiques de sinos, musicas, uma gritaria infernal.

Brodinsky se levantou. Estava ligeiramente pallido.

— Senhores! — disse — Prometti-vos alguma coisa e vou cumpril-a. E' a minha contribuição ao ruido com que se enxota o anno velho. Um momento. Vou ao meu quarto.

Todos ficaram numa espectativa inquieta.

— Qual será a surpreza? Esse moço... — suspirou Myriam.

Um apito de vigilante annunciou a hora. A *sirene* do jornal *A Ordem*, gritava na noite esplendente. Os vapores surtos no porto faziam outro tanto.

— São doze horas. Meia noite! — berrou a hoteleira, erguendo a sua taça.

— Viva o anno novo!

— Viva! — gritaram em côro.

Myriam subiu a uma cadeira. Mas de repente se interrompeu. Uma detonação ecoou em toda casa.

Instinctivamente correram todos para o quarto. Brodinsky estava estendido no chão, com a cabeça aberta por uma bala. Junto a elle se via a carta que recebera naquelle ultimo dia do anno.

O sr. Lucas, o professor, se inclinou, apanhou-a e leu alguns dos seus trechos: "Já estou cançada de repetir que não penses em mim..."

Fóra, continuava o ruido. Toda a cidade festejava o anno novo.

A *sirene* d'*A Ordem* parecia agora, um lamento longo e uivante que se levantava para o céo cheio de estrellas.

A um canto, Myriam chorava silenciosamente.

UM CASO DE AMOR

Quando a vi, pela primeira vez, senti uma emoção estranha, fiquei atarantado, titubeante, indeciso. Olhei-a longamente, saciando a fome de belleza dos meus olhos na contemplação de seu corpo esculptural.

Approximei-me, timidamente, e procurei falar-lhe. Em vão busquei um pretexto para dizer-lhe alguma cousa. A minha commoção era tanta, que não pude encontrar uma phrase elegante e apropriada para a circumstancia.

Podia ter-lhe dito que ella era bella, formosa como nenhuma outra.

E' uma banalidade que a gente diz a todas as mulheres, porque a verdade é que todas ellas se presumem bellas...

Mas nem isso me occorreu.

A unica cousa que me occorreu foi a estupida exclamação: "Que calor!"

E eu tel-a-ia dito, certamente, se não fôra o frio cortante, que me obrigára a levantar a gola do sobretudo...

E, assim, ella se foi, da primeira vez em que a vi, sem que eu lhe pudesse falar do amor que repentinamente me inspirara.

Depois disso, andei como um louco a procural-a em todos os recantos daquelle bairro. Vi-a muitas vezes, mas nunca só, nem em companhia de pessoas conhecidas, das quaes me fosse permittido approximar-me.

Entrementes, crescia o meu amor, augmentava a minha silenciosa adoração pela adoravel rapariga loura, que vestia invariavelmente longos vestidos de seda negra e que, em materia de joias, usava sempre duas esmeraldas engastadas nas pupilas...

Certo dia, descobri onde morava e como se chamava. A moradia era o "Villino dos Sonhos".

O nome da rapariga loura, de olhos verdes e vestidos negros, era Cinderella.

Casa e mulher proprias para figurar em uma novela romantica, seculo VIII.

Se, por exemplo, a minha amada morasse na "Villa São Barnabé" e se chamasse Fredegunda, o thermometro do meu enthusiasmo amoroso desceria a zero. Tudo, porém, contribuia para augmentar o meu delirio passional.

Passei dias inteiros a rondar o "Villino dos Sonhos", procurando ver a adoravel Cinderella.

Mas no "Villino" outra cousa eu não via senão creanças de ambos os sexos, entrando e sahindo com livros, mappas, cadernos e canetas...

Soube, então, que Cinderella era professora. Tinha um curso particular e ensinava o "a-b-c" á petizada do seu bairro.

Desilludido, sem esperanças de vel-a novamente, deixei, por fim, de ir ao "Villino".

Um dia, entretanto, quando menos esperava, encontrei-a.

Eu viajava de bonde. Ia sosinho em um banco. Em dado momento, alguem fez signal. Era ella. Subiu, sentou-se a meu lado, no mesmo banco!

Felicidade extraordinaria!

Emfim pude tel-a ao meu lado, bem juntinho a mim. O que me cumpria fazer então, era falar-lhe, contar-lhe tudo, todo esse grande amor que me torturava.

Olhei-a. O meu olhar cruzou com o seu. Um fluido mysterioso nos obrigou a ficar olhando um para o outro, embevecidos como que em extase.

Lembrei-me, porém, de que devia falar-lhe. Como, entretanto, havia de começar?

Compuz mil phrases, pesei o effeito de centenas de galanteios e, afinal, nada me pareceu digno, distincto, ou pelo menos razoavel.

O bonde parou de novo. Um grupo de collegiaes barulhentos entrou no vehiculo. Accudiu-me á memoria o collegio particular do "Villino dos Sonhos". E eu, perturbado, timido, formulei esta pergunta deselegante e chã:

— A senhorita... é professora?...

E Cinderella, respondeu, desfazendo num gesto gracioso uma dobra importuna do seu lindo "tailleur" negro:

— E'...

Nunca mais a vi. Nem procurei vêl-a. Terminou assim o meu mais extraordinario caso de amor...

R. Magalhães Junior.

Senhoras!
uma necessidade moderna

Não ha casa de gente culta nos Estados Unidos onde o "Lysol" não seja empregado não só como protecção contra molestias e para evitar que os germens de infecção se propaguem, como tambem para a hygiene feminina.

O "Lysol" pode ser considerado como um symbolo de cultura e uma das necessidades modernas.

O "Lysol" é um disinfectante tão poderoso e efficaz que, misturado á agua, em proporções que variam de 2 a 3% apenas, desinfecta em absoluto tudo aquillo em que é applicado.

O "Lysol" propriamente *diluido*, de accordo com as claras direcções do rótulo, pode ser usado no corpo humano com toda a confiança, já para desinfectar feridas e lavar as mãos, já para o banho, como um deodorante, ou para a hygiene feminina (até mesmo no tratamento da leucorrhéa).

Lysol, para os soalhos

Uma necessidade em qualquer época mas que se impõe sobretudo em tempos de epidemias.

O "Lysol" tambem é excellente quando combinado á solução usada na limpeza diaria da casa. O seu odor indica de per si um asseio que é sufficiente garantia contra muitas enfermidades.

Lysol se vende nas Drogarias e Pharmacias em vidros de tres tamanhos

Nos cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÁO — E . . . DETESTAVEL

CASA DE ORATES

DA FIRST NATIONAL

Cinema GLORIA — Com franqueza, não ha nada mais aborrecido do que estar seguidamente a bater as producções de uma marca, dando a impressão errada e falsa de uma má vontade que não existe. Mas o certo é que a First não anda de sorte ou não anda avisada. Este film é um mixordia intragavel, que denuncia uma carencia absoluta de originalidade e até de bom senso, e que deixou o publico carioca irritado por lhe proporcionar uma fita de tal valor que ninguem póde acceitar nem admittir. O que se estranha sobretudo, é que ella tenha apparecido sob os auspicios da Companhia Brasil Cinematographica, sempre cuidadosa nos programmas que apresenta ao seu publico e que certamente não viu semelhante film para o deixar incluir nos seus programmas. Esperamos que este mez a First se levante destas duas quédas, que são muito graves.

Cotação — MENOS QUE SOFFRIVEL.

HOLLYWOOD REVUE

DA METRO

Cinema PALACIO — Mais um trabalho cinematographico para quem, na verdade foi creado, o film fallado. Mais do que em qualquer outro genero de producção filmesca, as pelliculas que são verdadeiras revistas, aproveitam, pela sua variedade, pelo canto e pelas scenas de phantasia, os novos moldes artisticos das mais modernas descobertas do film synchronizado. Das que neste genero tem vindo ao Rio, traduzidas pela Metro e pela Fox, HOLLYWOOD REVUE é sob varios aspectos a melhor. A photographia faz alli verdadeiros prodigios, destruindo absolutamente todo o prestigio das revistas theatraes, que não poderão nunca realizar as maravilhas scenicas que alli encontramos. Ha porém um pormenor que resalta e que póde servir de lição a quantos lidam com esta especie de trabalho artistico: é a marcação das "massas" que denunciam da parte dos directores d o film um grande talento coreographico e um admiravel bom gosto. O film é todo elle encantador. A musica é immensamente original nomeadamente o numero do "canto na chuva" e os numeros de bailados, dos mais bellos que nos têm sido dado apreciar. O film que o publico carioca tem recebido com enthusiasmo é um espectaculo delicioso que merece com justiça a

Cotação — MUITO BOM

DICA COMNOSCO
USEM LUGOLINA E SALSA CAROBA E MANACÁ DE HOLLANDA
PREPARADO PELO Dr. EDUARDO FRANÇA
OS DOIS JUNTOS REPRESENTAM O MELHOR REMEDIO PARA MOLESTIAS DA PELLE, FERIDAS, DARTHROS, ETC. ETC.
4$
LU GO LI NA
Dr. Eduardo França
LABORATORIO E FABRICA
AVENIDA MEM DE SÁ, 72 A 76 PHONE CENTRAL 2827
AGENTES REVENDEDORES DA LUGOLINA E SALSA
ARAUJO FREITAS & C.
RUA DOS OURIVES 88 E 90
RIO DE JANEIRO

Exijam o legitimo
SABONETE CREOLINA
PARA BANHO E USO MEDICINAL
SABONETE VETERINARIO
CREOLINA
COM o FACSIMILE DA LATA DE CREOLINA
PEARSON NO VERSO DOS ENVOLUCROS

RIRI

mar baixo, espreguiçando-se, muito longe, franze de azul as praias claras.

A creança brinca sobre a areia ensolarada. Escondida num reconcavo da duna alva, chora convulsamente. Grossas lagrimas escorrem pelo seu lindo rosto.

Ella não tem forças para fazel-as estacarem.

Abandona-se sobre o travesseiro de areia tépida e adormece extenuada de magua.

Quando desperta, o mar alto, bate de econtro á duna. A creança desapparecera. Ella, a senhora, ergue-se, apavorada, atirando aos quatro ventos do céo o seu grito de mãe desesperada:

— Riri! Riri! Onde estás?

Em vão! Ninguém sobre a praia. Nem uma vela no mar. As mãos postas á guisa de viseira sobre a fronte, ella prescruta, angustiada, a immensidade liquida.

Correntes glaucas, insinuando-se por entre reflexos de prata, corregam uma pequena massa escura.

Gaivotas gritam em torno a essa massa.

Um frison de terror deixou-a gelada. Ella se precipita pelo mar a dentro, os braços no ar.

Uma onda de fundo soergue a massa escura: é um bolo de sargaços que vem boiando sobre as aguas e se desfaz a seus pés.

Ah, Deus seja louvado! A senhora sobe para o alto da duna.

A perder de vista, a planicie se estende deserta. Juncos marinhos ondulam, aqui e ali, ao sopro forte do vento. Ella corre de touceira em touceira. O seu Henrique, o seu lindo e pequeno Henrique se diverte, muitas vezes, em se esconder entre ellas. As suas pesquizas a levam até a margem de corregos de agua doce.

Sobre a areia humida ella vê, emfim, a marca de uns pés de creança. Cáe de joelhos com um grito de esperança: os passos se dirigem para terra. Elle passou por ali, certamente.

Não ha duvida. Ella reconhece a fôrma e até mesmo a enervação daquelles dedos de rosa, que ella aquece, á noite contra o seio; que ella aquece, acaricia e beija com fervor.

E elle tambem, o infiel, os tomava na sua mão pesante; premia-os contra os lábios, fazia cara de que os ia triturar, e o pequeno ria de todas essas palhaçadas, agarrado ao pescoço da mamã.

A flamma do fogão ardia serenamente.

E eis que a taça dessa felicidade pura se partiu ao choque da traição.

Trail-a! A ella que se lhe havia confiado de corpo e alma, com todo o seu enthusiasmo, a febre do primeiro amor, — ella que lhe havia trazido o thesouro de um coração virginal, não sonhando senão ternuras e felicidades sem limites.

Trail-a! A ella que lhe déra aquelle anjinho ... sado, e que o nutrira até vel-o forte e vigoroso.

No emtanto, elle era intelligente, tinha coração, amava-a e abandonara-a. Que cruel contradicção!

Ella tombava do alto do seu sonho.

Durante a noite, ella fugira delle, levando o ... filho para longe das suas mentiras e das suas ... nias. Refugiou-se no silencio daquella praia perdida, naquelle sitio melancolico, onde ninguém viria ... prehender a sua dôr.

— Henri! Mon Riri! Meu amor! Onde estás?

Ergueu-se, sacudindo a cabeça para enxotar as ... recordações. Atravessou o regato. Do outro lado ...

De HENRI DORIS

. . .

riacho, ainda vê as pegadas da creança e, ao lado dellas, uma porção de mariscos e conchas, que Henri costumava juntar para os seus brincos infantis.

Uma dessas conchas brilha sobre a areia. Adeante vê uma outra. E depois outra mais... O garoto semeou o seu caminho desses productos do mar, afim de não se perder no regresso.

Mais calma, ella segue a pista do seu pequeno Pollegar. Como elle é valente e ladino! Com quatro annos apenas! Ir tão longe, e sosinho! Onde? E por que?

Mas, agora, que recuperou o seu sangue frio, ella pensa no desejo do pequeno, de procurar o seu papae. Ella diz, docemente: "Não!" E ajunta:

— Papae partiu para uma longa viagem. Foi para longe, muito longe.

— Quando voltará?

— Não sei.

Então a creança olha com os seus grandes olhos claros e candidos. Já não brinca mais com alegria; não tem mais aquelles risos de outr'ora... Parece ter adivinhado todo o segredo tragico.

Ella se apressa, em direcção ao continente. Um pennacho branco fluctúa por cima dos tamarineiros da pequena estação. Um trem acaba de chegar. A grade da via-ferrea, duas mãos se agarram para levantar uma cabeça loura.

Riri! E' Riri! Ella vae chamal-o, mas subito a palavra lhe morre nos labios.

Um passageiro apparece, e Riri corre ao encontro delle. Ella se esconde por traz do emmaranhado das arvores. O homem ergue o pequeno nos seus braços e aperta de encontro ao peito.

— Riri! Riri! Estás sosinho? E mamãe, onde está ella:

— Está lá, lá! Chora sobre a duna. Vem commigo. Os papaes devem consolar as mamães. Eu sou pequeno, mas tu estás ahi. Vem depressa.

— Vamos, tu conheces bem o caminho?

— Sim. Semeei conchas do mar por todo elle.

— Então, és tu o pequeno Pollegar? Eu serei o indigno ogre.

Mas o ogre empallideceu de repente. As suas mãos tremeram. As suas palpebras bateram. Elle viu atravessar o rengue de arvores a silhueta da esposa. Approximou-se della a affegar. Riri adeantou-se e caiu nos braços abertos da mãe.

— Mamã! Mamã! Elle voltou, o papae!

— Fizeste boa viagem? disse ella com um sorriso contrafeito.

— A melhor viagem é o meu regresso, bem vês.

— Papae! Mamãe! Beijae-me, á hora de dormir.

Elles se fitaram, os olhos humidos e, num mesmo gesto pousaram os labios na fronte da creança, um ao lado do outro.

O pequeno desce para o chão.

— Vem papae! Vou mostrar-te o caminho.

E atirou-se, a correr.

— O nosso filho já me mostrou a estrada, declarou o marido prodigo. Eu me havia perdido em um caminho estreito. Entro agora por um direito e largo. Queres vir commigo, afim de acompanhal-o, como antes? De todo coração?

— De todo coração... sem maguas... sem rancor?

— Não tenho senão uma grande magua: ter-te causado tão grande desgosto.

Ella levanta para elle os seus olhos estrellados de lagrimas.

— Sim, murmurou ella. Tudo por elle, pelo nosso filho — como outr'ora...

ESPIRITO ALHEIO

O MOMENTO DIFFICIL

— Fica ahi, onde estás, Helena, que te salvarás!

CAVALLOS...

— Seu marido entende de cavallos?
— Muitíssimo. Na vespera das corridas sabe com segurança que cavallo vae ganhar, e no dia seguinte sabe por que perdeu....

GARGALHADAS...

— Não me opponho, Maria, a que venham visital-a seus amigos. Mas, quero que façam menos barulho. Até aqui chegam suas gargalhadas!
— E' que eu lhes estava contando como a patrôa fez, hontem, uma ta....

CREANCICE

— Olha, mamãe! Vou sentado ao lado de uma boneca viva!

ARTE FUTURISTA

A esposa do artista. — Meu marido pintou isto na Inglaterra, mas não sabe ainda que titulo possa dar-lhe.
O amigo. — Por que não lhe chama, o que é, simplesmente: "Paizagem ingleza"?
O artista. — Pois eu havia pensado em chamal-o o que realmente é: "Retrato de minha mulher".

A victima dos ladrões. — Elles fugiram no meu automovel. De maneira que não devem andar muito lon...

MACHINAS DE COSTURA

"GRITZNER"

DE MÃO E DE PÉ, COM TAMPA

Unicos representantes:

HERM. STOLTZ & Co.

Avenida Rio Branco, 66-74 — RIO DE JANEIRO
Tel. N. 6121 — Caixa Postal 200

Pela sua inconfundivel perfeição, elegancia, durabilidade e bom gosto. FOI O UNICO que obteve a mais alta classificação na Exposição Internacional do Centenario da Independencia do Brasil em 1922:
Hors Concours.

A' venda em todas as bôas casas da Capital e dos Estados

FABRICA

FERREIRA SOUTO & C.

RUA FONSECA TELLES, 18 a 30.

RIO DE JANEIRO

30 ANNOS DE USO CONSAGRADO!

CREME DO HAREM

CONTRA ESPINHAS, RUGAS, MANCHAS, PANNOS E ERUPÇÕES DA PELLE

O sonho que se esboróa

(Continuação)

todo tempo, uma vez que terminará o teu martyrio de forçado, por traz dos vidros de um escriptorio maldito. Agirás á tua vontade, como homem livre, e poderás assim ter os teus caprichos. Dize, meu querido, que é que te poderia agradar, neste momento?

Senti-me dominado pela exaltação de Bertha. Vejo-a ainda, na direcção do lar, com o seu typinho gracioso, ostentando um bello vestido da casa Vinlau.

— Minha querida Bertha, a unica coisa que me possa causar especie é saber-te feliz.

— E's muito gentil. Toma! Eis as famosas notas. E' preciso que as troques amanhã mesmo.

Deante das vinhetas longas encontro o meu prato normal. Sei que os bilhetes não passam de vagos papeis sem valor, mesmo sem curiosidade, visto como ha uma infinidade delles pelo mundo. A minha cara contrafeita denuncia a minha decepção.

— E's desconcertante, Victor. Tu acabas por me fazer duvidar da nossa bôa sorte inesperada. Oh, não! Não digas que é forçoso renunciar a todos os meus sonhos!

— Comtudo, minha querida Bertha...

E eu lhe explico a verdade. Conto-lhe mesmo uma longa historia. Narro-lhe mesmo algumas anecdotas sobre o caso dos marcos. E' lamentavel, mas é a verdade.

Quantas pessôas recomeçam a fabula de Perrette e o seu pote de leite!

Bertha chora.

Procuro acalmal-a com palavras amaveis e sensatas. Sinto-me pretencioso com a minha prudencia. Bertha continúa a derramar as suas lagrimas. Por que foi ella encher o tempo, procurando coisas inuteis na commoda? Só para construir essa historia infantil.

Maria, a creada, vem inoportunamente, dar uma lição de moral, mais triste ainda, a esse respeito; uma lição que não lhe pedira. Com a sua falta de geito, ella avança até nós e nos diz, sem outra prevenção, que o açougueiro acaba de reclamar, pela terceira vez, o pagamento das ultimas contas da semana.

— Não tens dinheiro, Bertha?

— Não! Não tenho um real em casa!

— E' que tambem ainda não recebi o meu ordenado deste mez. Maria, diga ao homem, que volte aqui amanhã.

Então Bertha me fita e os seus olhos brilham cheios de amargura: ella vae falar, sem duvida, com rancor... Não! Emquanto o seu olhar se prolonga, ella solta um suspiro, quasi num soluço, que me faz medir a profundeza do abysmo onde se esboróa o seu bello sonho tão frágil...

O amor, por amor das rosas

DE GUY-PÉRON

MLLE. Casimir Benoit, organista da egreja de Sainte-Euverte d'Orleans, era uma solteirona que havia ultrapassado a idade canonica.

Morava em uma rua deserta e silenciosa, por traz da cathedral. A sua casa branca, de janellas bordadas de vasos de resedás, precedia um jardim florido de rosas, no verão, e de chrysantemos, no outomno.

Não tendo parentes, nem amigos, vivia só, consagrando o seu tempo ás obras piedosas e á musica religiosa.

Uma tarde, ao crepusculo, acabava Mlle. Casimir de accender a sua lampada de *abat-jour verde*, quando um ruido de vidros quebrados a fez estremecer. Depois, uma pedra, lançada de fóra, veio rolar a seus pés. O seixo estava envolto e amarrado em um papel azul.

Intrigada, a organista de Sainte-Euverte apanhou-a, desamarrou-a, abriu o papel. Depois, com espanto e enternecimento, leu estas linhas:

"Mademoiselle.

De ha muito que desejo desposal-a. Desgraçadamente a minha timidez nunca me deu coragem para abordal-a e exprimir-lhe o meu intenso desejo. Perdôe-me esse meio de que me servi para me fazer comprehender. Si a idéa de casamento não lhe desagrada, queira dizer-m'o, chegando amanhã de manhã, á janella, depois de ter espetado uma rosa no seio. Moro defronte a sua casa. — *Um celibatario*."

Mlle. Casimir ficou intrigada com a missiva. Chegar á idade de quarenta e cinco annos, sem ter sido pedida, nem uma vez em casamento, e, um bello dia, receber esse pedido por via aerea, era de causar pasmo. Mas quem poderia ter pensado em pedir a sua mão por aquelle processo?

"Moro defronte á sua casa", dizia a missiva.

Ora, a casa fronteira — um sobrado de cinco andares — era habitada. Occupava o porão o sr. Miallon, bedel de Sainte-Euverte. O primeiro andar pertencia ao sr. Bloch, archivista. Este era casado. Habitava no terceiro andar, o senhor Portejoy, vigia da estação de Aubrais; este era divorciado. Havia no terceiro, um solteiro, o coronel Hector de Rempart; no quarto, o abbade Gribiche, primeiro vigario da cathedral.

No quinto, morava, o sr. Rapin, pintor e celibatario.

A carta não podia vir nem do sr. Bloch, casado, nem do abbade Gribiche, solteiro "et pour cause".

Como candidatos provaveis restavam apenas: os srs. Miallon, Portejoy, coronel Rempart e Rapin.

Qual delles havia atirado a carta?

Mlle. Casimir não dormiu, nessa noite.

NO dia seguinte, de manhã, ella se metteu á janella e examinou os cinco andares da casa fronteira, começando pelo alto. O artista estava no balcão e fumava o seu cachimbo, olhando as nuvens. Foi em vão que, tossindo alto, a organista procurou chamar a attenção do sr. Rapin.

No quarto andar, estava o abbade Gribiche, que aguava as suas flôres, ao peitoril da janella. No terceiro, o coronel de Rempart, debruçado ao varandim, fumava um grosso charuto. Vendo a sua vizinha, fez-lhe uma saudação amistosa, e Mlle. Casimir experimentou uma grande emoção.

"Seria elle o candidato á sua mão? pensava ella. Essa maneira de fazer um pedido de casamento, quebrando vidros, era bem militar."

Depois, lembrando-se da ultima recommendação da carta, Mlle. Casimir entrou no salão, tomou a rosa de um vaso, espetou-a na blusa e voltou á janella.

Então o coronel lhe gritou:

— A senhorita tem uma linda rosa. Sem duvida é uma Rainha Hortensia ou uma gloria de Dijon?

— Não, coronel, é uma Marechal Niel.

— Uma Marechal Niel? Mas então, é preciso que me dê um botão della.

— Quando quizer, coronel. Tenho uma touceira dessas rosas.

— Tem uma touceira? E' admiravel!

— Si quizer vir vêl-a...

— Mas como? Ah! Espere... E' só o tempo de metter o meu dolman. Vou já.

* * *

O som da campainha electrica fêl-a estremecer. Tremula de emoção ella foi abrir a porta.

Era elle. Tinha uns bigodes de conquistador, a barbicha aggressiva e trazia sobre a orelha o bonet azul com cinco galões.

Pediu-lhe que a seguisse até ao jardim, pelas alamedas bordadas de *bluets*.

— Oh! é extraordinario! — exclamou o official, ao defrontar a touceira de rosas. Que nuances delicadas! E que perfume! Passaria o resto da minha vida neste jardim. Vê a senhorita? As rosas são toda a minha grande paixão!

Mlle. Casimir teve uma decepção espantosa. Não era a ella que elle amava, mas ás suas flores. Entretanto, não perdeu a esperança de conquistar o coração do coronel.

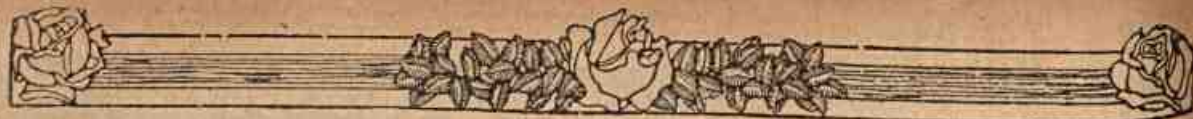
— Aqui está uma rosa magnifica, pelo seu avelludado, disse ella. E' uma rosa sem nome. Mas vou denominal-a...

— Que nome lhe vae dar?

— Coronela de Rempart.

— Oh! não! Sou celibatario, — protestou o militar.

— Tambem eu o sou, — disse a solteirona, enrubescendo.

CALLOS
Não importa quão doloroso seja o callo, o novo methodo acaba com a dôr em 3 segundos. Uma gota do maravilhoso liquido scientifico e o callo se enruga, desprendendo-se facilmente. Os medicos usam-n'o e o recommendam. Á venda em toda a parte. Cuidado com as imitações!
"GETS-IT"
Chicago, E. U. A.

O amor, por amor das rosas

E tendo colhido a rosa:

— Oh, na verdade, mademoiselle, é muito amavel, — respondeu elle tomando a flôr.

Depois, como já fosse tarde, despediu-se da organista, promettendo voltar.

Voltou com effeito, mas não com as mãos vasias. Trazia uma garrafa de vinho e uma de champagne.

— Era para celebrar o baptismo de uma rosa: Coronela de Rempart.

Então, a organista o convidou para jantar. Elle acceitou o convite.

A' sobremesa, o coronel, por amor das suas rosas, pediu a mão da moça a si mesmo. Ella concedeu-lh'a dizendo:

— Prefiro que m'a peça, do mesmo modo que me quebrou os vidros.

— Que me diz? Não quebrei vidro algum.

— Ah! perdão! Conservei a carta que me enviou. E ella lh'a pôz sob os olhos.

— Mas não fui eu o seu autor! — exclamou elle. Escrevo melhor do que isto.

— Então, — disse a organista, inquieta e sonha-dora — quem foi?

— Oh! Mas eu adivinho! — exclamou o coronel. Essa carta está escripta em papel de desenho. De mais, para penetrar aqui, a pedra descreveu uma trajectoria, como se diz em termos militares. O seu ponto de partida, segundo os meus calculos de artilheiro, está no quinto andar. O culpado foi o bri-lhão que se mudou ha cerca de oito dias.

. . . .

No dia seguinte ao do casamento do coronel Hector de Rempart com Mlle. Casimir Benoit, esta encontrou por traz da egreja de Sainte-Euvert, o sr. Mial... bedel do templo, o que lhe disse com amargura:

— Não é chic o que a senhora fez. Devia ter-me dado a preferencia, porque fui eu o primeiro a fazer o pedido de casamento.

— Como? E' o senhor o homem da pedra?

— Perfeitamente.

— Entretanto, a trajectoria partiu do quinto andar, segundo os calculos do coronel.

— Ora essa. Pois eu atirei o meu pedido do porão, servindo-me de um lança-pedra especial! — resmungou o bedel, afastando-se, emquanto nos seus labios fluctuava o sorriso dos desilludidos...

TROCADILHO

E' Romeu um grande intellectual escondido nas sombras de immensa modestia. Não lhe citamos o verdadeiro nome, porque nos prohibe fazel-o.

Sentado ao pé de pequenina mêsa em encantadora festa joanina, tinha um copo de cerveja em sua frente. Estava só. Pensava nas tradicionaes noites de São João do torrão natal com as suas fogueiras crepitantes, os busca-pés serpeando nos ares, no chão, a classica, a bôa cangica de milho verde, os bolinhos de mandioca puba... e vinha-lhe á mente o côco com as suas palmas, as suas embigadas, as suas trovas:

"Maceió, Maceió,"
"fortaleza de mão!"
"Atirei com Maceió;
"botei Maceió no chão!"

E, sorridente, cantava elle baixinho, quando passa de braço dado com fino congressista uma dessas creaturinhas adoraveis, delgada de corpo, exhalando perfume que enebria, mixto de ambar antigo e carne de mulher aceiada, fórmas peregrinas, pés 32. E' intima do excellente pensador, e pede-lhe o deputado com insistencia:

— Mexa com elle... mexa!

Ergue a senhorinha a cabecita loira, e joga-lhe cara a cara:

— Velho!

— Velho, eu? E' commigo mesmo?!

— Sim, velho triste!

— Triste?! Estou sorrindo...

E diz á joven os versos de Alfredo de Assis; dil-os deliciosamente emphatica para o causticar:

— *"E tem muito mais*
[luz, mais esperança"
"a lagrima nos olhos da
[criança"
"que o sorriso nos labios
[da velhice."

— Está bem. Estou conformado. Continúe a passear com o meu amigo. Quando por aqui voltar, dar-lhe-ei o merecido troco.

E fica pensando no que ha de responder á travessa joven que vae ao braço do congressista e ex-governador de Estado nordestino.

O jazz atordôa-nos com forte peça que nos faz vibrarem os nervos; e dançam todos os pares. Repete-se a peça a pedido, e dançam-na todos novamente.

Palestram uns, brincam outros; e, quando pensa Romeu haver a senhorinha se esquecido delle, chega ella ainda ao braço do deputado, aproxima-se-lhe, exige-lhe o troco promettido.

— Já não me lembrava, confessa.

— Logo vi! Todo o velho come muito queijo! Que triste velho!

— Ouve, menina: é triste o velho que está presente porém mais triste será a velha que está por vir!

E sorri a creaturinha adoravel em mixto de ironia subtil e dissimulada tristeza, a fazer fo-guete de palavras — a velha do porvir... a machinar um trocadilho!

HORMINO LYRA

O Telescopio

Um dia, o telescopio descoberto,
Deu-se o milagre: ás custas desse invento
Todo o espaço pontilha-se, coberto
De astros novos povoando o firmamento.

O astronomo olha o magico instrumento:
Vê astros invisiveis, boquiaberto,
E os mundos conhecidos, de momento,
Traçando as suas orbitas mais perto.

O amor é como esse optimo apparelho:
Faz-nos ver mundos novos... prescindindo
Do concurso de lentes e de espelho.

Como astros invisiveis ou distantes,
Approxima os ausentes — diminuindo
A distancia que existe entre os amantes.

ALCIDES DE SIQUEIRA.

E' A MUSICA

QUE FAZ DA CASA UM LAR!

5:000$000

R E - 45 - Electrola e Radio Victor

UMA CASA SEM MUSICA É O LOGAR MAIS TRISTE DO MUNDO

É, de facto, a harmonia o encanto da vida: harmonia no lar; harmonia na musica; harmonia na coordenação de tudo quanto nos circumda.

Musicas alegres, dansas vivazes, canções cheias de vida, de mocidade e de fulgor, ou trechos de musica saudosa e evocativa!...

Tudo está ao nosso alcance, com maravilhoso realismo, e quando o desejarmos, se possuirmos um apparelho Victor e os seus insuperaveis discos.

Visite hoje mesmo o nosso estabelecimento, ou o de um dos nossos revendedores, e escolha a sua machina.

TEMOL-AS PARA TODAS AS BOLSAS

Distribuidores geraes:

PAUL J. CHRISTOPH COMPANY

Ouvidor, 98 — Rio. S. Bento, 35 — S. Paulo.